

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL

GILDIMAR GUILHERME DA SILVA

O IMPENSADO:
uma experiência filosófica sobre a escrita da vida

Recife
2020

GILDIMAR GUILHERME DA SILVA

O IMPENSADO:

uma experiência filosófica sobre a escrita da vida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

Recife

2020

GILDIMAR GUILHERME DA SILVA

**O IMPENSADO:
uma experiência filosófica sobre a escrita da vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos – Orientador
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Vieira Ramos – Avaliador Interno
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino – Avaliadora Externa
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Aos meus pais,
José Guilherme e Josefa Luiz,
Pelo incentivo e carinho.

AGRADECIMENTOS

A todos que sonharam e juntos comigo fizeram essa experiência acontecer, fica expressa aqui minha gratidão e meu carinho filopoético, especialmente:

Aos meus pais, Josefa Luiz e José Guilherme, por tudo que fizeram e fazem para que eu pudesse estar aqui hoje, pela presença, pelos os cafezinhos na madrugada, sei que estavam cansados, mas estavam ali sempre ao meu lado.

Aos meus irmãos, Jaciel Guilherme e Jaciele Guilherme, por serem sempre essas pessoas de luz em minha vida, pelas prosas e pela presença física e virtual.

Ao Prof. Dr. Junot Matos, pela orientação, pelo aprendizado, pelas aulas, pelas horas infinitas que se dispôs a me ouvir, pela amizade que se tece nessa caminhada e por todo o apoio nos momentos necessários.

Ao Prof. Dr. Sérgio Ramos, pela predisposição em me ouvir, pelas aulas maravilhosas e por ter aceito participar desse momento formativo em minha vida.

À Profa. Dra. Reilta Cirino, por ter aceito o convite para participar como avaliadora externa, pelo saber partilhando na qualificação e no encontro do PROF-FILO em Curitiba/PR.

Aos Professores do Mestrado Profissional, núcleo Recife, pelas tessituras da vida, por se colocarem como uma família.

Aos colegas do Mestrado, em especial, Maria do Carmo, Renata Leão e Renildo Gomes, pelas infinitas prosas, pela irmandade, pelo amor-amigo incondicional.

Aos colegas professores e agora também mestrando do PROF-FILO, Marta, Edlania, Ilda, Elanio, Ginaldo e Wagner, vocês que compõe o G7 – Corujinha Caburé, obrigado pela presença amiga durante as viagens até a universidade.

À Profa. Denise Marcelino, pela disposição, orientação e amizade.

À Profa. Elaine Paula, pela escuta atenta e pelos cafezinhos.

Aos meus alunos, em especial: Émilly, Adson Roberto, Crislane, Rosana, Analyce, Andressa Rafaela, Bruna, Cristiano, Edson Júlio, Hannia, Jaciele, Jennyfer, João Felipe, José Hyan, Fernanda, Waísia, Jaislane, Andressa Bezerra, Ellen Beatriz, Hellen Thauany, Iasmim, Izabela Dafinny, Juliana, Juliane, Hyslanne e Weslânia, obrigado por cada momento que partilhamos juntos, as oficinas só aconteceram porque vocês se deixaram tocar pela escrita da vida.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta experiência impensada.

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros.

(JORGE LARROSA, 2014, p. 43)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é pensar a possibilidade da experiência como mediação do filosofar e da filosofia no ensino médio, bem como pensar a experiência como uma escrita filosófica da vida e do mundo da vida. No entanto, o saber da experiência e a inconclusão humana será o caminho norteador para pensarmos o sujeito da experiência, e a experiência que toca e que nos toca, que acontece e que nos acontece. Sendo assim, é importante compreendermos o que é experiência e quando ela nos toca e nos acontece, para que possamos compreender a escrita e a experiência de estar-no-mundo como sujeitos responsáveis pela invenção da vida e do mundo da vida, diante das experiências plurais, considerando que o sujeito vive ao seu modo a experiência de mundo, inventando a si e aos outros através das experiências coletivas, dentre elas a experiência do filosofar e escrever a vida na escola e nos demais espaços sociais. Para tanto, será a partir da leitura Larrosiana sobre a experiência – como algo que nos toca, que nos acontece – que abordaremos a experiência filosófica sobre a escrita da vida e como o filosofar na escola possibilita ao aluno pensar e escrever a vida e o mundo da vida. Todavia, a partir da experiência como algo que nos toca, que nos acontece, nos permitimos pensar o ofício do ser professor e a sala de aula como lugar de trabalho, como um dentre tantos espaços possíveis para escrevermos ou para começarmos a escrita da vida. Como proposta de intervenção do Mestrado Profissional em Filosofia – Núcleo UFPE – realizamos as oficinas sobre a “experiência do dizer, reflexão e escrita”, pensado a partir da compreensão Larrosiana sobre as dificuldades para que a experiência aconteça e as precauções que devemos ter para fazermos soar a experiência. Destacando a importância da filosofia e do filosofar através das experiências impensadas diante de uma vida por acontecer, e as contribuições para o ensino da filosofia no chão da escola na rede pública do estado de Alagoas.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino. Experiência. Impensado.

ABSTRACT

The objective of this work is to think about the possibility of experience as a mediation of philosophy and the act of philosophizing in high school, as well as thinking about the experience as a philosophical writing about life and its world context. However, the knowledge of the experience and the interminable human condition will be the guiding way to think about the subject of the experience, and the experience that touches him and that touches us, the experience that happens and that happens to us. Therefore, it is important to understand what experience is, when it touches us and happens to us, so that we can understand writing and the experience of being-in-the-world as subjects responsible for the invention of life and the world of life; in the face of plural experiences, considering that the subject lives his experience of the world in his own way, inventing himself and others through collective experiences, among them the experience of philosophizing and writing life at school and in other social spaces. To this end, it will be through reading Larrosiana about the experience - as something that touches us, what happens to us - that we will approach the philosophical experience about the writing of life and how philosophizing at school allows the student to think and write about life and its world context. However, from experience as something that touches us, what happens to us, we allow ourselves to think about the work of being a teacher and the classroom as a place of work, as one of so many possible spaces to write or to start writing life. As an intervention proposal for the Professional Master's in Philosophy - UFPE Nucleus - we held the workshops on the "experience of saying, reflection and writing", based on Larrosiana understanding of the difficulties for the experience to happen and the precautions we must take to make the individual experience sound. Highlighting the importance of philosophy and the act of philosophizing through unthinkable experiences in the face of a life yet to come, and contributions to the teaching of philosophy on the floor of a public school in the state of Alagoas.

Keywords: Philosophy. Teaching. Experience. Impensed.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O SABER DA EXPERIÊNCIA E A INCONCLUSÃO HUMANA.....	18
2.1	O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA.....	26
2.2	A EXPERIÊNCIA: UM LUGAR ENTRE A DOXA E A EPISTEME.....	31
2.3	A SINGULARIDADE DO SUJEITO DIANTE DAS EXPERIÊNCIAS PLURAIS.....	34
3	A EXPERIÊNCIA DO SUJEITO A PARTIR DO ESTAR-NO-MUNDO....	37
3.1	O LUGAR DO SUJEITO NO MUNDO.....	38
3.2	O SUJEITO VIVE AO SEU MODO A EXPERIÊNCIA DE MUNDO.....	40
3.3	A INVENÇÃO DE SI PELA EXPERIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA COLETIVA DO SUJEITO.....	47
4	A EXPERIÊNCIA COMO MEDIAÇÃO DO FILOSOFAR.....	50
4.1	ESCREVER E EXPERIENCIAR FILOSOFIA NA ESCOLA.....	57
4.2	O OFÍCIO DO SER PROFESSOR: SALA DE AULA, LUGAR DE TRABALHO.....	62
4.3	UM LUGAR PARA COMEÇAR A ESCRITA DA VIDA.....	69
5	EXPERIÊNCIA DO DIZER, REFLEXÃO E ESCRITA.....	71
5.1	VIVER JUNTOS: UM DESAFIO HUMANIZADOR.....	76
5.2	UMA PALAVRA COMPLEXA: PARA COMEÇAR, A MORTE.....	81
5.3	A POESIA COMO EXPERIÊNCIA SINGULAR NA VIDA DO SUJEITO E NA RELAÇÃO COM OS SEUS PARES.....	84
5.4	PALAVRAS QUE USAMOS PARA DESCREVER A VIDA	87
5.5	FINITUDE E EXPERIÊNCIA: MÚLTIPLOS OLHARES PÓS-OFFICINAS.	92
6	(IN)CONCLUSÕES.....	97
	REFERÊNCIAS.....	104
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO REFERENTE À UMA PARTE DA OFICINA “VIVER JUNTOS: UM DESAFIO HUMANIZADOR”	106
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO REFERENTE À UMA PARTE DA OFICINA “UMA PALAVRA COMPLEXA: PARA COMEÇAR, A MORTE”	115
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO REFERENTE À UMA PARTE DA OFICINA “A POESIA COMO EXPERIÊNCIA SINGULAR NA VIDA DO SUJEITO E NA RELAÇÃO COM OS SEUS PARES”.....	121
	APÊNDICE D – PALAVRAS QUE USAMOS PARA DESCREVER A VIDA.....	125
	ANEXOS A – AVALIAÇÃO SOBRE AS OFICINAS.....	153

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação nasce das inquietações e olhares sobre o filosofar na escola.

Nasce através dos acontecimentos e experiências impensadas sobre a escrita da vida. Quando mencionamos o impensado sempre estamos colocando-o no lugar que temos domínio, onde gramaticalmente podemos dizer o que é, no entanto o nosso dizer não faz referência a ele e sim as questões previamente postas pela conjuntura espaço-tempo onde coabitamos com os demais seres humanos.

Dissertar sobre o impensado como um experiência filosófica sobre a escrita da vida após as as discursões realizadas nas diferentes disciplinas, bem como no processo de encontro com o orientador, mostrou o quão transitório é qualquer proposição assumida numa pesquisa científica.

Pontuamos que não fazia mais sentido seguirmos pensando a sala de aula, a filosofia e o filosofar como construção de conceitos, pois antes da aula de filosofia ser um laboratório, ela é uma experiência singular, aberta as incertezas e acontecimentos, respondendo as perguntas da vida que busca novas ideias e não aceita ser a favor da corrente, buscando palavras que façam pensar sobre a vida e o mundo da vida.

No encontro nacional do PROF-FILO realizado em Fortaleza em setembro de 2018, foram comprovadas as nossas hipóteses com relação a construção de conceitos em sala de aula, que em sua maioria estavam sendo feitos recortes de textos de filósofos ou temáticas filosóficas, negando o potencial do aluno e da aula na construção do pensar, da leitura e da escrita, inviabilizando a capacidade de percepção dos acontecimentos e reflexão sobre as experiências.

As ideias previamente estabelecidas num primeiro momento não deixaram de existir e não negaram sua contribuição para o momento presente, no entanto, identificamos outras possibilidades para mediação do saber, sendo uma das mais viáveis, pensarmos a filosofia como mediação para a experiência, ela que nos motiva a buscar uma maior compreensão sobre as perguntas da vida e do mundo da vida.

Buscamos, agora com maior clareza, as palavras que se aproximem da tradução das palavras tempo *versus* acontecimento e acontecimento *versus* experiência. Acreditamos que seja a escola, especificamente as turmas do ensino médio, o lugar onde o questionar sobre a vida esteja presente com maior intensidade, e que as aulas de filosofias acabam absorvendo essas perguntas.

A proposta descrita nas páginas seguintes apresenta a escola como um lugar para o experimentar filosófico da vida e da experiência na filosofia, na filosofia da educação, no ensino da filosofia e não na história da filosofia antiga, moderna ou contemporânea, nem em um recorte sobre vida e obra de determinando filósofo.

Não excluimos a possibilidade de que a experiência esteja também nesses lugares, mas estamos cientes que aqui não existe espaço e tempo para dedicar-se a tal ato, o nosso objetivo é dissertar, ainda que de forma limitada a língua portuguesa, sobre o impensado como uma experiência filosófica para transformar, instigar, superar o que já sabemos, libertando-nos de “certas” verdades, incentivando-nos a ser sempre outro, diferente do que vimos sendo, construindo a vida numa perspectiva ousada e única.

No entanto, precisamos deixar claro a compreensão que temos de experiência, qual a experiência filosófica que desejamos que aconteça, que nos aconteça e quais os critérios adotados no durante todo o processo de escrita da vida, esta que sempre está por acontecer.

Pensamos também os acontecimentos e as experiências advindas de cada um e que na totalidade faz ser o que somos e não outro. Portanto, optamos em escrever o nosso texto em cinco partes, onde poderemos apresentar a experiência para além das questões já postas pela sociedade e cultura vigente.

A nossa escrita da vida parte da compreensão Larrosiana (2014) que a experiência é o que nos toca, o que nos acontece, a partir dessa compreensão buscamos tecer as dificuldades para que a experiência aconteça e nos aconteça, enquanto professores, mediadores, e aprendizes da vida e do mundo da vida.

A primeira parte do texto buscará ampliar a nossa compreensão sobre o saber da experiência diante de uma vida inconclusa.

Estamos cientes que nenhuma experiência pode ser compreendida em contexto isolado da realidade em que está inserida, pois toda experiência está atravessada por experiências outras, essas que não temos como perceber visto que é impossível compreender a totalidade da vida.

O problema é que quando tudo passa, nada nos acontece, para algo nos acontecer é necessário essa abertura para as experiências de mundo, sem querer jamais dizer a totalidade do acontecido.

Pensamos a escrita da vida como algo que nos acontece, sendo ela uma experiência possível que dá sentido à vida, a existência, e as tessituras de mundo que o sujeito vivencia, sempre numa linguagem própria, sem jamais se deixar conceituar.

Nos perguntamos sobre o sujeito da experiência, se ele se diferencia dos seus pares, e se podemos pensar um sujeito onde a experiência acontece e pensar o porquê de não acontecer noutros sujeitos.

Para Larrosa (2014) o sujeito da experiência é aquele que se pergunta sobre si e sobre o mundo, tendo sempre o cuidado com o excesso de informação e opinião, consciente que as experiências expõe o limite do dizível. Bem como a falta de tempo e o excesso de trabalho tem feito com que a experiência não aconteça no sujeito, em nós e mundo da vida como um todo.

Essa necessidade de falar, tem anulado cada vez a possibilidade de que a experiência aconteça. Passamos a maior parte do nosso tempo vivendo o excesso de informação sem formação, ainda assim, buscamos um formar permanente, os títulos universitários são as metas que colocamos como prioridade para a vida. Contudo, a experiência se apresenta ao sujeito de maneira singular.

A singularidade da experiência faz com que muitos sujeitos tenham marginalizado os saberes que dela advém, isso porque a experiência não se deixa cientificizar, ela coabita com os acontecimentos entre a doxa e a episteme, mas exige autonomia para existir no meio delas. Organizamos a vida através das palavras, e como isso a experiência acontece, ainda que cada vez mais rara.

O sujeito que se abre para as experiências não é o mesmo que a compreende como um experimento, onde para a ciência positiva é previsível. Ele sabe que a vida acontece apenas uma vez, e que as experiências são fragmentos da vida, a partir delas, apresentamos aos outros as nossas compreensões sobre a vida e o mundo, como uma experiência única e irrepetível.

São as metamorfoses que despertam no sujeito a compreensão sobre a pluralidade da experiência diante do impensado e da vida, fazendo soar no outro e em nós a compreensão sobre a experiência de um modo particular, (LARROSA, 2014), buscando em si-mesmo as respostas, ainda que provisórias, para as perguntas da vida, sobre a vida, do homem e sobre o homem, no mundo e do mundo.

A segunda parte do texto abordará a experiência do sujeito a partir do estar-no-mundo, apresentando um sujeito consciente de si, consciente da inconclusão da vida, das singularidades pertinentes a existência de si e dos seus pares, um sujeito

que é convidado a caminhar, assim como disse Larrosa (2014, p. 41) que “cada um tem que fazer sua própria experiência”, e a única coisa a se fazer é caminhar, tecer a vida que nos convida a dizer sim a experiência do existir.

Cedo ou tarde esse sujeito se pergunta sobre o seu lugar no mundo, nesse momento ele dialoga com si próprio, está ferido pela realidade, pois percebe que o mundo que o mesmo conhece só existe pela existência dele, pois se ele retira a palavra, a ideia de mundo criada por ele deixará de existir, passando a ser um mundo de coisas em si. A palavra possibilita o sujeito ao seu modo dizer o mundo, dizer do mundo e de si para os seus pares.

Por mais que uma experiência possa ser compreendida como plural, cada sujeito a vive na singularidade, sendo ele um eu-mundo numa relação corpo-mundo mediada por sujeito-experiência, isso se dá pelo fato que o sujeito é quem porta a palavra, atribuindo um sentido próprio e provisório.

Pensamos também o impacto que os acontecimentos tem sobre a vida do sujeito, assim como a sua realização está no plano das coisas possíveis, ficando assim as questões impensadas para o mundo que ele não tem ou não terá acesso, sendo denominadas de não-experiências ou experiência-não-pensada.

A maneira como o sujeito compreende a vida e a relação entre seus pares, e o modo como coabita, possibilita uma maior compreensão sobre o que pensa diante da finitude, da realidade de mundo, e da vivência em sociedade. São questões como essas e tantas outras que tem despertando no sujeito a ampliação e compreensão de si e dos outros.

A vida no coletivo desperta a compreensão de mundos plurais, são essas pluralidades advindas dos acontecimentos pensados e impensados que provocam as crises de realidade no sujeito, fazendo com que questione o futuro incerto que virá. Falamos das incertezas como algo sobre o qual não temos domínio e pelo qual não temos como emitir afirmações, apenas convidar a cada para viver a vida e experiências sem as quais não teríamos chegados até aqui.

A terceira parte fez com que lançássemos um olhar para a experiência num lugar específico, a escola, pensar a experiência como mediação do filosofar e do fazer filosofia na educação básica. E, pela mediação poderíamos pensar a relação do sujeito com o tempo e a mediação deste para com os demais.

Como espaço plural, a escola passa a ser o lugar ideal para que a experiência aconteça, levando cada um dos que ali estão a se perceberem como corresponsáveis

pelas tessituras da vida e do mundo da vida, principalmente quando o sujeito não consegue compreender a relação entre acontecimento e experiência. Então, mediar o filosofar pelas experiências passa a ser o desafio para o professor que assume o papel de mediar o saber naquele espaço. Procurando sempre que possível escapar dos modelos conteudistas, das estruturas aparentemente organizadas, onde o aluno perde a identidade de sujeito pensante e passa a ocupar apenas um dado estatístico para o governo, que tem feito da educação um experimento, deixando de lado as experiências, o tempo livre, o dar-se tempo. (LARROSA, 2014).

O professor como mediador do filosofar usa a escrita como modo de (res)existir. Ele sabe que a experiência ultrapassa os limites do dizível, procurando sempre que possível fazer soar a experiência no outro, sempre de um modo particular, buscando tecer palavras-que-gritam para assim poder dizer a partir das experiência o espaço que cada um de nós ocupamos no mundo.

Devemos reinventar o mundo pelas palavras, ainda que cada um viva conforme a linguagem que tem à disposição. A maneira como pensamos os mundos plurais em sua maioria estão vinculadas a ideia que temos de informação, por sua vez essa mesma informação passa a ser a grande responsável pela ausência de experiência na vida do sujeito, um sujeito informado de tudo não se permite que nada lhe aconteça.

E quanto ao professor na maioria das aulas se não ocupar o papel de mediar acaba sumindo a função de reprodutor de ideias prontas, desconexas com a realidade em que o aluno está inserido. Como mediador do filosofar, ele sabe que as verdades não são um produto acabado, ele se coloca na condição de aprendiz, para que em conjunto com os demais que ali coabitam, possam juntos aprender a aprender.

Assumir o papel de mediador é ter consciência da necessidade de fazer soar a experiência no sujeito, de num primeiro momento convidá-lo a desaprender, retirando o excesso de informação, opinião, trabalho e colocando-o no tempo presente para que este não queira usar o tempo como desculpa.

São essas quatro coisas (excesso de informação e opinião, falta de tempo e excesso de trabalho) que destroem a experiência, levando o sujeito a cada vez um distanciamento de si e do mundo. (LARROSA, 2014). E, são essas mesmas quatro coisas que devemos evitar em nossas aulas para que assim a experiência aconteça e nos aconteça.

Escrever passa a ser o motor que move a escola, e passa a ser o maior desafio, “isso porque a escrita apela a um modo de viver” (LARROSSA, 2018, p. 201). O nosso

desafio é pensar a filosofia e a escrita na escola como um modo de vida, uma escrita que esteja aberta para as questões do seu tempo, sem jamais querer negar ao aluno a experiência do acontecimento.

Para isso necessitamos com urgência de uma língua que nos permita viver a palavra, dizer a palavra, experienciar a palavra, reinventar a palavra tanto na coletividade quanto na individualidade de cada sujeito que ali habita. Escrever é uma das tantas formas possíveis de representação dos mundos plurais, é uma entre milhares de experiências que se apresentam sempre de modo subjetivo.

No entanto, isso só será possível se o professor assumir o papel de aprendiz, para junto com os demais tecer a escrita, partindo sempre dos acontecimentos e experiências, reconhecendo que o outro também é capaz de filosofar, basta que o queira.

Não poderíamos falar da escola e do professor como mediador do filosofar e não mencionar a sala de aula como lugar de trabalho. Lugar onde o ofício do ser-professor se materializa, onde a partir de experiências outras ele consiga mediar os saberes plurais para que em conjunto com os demais escrevam a vida e o mundo da vida. A sala de aula é o lugar ideal para dar tempo, dar-se tempo, a fim de que as experiências aconteçam, assim como é um lugar possível para começar a escrita da vida, pensando as palavras-que-gritam e as palavras-silêncio sempre a partir do estar-no-mundo.

A quarta parte dedicamos a pensar a experiência do dizer, no entanto o dizer está além do dito e do dizível. Porém, esse mesmo dizer nos traz a possibilidade de que cada sujeito se abra para o novo, para o impensado da vida.

Através da experiência do dizer, pensamos as nossas oficinas, como um laboratório de escrita filosófica (LEF). Onde poderíamos pensar e escrever a vida, seguindo a concepção de Larrosa (2014) sobre a importância do soar da experiência de um modo particular na vida do aluno, onde a grande problematização do filosofar são as perguntas da vida.

A palavra oficina surge como uma crítica pertinente ao modelo de ensino integrado a educação profissional. Mas, não usamos a palavra fechada em si, apresentamos como uma palavra-experiência para que possa ser escrita através de outros acontecimentos. Na prática a oficina nasce como espaço para pensarmos as perguntas da vida que foram previamente postas pelos alunos e outras que foram

surgindo no decorrer da oficina, pois com bem sabemos, não temos como mensurar o todo, sempre nos escapará algo.

Optamos por realizar quatro oficinas, e a partir delas poder analisar com base na compreensão de Larrosa (2014) os fatores que provocaram uma anti-experiência, bem como as questões que contribuíram para que a experiência acontecesse, claro de um modo particular sem ter que cientificizar ou metodologizar o saber.

Os textos utilizados pelos alunos foram retirados do livro “as perguntas da vida” de Fernando Savater (2001) e o material produzido por eles na folha A3 foi analisado com base em textos de Larrosa sobre a experiência e sobre o ofício de ser professor. (2014, 2017a e 2018).

A primeira oficina foi sobre viver juntos e como a vida com os demais nos humaniza. Onde pensamos sobre a importância do outro, sobre o pensar coletivo, e de modo geral sobre as nossas experiências plurais de mundo. Fizemos a análise buscando compreender o soar da experiência em cada oficina, e como as questões externas acabam atrapalhando a experiência do sujeito com o filosofar e o fazer filosofia.

A segunda oficina acontece num momento muito delicado, onde o planejamento precisou ser ajustado, pois a vida e alguns acontecimentos externos provocaram impactos diretos na vida escolar, nada que estivesse fora do nosso domínio enquanto mediador, ainda que se apresentassem como impensadas durante o processo, foi a oficina mais complexa, pois a temática morte soava como algo pesado, era tido como um tabu, um peso que deveria ser deixado de lado.

Para que pudéssemos continuar, apresentamos o texto sobre a morte como um convite para vivermos a vida, mostramos que existia outras leituras, outros caminhos para pensar sobre a vida, sem necessariamente conceituá-la, despertando no sujeito o desejo por uma vida mais autêntica.

A terceira oficina nasce entre o dizer e o não-dizer, um diálogo entre a filosofia e a literatura, um poema como forma de dizer e experienciar o dizer da vida, do mundo e das inúmeras tessituras que vivemos no espaço-tempo chamado escola.

A quarta oficina era o fim de um começo, ali nascia o que fora gerado pelos tremores das experiências, pelos acontecimentos e pelos impensados da vida. Era o espaço-tempo, onde dar tempo e dar-se tempo para cada acontecimento fazia de um modo particular que a experiência soasse como uma escrita trémula de um sujeito que habita mundos plurais.

Era ali que nascia as palavras-que-gritam e as palavras-silêncio, naquele lugar rotineiro algo de impensado tomava forma, os espaços passavam a ser visto com outros olhos, olhos de quem deseja escrever sobre viver a vida, experienciar a vida, viver a vida.

Filosoficamente cada um escrevia a partir de um lugar, e assim a palavra assumia diversos lugares na vida do sujeito. Não estamos seguros se essas palavras dizem a vida, bem provável que em sua totalidade não seja possível, mas podem dizer da vida que acontece na escola, da escrita da vida que sempre está inconclusa.

Falar passou a ser a única coisa que nos resta, sempre provocados por uma escrita que pensa a vida e o mundo da vida. Acontece que a experiência nos toca, e para finalizarmos esse ciclo inconcluso sobre a experiência, realizamos uma oficina-café onde cada um pode ao seu modo dizer qual a concepção que tem da filosofia hoje, o que ficou como maior aprendizado de cada oficina e o que poderíamos melhorar nas próximas.

2 O SABER DA EXPERIÊNCIA E A INCONCLUSÃO HUMANA

Ao mencionar seus escritos sobre a experiência, Larrosa (2014) diz que sua ideia sobre experiência soa como cantos de experiências e estavam voltados a educação e a leitura. Através dos seus escritos, buscamos compreender o sentido de experiência em nossas vidas e através dela refletir sobre o sentido do que somos, para que assim possamos compreender a tessitura da vida humana como uma experiência inconclusa. Estamos cientes que nenhuma experiência pode ser compreendida isoladamente, visto que toda experiência é fruto de outras experiências que a antecede.

Somos atravessados por experiências plurais de cantos, tristezas, alegrias, (re)existências e por protestos de uma vida que vibra em maior ou menor intensidade diante do impensado e na possibilidade de pensar o mundo por si mesmo.

Falamos na possibilidade de pensar o mundo por si mesmo por acreditarmos que compreendendo o sujeito como um ser singular atravessado pelos acontecimentos e experiências, compreende-se também a subjetividade e o modo pelo qual cada sujeito vivencia as experiências de uma vida sempre por acontecer.

A experiência não está fechada em si mesma, nem busca fundamentar-se em técnicas ou metodologias, nasce do acontecido no mundo das coisas possíveis, “isso nos põe ante ao problema de descobrir a relação que realmente existe dentro da experiência entre as realizações do passado e os problemas do presente” (DEWEY, 1976, p. 11), permitindo elos com outras experiências e acontecimentos, não nega a existência de outras, mas impõe autonomia para existir no meio delas.

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir, nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tão pouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que as vezes, treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. (LARROSA, 2014, p. 10).

A experiência fundamenta a vida humana numa relação com o mundo onde o sujeito se sente parte do meio em que está inserido e o que chega como novo advindo das experiências e acontecimentos, as vezes salva.

Não nos referimos a salvar numa concepção religiosa, o salvar que descrevemos está associado à concepção do sujeito que foi tocado pela experiência e que doravante não pode mais ser ou permanecer o mesmo.

Como algo que nos acontece (LARROSA, 2014), pensamos a escrita como uma experiência que descreve a vida e possibilita ao sujeito fazer o registro para o tempo presente e para o futuro, contribuindo dessa forma para uma maior compreensão e interação com a realidade. E, como algo que nos toca, a leitura como experiência possível que dá sentido à vida, possibilitando aos leitores uma maior reflexão sobre as realidades de mundo. Esta desde à antiguidade até os dias atuais tem contribuído para que o sujeito pudesse pensar outros mundos, tecer outras experiências.

Planejamos e projetamos a vida com base nos acontecimentos e experiências, no entanto algo sempre nos escapa, o não acontecido por acontecimentos outros, esse não domínio sobre o todo, sobre o impensado, sobre a vida. Já não temos um lugar, redesenhamos as fronteiras da nossa linguagem e essa se tornou intraduzível, não conseguimos dizer quem somos, não conseguimos pensar o fora, o não-lugar ou qualquer coisa que nos escape, pois a língua que temos disponível está fechada em si mesma.

E, mesmo que inventássemos outra língua para descrever as experiências, ainda assim, não seria possível dizer o que nos escapa, o que passou despercebido ou mesmo impensado. Sendo assim, num acontecimento o sujeito nunca se encontra sozinho, pois “ele sabe que não se encontra fechado nele e, em todo caso, que ele não está aí fechado consigo mesmo” (BLANCHOT, 2010, p. 18).

Quando tudo passa aparentemente nada nos acontece. Para que algo nos aconteça é necessário que sejamos tocado por ele, assim como descreve Larrosa (2014) quando diz que a experiência é o que nos toca e não o que passa.

Involuntariamente ou até mesmo por razões desconhecidas, o sujeito sempre deixou que alguns acontecimentos passassem despercebidos, provocando um vazio ou mesmo uma acontecimento estéril.

Nenhum sujeito dará conta de compreender a totalidade dos acontecimentos, sempre escapará algo, todavia esse mesmo sujeito torna-se vazio quando diante do acontecido não sente-se tocado por ele. O vazio exposto ao percebermos que algumas experiências escapam diante do olhar do sujeito provoca a esterilidade do acontecimento.

Observando com um pouco mais de cuidado, percebemos que não pode existir acontecimentos estéreis, um acontecimento não se limita a compreensão por um único ângulo visto que ele é a unidade de inúmeros fragmentos ou por assim dizer experiências-outras que o antecederam.

O acontecimento carrega em si a singularidade da experiência e esta possibilita ao sujeito compreender a sua existência e a experiência a partir do estar-no-mundo. “O acontecimento é comum, mas a experiência para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (LARROSA, 2014, p. 33), enquanto experiência, existimos na totalidade daquilo que “é”. Não se vive duas vezes, a vida sempre foi escrita na singularidade, a memória do sujeito é singular.

Quando partilhamos uma memória temos dificuldade para contar/descrever a experiência/acontecimento, o lugar onde elas se reúnem numa unidade indivisa sempre escapa algo, foge ao nosso olhar, como uma pedra colocada no meio da rua numa noite escura ou um pássaro voando ao entardecer ou eu aqui descrevendo o acontecido, cada um ao seu modo de existir, ocupam determinados espaços e todo espaço ocupado é singular-plural.

A impossibilidade de que se repita faz com o que o acontecimento faça parte do vocabulário de cada dia, em alguns casos sendo visto como algo corriqueiro, de menor valor para a vida que se tece, não restando ao sujeito outra alternativa além de viver o dia por conta própria.

Criamos a ilusão sobre a posse do tempo, de forma direta ou indireta falamos sobre algumas experiências e como elas nos leva a pensar outras coisas, pensando também o fim das mesmas, naquilo que é próprio do sujeito ao pensar a finitude.

Cada experiência é um mundo, é uma passagem entre o não-ser e ser, este em sua liberdade de nada levar consigo se permite acontecer na singularidade, na subjetividade, no outro, em nós e no mundo, “nesta perspectiva, nossas relações no mundo e com o mundo são sempre, finalmente, relações de potência, onde a potência está em germe de possibilidade” (BLANCHOT, 2010, p. 86).

Assim é possível falar da inconclusão humana, quando pensamos na possibilidade que algo nos aconteça. A experiência é o devir, o vir-a-ser, sem se preocupar com o futuro, produzindo um novo acontecer, ditando seus próprios rumos, trilhando e tecendo caminhos, não se coaduna com as regras preestabelecidas pelo tempo presente, e se continuarmos a pensar Heraclitianamente, o acontecimento pode ser compreendido como ato e a experiência como potência.

As experiências dão sentido à vida, algumas delas não estavam ou estão de comum acordo com o que acreditamos, pensamos que sejam tidas como experiências educativas. A nossa compreensão de experiência, por vezes, está associada as nossas experiências políticas, econômicas e culturais. Essas também fazem parte da vida do sujeito, todavia a experiência que nos toca é antes de mais nada a que se permite acontecer, sem depender de nós, do nosso saber ou da nossa vontade.

Inúmeras vezes temos a sensação de não termos vivido uma vida a que se possa chamar de existência, “as questões abundam, as respostas também; todos participam, mas esta evidência e esta multiplicidade parecem só estar ali para desviar do conjunto das questões” (BLANCHOT, 2010, p. 46).

Não nos apropriamos da experiência em si e elas não dependem de nós para existir ou terem existido. O sujeito que passa por elas, que foi tocado por elas e desde então elas habitam nele e ele nelas, consolidando a experiência do existir. Ninguém aprende com a experiência do outro, sem que tenha revivido a experiência de algum modo.

Nos perguntamos se as experiências adquiridas significam algo na nossa vida, se servem para alguma coisa, ou se vivemos em vão. Segundo Blanchot (2010, p. 47) “O homem quando se interroga, sente-se interrogado por algo inumano” essa pergunta está atrelada ao valor que atribuímos a vida e ao convívio com os demais e não ao sentido de nos humanizarmos em contato com os outros e com as experiências advindas destes e das nossas para com eles, pois ele sabe que ao perguntar pela não-experiência, ou seja, de imediato o pensar que se coloca como mediador do imediato, já estaria diante da experiência.

Somos cada vez menos afetados pelos relatos de experiências do outro e no entanto não conseguimos argumentar, algumas palavras se impõe sobre as demais e não conseguimos conversar com quem está na nossa frente, não vivenciamos as experiências tecidas pelos acontecimentos quando estes não nos acontece.

Nos encontramos cada vez mais vazios e empobrecidos de experiências diante do novo, do desconhecido, e também do que acontece, do que nos acontece. E, para que a experiência ocorra, o sujeito precisa superar as dificuldades que lhe são impostas por tantos outros acontecimentos, estes que não podemos pré-ver, nem pré-dizer.

Vale ressaltar que para Larrosa (2014, p. 22) “a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo que caracteriza o

mundo moderno, impedem a conexão significativa entre os acontecimentos”. Esse mesmo impedimento mencionado por Larrosa é o que tem levado ao empobrecimento da experiência no sujeito. Durante uma conferência na Argentina, ele falava sobre a experiência e suas linguagens¹ e as precauções para fazer soar a experiência, sobre a importância da legitimidade e da desconfiança quando esta é imposta pela razão.

Cada vez mais o sujeito encontra-se mudo diante da vida e do mundo, surdo e cego para com as experiências. Ele enquanto sujeito pensante não (re)conhece o lugar da experiência como um espaço aberto para o acontecer. De fato, “a experiência tem algo de opacidade, de obscuridade e da confusão da vida, algo da desordem e da indecisão da vida” (LARROSA, 2014, p. 40).

Nossa experiência de vida, leva-nos a pensar sobre o mundo a nossa volta, de imediato não encontramos sentido, não compreendemos, vivemos no automatismo, meros sobreviventes, perdidos no tempo, despidos de tudo “para aprender a sentir, a imaginar e a pensar a partir de situações que não vivemos” (LARROSA, 2018, p. 392), como se tudo mudasse sem produzir mudanças.

Tivemos que construir uma consciência subjetiva e plural de mundo, onde o sujeito pudesse compreender que as experiências são a vida dele, o que aconteceu com ele e o que acontece é fruto das experiências que o tocam, e não há como escapar dos acontecimentos muito menos das experiências.

O sujeito limita-se cada vez mais a opinião pela opinião provocando em si “a impossibilidade de elaborar as experiências, de lhes dar um sentido próprio” (LARROSA, 2014, p. 50). Obcecado pela informação, aquelas que podemos ler nos sites informativos, jornais televisivos, impressos, nos aplicativos e redes sociais sem nenhum suporte quanto a veracidade dos fatos e que por sua vez acaba anulando a possibilidade de experiência, o sujeito acaba não conseguindo elaborar as perguntas que julgava ser fundamental no processo de experiências e abertura para os acontecimentos.

Dito isso, percebemos que o sujeito da opinião, não consegue descrever a diferença entre a pergunta e a pergunta de cunho filosófico, ou seja, “o que faz com que uma interrogação possa ser considerada filosófica” (CERLETTI, 2009, p. 23), nem

¹ Conferência pronunciada em 2003 na série “Encuentros y seminarios” do Ministério de Educação da Argentina. Publicado também em Encuentros filosóficos, v. 55, n. 160. 2006. No Brasil foi publicado pela Editora Autêntica no livro Tremores: escritos sobre a experiência. 2014, p. 35-56.

conseguiu pensar as palavras que traduzam o tempo, o espaço, o acontecimento e a experiência, quando estas palavras estão sendo tecidas pelo existir, pelo saber da experiência.

E, se pensarmos um fim específico para a publicidade quando ocupou na vida do sujeito a função de detentora do saber, talvez seja este, tornar o sujeito incapaz de ler e compreender o mundo, proporcionando o analfabetismo diante da vida, a estupidez, a bestialidade. (MOREY, 2007).

Quem se pergunta, pergunta sobre si e sobre o outro, intervêm no mundo ao não se conformar com as respostas que são dadas rotineiramente, o perguntar não se detêm, nunca se preenche.

Certamente iremos continuar a perguntar pelo tempo, pelo nosso tempo, pela conjuntura do tempo e as condições que leva-nos a perguntar sobre a vida como experiência e como ela nos inspira a redesenhar a vida junto aos demais. Larrosa (2014, p.43) diz que “a experiência seria um modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros”.

A experiência de existência por sua vez não é linear, o sujeito em conjunto com os outros pares resgatam quando possível as memórias coletivas-individuais que permite a cada um refletir sobre a escrita da vida como algo que se configura e reconfigura mediante os acontecimentos e quais impactos provocados no nosso ser.

O conhecimento é o que move a consciência na produção do saber e reflexão sobre o mesmo e na atualidade passou a ser compreendido como responsável pelo desenvolvimento da tecnologia e da ciência, também pode ser compreendido como mercadoria, algo que está aí, fora de nós, como algo que podemos nos apropriar, objeto de consumo, na maioria das vezes, a ele, atribuímos um preço.

A experiência é a mediadora entre o conhecimento e a vida humana. A vida humana sempre por acontecer, sem se deixar cristalizar, renasce em cada acontecimento, ela é o devir, o ainda-não “palavra tanto mais exigente por que designa e engaja o futuro, que é também um futuro a ser dito” (BLANCHOT, 2010, p. 72), é a experiência por acontecer.

O conhecimento é acessível a todos, mas não há um único acesso sobre o mesmo objeto ou conhecimento, a experiência é única, é indizível, ocupa o espaço entre o que é e o que é dito, de alguma maneira acontece apenas uma vez. A

experiência é sempre de alguém, do aqui e do agora, ligada sempre ao tempo e ao espaço o que não quer dizer que a experiência seja um conceito ou um experimento.

Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objeto previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas a abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer'. (LARROSA, 2014, p. 34).

Sempre aberta aos acontecimentos, as experiências são espaços pensados com base em reflexões sobre acontecimentos vivenciados pelos sujeitos e estes se percebem dando forma, ou seja, um sentido ainda que impreciso, um significado ainda que provisório para si.

Não devemos conceituá-la, devemos sempre pensar a experiência como algo que escapa ao conceito ou a qualquer possibilidade de definição ou conceituação. Ela é o outro, o neutro, o terceiro, é o acontecimento e o impensado, mas não pode ser conceito, e não pode ser por levar em si, a priori, o indizível.

Devemos evitar o que provisoriamente nos foi apresentado como experiência conceitual, correndo o risco de querer dizer o que é como se pudéssemos dizer algo que está interno e externo ao sujeito pensante.

Larrosa (2018) faz uma forte crítica ao que para ele é tido com algo construído intensamente aqui no Brasil e compreendido como "lugar de fala", que não há possibilidade de pensar a experiência quando se determina um lugar exclusivo para um determinado grupo expressar-se sobre suas experiências de mundo, colocando os demais sempre a margem do existir no mundo e na experiências. Negando ao outro a capacidade de compreensão e até mesmo de vivências plurais.

O lugar de fala é sempre plural, a compreensão é que se dá na singularidade, pois não se pode pensar um lugar de fala, como um lugar de um povo e não de outro, e quando fazemos estamos deixando transparecer que só e somente só aqueles é que detêm o conhecimento, evitando ou negando a possibilidade de ter ou ampliar as experiências ali mencionadas pelos acontecimentos.

Devemos resistir a produção de conceitos, dessa forma poderemos ter uma atitude aberta de sempre perguntar, fugindo da tentação de responder "o que é?" Principalmente quando percebemos que a nossa resposta está associada na maioria

das vezes a ideia que temos de experiência. É “talvez seja preciso pensar a experiência como o que não se pode conceituar”. (LARROSA, 2014, p. 43).

O conceito é fruto de outros, é previsível, permite cortes e desencaixes, dialoga com o tempo e com o espaço, finito e infinito, diante do todo apresenta rupturas, permite a resignificação e o inacabado, ela não, ela habita com outras e no entanto não é um delas, ela se multiplica e continua sendo uma, está sempre além do que se apresenta, sem se deixar definir.

O conceito é inacabado, e talvez por isso acabamos confundindo o conceito com a experiência, que por sua vez é outra coisa, tanto um quanto o outro nascem mediante determinado acontecimento.

O que diferencia é que a experiência não se permite conceituar, porque a vida não se repete, o acontecimento não se repete e não há possibilidade de ser o mesmo e muito menos de se refazer.

Somos convidados o tempo todo a dar um sentido falso para a nossa vida, sob alegações diversas, de diversos dispositivos sociais e midiáticos, possibilitando ao sujeito apresentar-se como um sujeito “normal” com aparência de um sujeito que encontrou sentido para sua existência.

Encontrar o sentido que possa ser compreendido como universal seria destruir a experiência, negando a subjetividade, a singularidade, o direito de ser e existir como diferente, como único em meio aos seus iguais.

Sabemos que os modelos universais fracassaram, eles já não mais existem. Não conseguiram levar o sujeito a verdadeira experiência de compreensão de mundo, produzindo assim uma falsa experiência. O sentido nasce de si, da compreensão de si-mesmo, da subjetividade mediante aos acontecimentos. Somos uma totalidade fragmentária e nada nos resta a não ser a busca pela compreensão do sujeito para com o saber.

Esquecemos e lembramos, estamos atravessados por experiências e algumas dessas nos impendem de ver o outro lado, de pensar de outro modo. A dificuldade em ver e compreender o que nos acontece numa relação com outros sujeitos está associada a incompreensão da singularidade, dito de outra forma, está na dificuldade de aceitar que o outro também está atravessado por experiências outras e que este vivencia as mesmas incertezas para com a vida. Diante disso podemos dizer que o não reconhecimento das experiências não as anulam, todavia exclui o sujeito.

Buscamos um saber-plural, alguns o encontram na erudição, outros em seu extremo e ambos escrevem a vida a sua maneira. O sujeito muda, o olhar sobre a vida muda, o que permanece intacto são as formas que usamos para escrever a vida, “toda a vida mudou, a vida, no entanto, intacta” (BLANCHOT, 2010, p. 23), sempre numa totalidade fragmentada pretendemos dizer ou ignorar, que o tempo todo criamos meios através da linguagem para experienciar palavras que possam fazer uma exposição sobre o que mudou e o que permaneceu igual.

Ainda haverá experiência! “Independentemente de qualquer desejo ou intento, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se sucedem” (DEWEY, 1976, p. 16). Em todo e qualquer tempo, até mesmo quando pensarmos que já não é mais possível experienciar.

A afirmação de que não é mais possível, por si só é uma experiência, podemos dizer que ela sempre renasce e se houvesse uma tentativa de destruição em massa da experiência, ela renasceria em condições primitivas. Como já mencionamos a cada acontecimento uma nova experiência, e muitas delas impensadas.

A experiência, metaforicamente seria a fênix que morre e renasce. E, com o sujeito não poderia ser diferente, ao seu modo de existir e no seu tempo com os seus pares, o sujeito diz de si para os outros o que viu da vida. “O que estou dizendo é que no momento em que uma reformulação da experiência é aceita como reformulação da experiência, ela se constitui numa explicação” (MATURANA, 2009, p. 40), o sujeito explica a vida com base nas experiências, todavia essas experiências só podem ser percebidas pelo impacto causado nele através dos acontecimentos externos a si.

O sujeito através das experiências busca uma linguagem própria e ela, a experiência, permite ser captada pelo sujeito que se percebe envolvido, tocado, por fatores externos e em seguida percebe-se completamente mudado internamente.

2.1 O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA

A compreensão da experiência só acontece no sujeito. Coube a ele a tarefa de refletir sem se deixar cair no erro de tentar produzir certas verdades sobre a mesma. Quando perguntamos quem é o sujeito da experiência, o que de fato queremos é dizer que existe um sujeito ou grupo de sujeitos específicos onde a experiência acontece e acabamos nos colocando fora dos que fazem parte da categoria, nos excluimos, deixando apenas que um determinado grupo faça parte.

As experiências, são o fio condutor de um ser consciente e de sua existência, do seu modo de habitar entre seus iguais e a finalidade para cada uma delas, no tempo e no espaço.

As experiências expõe os limites do dizível, agora a experiência é de algum modo inacessível inclusive “não sabemos muito bem o que é, mas é algo sobre o que temos vontade de falar, de continuar falando, de pensar e continuar pensando” (LARROSA, 2014, p.13). Um sujeito informado não pode ser entendido como um sujeito com experiências, pois informação não é experiência, antes pelo contrário, a informação cancela, nega, exclui qualquer possibilidade de experiência do sujeito com o mundo.

Este sabe muita coisa, passa o seu tempo buscando informações, porém nada lhe acontece, nada lhe toca, nada lhe passa, restando-lhe o vazio por não saber o que está faltando na sua vida, ainda que esteja informado de quase tudo, negou a si mesmo a possibilidade da experiência, tornando-se apenas um sujeito informado.

Larrosa (2014) nos alerta sobre a urgência de debates e estudos sobre uma sociedade que está sendo construída com base em informações isoladas do contexto socioeconômico e cultural. Esta que pensa a sociedade como um mecanismo de consumo, anulando a experiência, tornando-a impossível. Ele também nos alerta que um sujeito que se compreende como um sujeito informado logo em seguida o mesmo “pensa que tem de ter uma opinião”.

A opinião define e decide, numa palavra que não decide e não fala. Ela é tirânica, porque ninguém a impõe e ninguém a assume. O fato dela não precisar ser assumida (não porque não haja responsáveis, mas porque ela só quer ser disseminada, e não afirmada, nem mesmo expressa) é o que constitui como questão jamais esclarecida. (BLANCHOT, 2010, p. 54).

A opinião torna impossível a experiência, a impossibilidade nada mais é do que aquilo que comumente associamos a experiência sem ter clareza do que estamos fazendo pelo uso imediato da irracionalidade, todavia não contenta-se em ser suficientemente opinião, ela aliena o sujeito.

A partir de instrumentos utilizáveis “um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião” (LARROSA, 2014, p. 21), ordinariamente emite alguma fala, limita-se na maioria das vezes em ser a favor ou contra, afirmando sua incapacidade de experienciar e compreender os acontecimentos e a velocidade com que nos deparamos com novos acontecimentos e a obsessão pelo novo torna-o

insatisfeito. Essa insatisfação com o novo, caracteriza uma parte do mundo moderno, que inviabiliza a compreensão do sujeito diante dos acontecimentos.

O sujeito “gostaria de manter-se afastado para refletir melhor e pensa que terá o tempo todo para fazê-lo, como se o tivessem esquecido, quer dizer, como se fosse obrigado a enfrentar esse esquecimento a fim de pensar nisso”. (BLANCHOT, 2010, p.16).

Se convidamos esse sujeito-experimentado a ficar distante do que vivencia rotineiramente, ficará perdido, não saberá o que fazer, como fazer, já não sabe mais viver, criar, aventurar, pensar, já não é capaz de conhecer a si mesmo, e se frustra quando lhe é colocado um intervalo, uma distância entre ele e o que tecnicamente aprendeu a fazer.

Percebemos que a cada dia estamos mais ocupados e menos experientes, talvez tenhamos vivenciados inúmeros acontecimentos, alguns em maior ou menor intensidade, aparentemente fáceis e difíceis, avançamos dia após dia, essa falsa ideia de experimento tem gerado no homem uma sensação de poder, de dominação, de que chegou ao lugar que pretendia.

Estamos sempre atrasados e se nos perguntamos para quê, talvez não saibamos responder.

Buscamos o tempo todo uma formação continuada, o modelo de educação básica não instruí o quanto deveria, em seguida a formação universitária associada à ideia de informação como nova tecnologia cibernética caminha na contramão da formação enquanto formação e compreensão filosófica, pois nega ao sujeito a formação como espaço para construir-se nas relações educativas e culturais.

Noutras palavras, o formar-se associado a experiência de civilização do homem, passa a ser substituído por uma (in)formação permanente, levando-o a acreditar que o sempre novo e o formar-se nunca terminam.

A informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muita coisa, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, com essa obsessão, pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de estar “informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSA, 2014, p. 19).

Passamos a maior parte do nosso tempo no trabalho, e cada vez mais temos menos tempo, estamos sempre com pressa, queremos mudar as coisas a nossa volta,

com medo de nada de novo acontecer. Negamos a experiência pelo excesso de trabalho e ficamos pensando porque nada nos acontece. Nada nos acontece porque estamos sempre ocupados, não podemos parar, queremos chegar além... queremos quebrar os obstáculos reais e imaginários.

Sempre plural, a experiência apresenta-se ao sujeito como singular, como fragmento, unidade indivisa tecida pela pluralidade dos acontecimentos e qualquer desejo de compreensão na totalidade torna-se impossível visto que o sujeito da experiência, assim como pensara Larrosa (2014), é o que toca e é tocado pela experiência e não o que passa pela experiência ou mesmo o que acontece no momento de duração da experiência.

O sujeito da experiência, assim como proposto por Larrosa (2014, p. 25) é aquele que “sobretudo é um espaço onde tem lugar para os acontecimentos.” Está aberto ao novo, ao desconhecido, está posto as possibilidades de aprendizagem sem se impor, sem se expor, sem propor, atravessando um espaço (in)determinado como ato de coragem, experimenta a vida como espaço de sua própria transformação.

A experiência foge a ordem do real. Poderíamos dizer que ela é o elo entre o sujeito e a existência, é o ato de coragem manifestado pelo sujeito que busca viver a vida superando as dicotomias entre o tempo e os acontecimentos.

Ciente que a experiência passa a existir no acontecimento, mas não é acontecimento, o sujeito sabe que ela só pode ser compreendida como acontecimento se gerar no outro ou em si mesmo algo para além da informação ou da opinião, a compreensão, respondendo as questões pertinentes a vida e ao mundo criado pelo sujeito.

Se pudéssemos escolheríamos algumas experiências. Diante de alguns acontecimentos não sabemos como reagir. Começaríamos por esquecer, seguir em frente requer muitas das vezes que sejamos capazes de recomeçar, fazer uso do esquecimento, ainda que seguir seria colocar uma roupa nova em um corpo marcado pelas experiências do passado e ficar seria aceitar tudo como está, afirmando para si que é incapaz de (re)escrever a vida. No entanto a experiência que nos tocou ficou feito tatuagem, dificilmente se apaga.

O outro percebe a experiência em nós, a experiência dele o faz perceber-se no outro. Como se percebe a experiência, seria ela um círculo que não se fecha? A experiência não é uma descoberta, ela está lá, sempre esteve, diferente do homem que sempre tenta fugir de si mesmo, aparentemente quando tudo tem acabado,

quando compreendemos o que nos aconteceu, descobrimos que tem algo a mais, que não se esgotou, como algo que não podia ter fim. Num gesto de delicadeza,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, sentir mais devagar. Demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2014, p. 25).

Buscamos (ir)racionalmente construir nosso próprio tempo, assim como construímos as leis, as regras e normas em vigor na sociedade atual. Nos acorrentamos aos acontecimentos e a superficialidade na tentativa de cristalizar o momento em que a experiência nos toca ou até mesmo na possibilidade de novas experiências significarem a vida.

De fato, a vida é tecida pelas experiências o que não significa que a vida seja cristalizada e menos ainda um dado empírico onde uma sequência de acontecimentos previsíveis passe a validar um modelo a ser seguido para construir o humano, excluindo a subjetividade, o eu e o outro no papel de humanização.

A vida como acontecimento nos leva ao desenvolvimento do pensamento, bem como, desperta no homem a pergunta sobre “a quem compete pensar”? E, quando nos perguntamos sobre, chegamos à conclusão ainda que provisória que o pensar compete a toda e qualquer pessoa que se percebe no movimento da vida, na fluidez, no caminhar, sem se curvar-se a si mesmo e ao mundo.

O que de fato conhecemos? Conhecemos o que está relacionado a vida, ao que nos deixamos ser afetados, feridos de realidade. A realidade é um acontecimento, não é o único, a compreensão, o homem, a vida e as relações socialmente construídas, visto que todos eles foram feridos por ela. A realidade é o que é, a experiência é o que dela apreendemos, é o que fica em cada sujeito e na sua relação com a vida e com o mundo.

Conforme Larrosa (2014, p.48) “o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência” este aberto para ser sempre outro, ainda que o outro seja a melhor versão dele, a que foi tecida pelas experiências, pela história, pelas acontecências, pelo modo como viveu cada

acontecimento e como doravante o tempo construído por ele permitiu viver, ele é a experiência encarnada, finita, cultural-existencial.

Nessa relação nos tornamos o que somos de tanto fazer o que fazemos, “com a responsabilidade de que a experiência ocorra de maneira livre, menos restritiva, mais emancipadora” (LARROSA, 2018, p. 255), e o que fazemos é fruto das experiências que nos toca e que nos acontece na liberdade de ser e existir enquanto sujeito, marcando a nossa vida e nossa maneira de ser e estar no mundo, fazendo ser o que somos e não outro, ditando a nossa personalidade e tecendo a cada um como ser de existência singular-plural.

2.2 A EXPERIÊNCIA: UM LUGAR ENTRE A DOXA E A EPISTEME

Pensamos com palavras, quando não conseguimos falar, é o pensamento da fala e a fala do pensamento que entram em conflito entre si, “também tem a ver com a palavra o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo que vivemos” (LARROSA, 2014, p. 17).

Organizamos o mundo com palavras e em uma linguagem própria, a experiência ou tudo que atribuímos a ela é essencialmente o que conhecemos,

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2014, p. 17).

Geralmente a relação entre conhecimento e experiência se pautam numa vertente oposta ao conhecido e o não conhecido. Quando nomeamos algo o fazemos com base em conhecimentos adquiridos, no entanto o não conhecido também fora nomeado, ou mesmo dado um lugar, aquele que só temos acesso pelo que já conhecemos e ou experienciamos e não como um lugar pelo qual não temos acesso, nem possibilidade de experimentar, dado que a linguagem, a ciência ou qualquer outra área quando a fez trouxe apenas um pouco mais do mesmo, pois falava sempre do lugar que se conhecia e não do lugar que é tido como não conhecido, como impensado, ou mesmo como não-experiência.

A experiência foi colocada a margem por não possibilitar ao sujeito uma definição clara sobre a mesma. A não ser no que lhe é próximo, de modo particular,

ela foge do sujeito que tenta colocá-la como uma verdade imposta autoritariamente pelo outro.

Por esta razão passou a ser entendida como conhecimento inferior, por não se apresentar como acessível ao pensamento objetivo, nem se colocar no domínio da ciência, enquanto o experimento assumia seu lugar como algo seguro e previsível capaz de pensar e descrever os limites da vida e do mundo da vida, distinguindo o verdadeiro do falso, esquecendo que o sujeito que habita a doxa é totalidade-fragmentária e que não é possível uma existência sem experiências.

A experiência por acontecer num mundo em movimento, confuso, que muda a cada acontecimento, estaria ela vinculada a doxa, ao senso comum e não ao saber crítico e racional, este que sempre produz ideias claras e distintas e encontra-se na episteme como verdadeira ciência.

A partir das nossas compreensões de mundo sobre experiência, propomos pensar e experienciar o impensado como algo que nos toca, que nos instiga a buscar o pensar que não se esgota na doxa, opinião pela opinião, e que também não busca os extremos da episteme validando apenas o que for possível comprovar empiricamente. O sujeito que compreende o sentido da experiência, compreende o sentido empirismo, Dewey (1976), estando ciente que a ciência não se permite pensar a experiência-singular, buscando a universalidade para seus experimentos.

Entre a doxa e a episteme a experiência acontece, ainda que de forma rara tenhamos dedicado tempo para percepção da mesma. “Tudo estava lá, a vista de todos, e a única coisa que faltava era olhá-lo” (LARROSA, 2018, p. 323).

Cientificizamos, metodologizamos, instrumentalizamos a experiência, objetivamos o saber, o homem, o tempo e toda e qualquer possibilidade de compreensão e domínio da experiência em sua singularidade. O sujeito que se abre para a experiência não é o mesmo que produziu experimentos, a experiência é algo de si, interno, nasce da sua inquietação, do seu desejo de conhecer a si mesmo.

Não há intencionalidade na experiência, talvez seja por isso que ela não seja uma ciência, ela é a reflexão de cada um diante do acontecido, ainda que não se possa pré-ver nem pré-dizer a compreensão do sujeito para com a experiência advinda do acontecimento.

O experimento conforme a ciência positivista é previsível, sempre está acompanhado de hipóteses, sendo fruto da ciência pode ser entendido como particular ou geral, o que não acontece com a experiência que sempre é singular, isto

é, toda e qualquer possibilidade de exposição ao sujeito a faz na singularidade, foge da ideia de ser compreendida na dualidade platônica sensível versus inteligível.

Segundo Dewey (1976, p. 26) “Toda experiência modifica quem a faz e por ela passa e a modificação afeta, quer queiramos ou não, a qualidade das experiências subsequentes, pois é outra, de algum modo, a pessoa que vai passar por essas novas experiências”. Diante disso, o sujeito acaba se frustrando quando as suas experiências surpreende aos outros de um jeito não pensado, reconhecendo a singularidade na experiência que o tocou e pode ter tocado o outro de outra maneira.

Expondo o limite do que sabemos, melhor dizendo do que imaginávamos que sabíamos, do que não se pode ou não se quer, e o não querer está associado ao poder que a experiência exerce sobre o sujeito. O que não se sabe sobre a experiência, bem como sobre a sua relação com o sujeito que a percebe, é o que está como impensado nessa relação pensada entre um e outro, onde o sujeito é capaz de exercer a reflexão, construindo suas experiências de mundo.

O sujeito anseia pelo dia em que saberá dizer o que é a experiência, “por outro lado, se uma experiência desperta curiosidade, fortalece a iniciativa e suscita desejos e propósitos suficientemente intensos para conduzir uma pessoa aonde for preciso no futuro, a continuidade funciona de modo bem diverso” (DEWEY, 1976, p. 29). Sem conceituá-la, sem coloca-la num lugar de fala, apenas dizer o que viu da vida em cada acontecimento, sabendo que tudo o que foi dito limitou-se as suas experiências de mundo, estas foram elaboradas com a linguagem que tinha disponível, e muito do que fora dito é pouco se comparado ao que passou despercebido.

A experiência não se confunde com experimentos. Conforme Dewey (1976, p. 13) “experiência e experimento não são termos que se aplicam por si mesmos”. A experiência é irrepetível, acontece apenas uma vez, não requer o uso de métodos, estando voltada para o pessoal, deixa sempre uma lacuna a ser preenchida, uma abertura para o impensado. O que não acontece com o experimento, que para existir precisa de um método que vise reconhecer como êxito o que estiver previamente estabelecido pelo sujeito e as hipóteses por ele criada.

O experimento ocupa um lugar distinto da experiência, recusa o que não tem domínio, nega a subjetividade da experiência. Diferente da experiência que existe independente da compreensão do sujeito, o experimento depende de uma ciência que certifique sua vida e repetição de geração em geração.

2.3 A SINGULARIDADE DO SUJEITO DIANTE DAS EXPERIÊNCIAS PLURAIS

Escrevemos a vida a partir do impensado, das metamorfoses. Não há experiência quando a vida que vivemos/escrevemos não é a nossa, quando abandonamos nossos ideais, nossas convicções em favor de outros, quando estamos afastados do sentido que nos mantêm vivos.

Para Larrosa (2014) é importante que cada um de nós faça soar a experiência, que cada sujeito ao compreender a vida como algo por acontecer, compreenda também que as experiências são subjetivas num acontecimento plural e singular, ciente que é responsável por fazer sua própria experiência.

Neste aspecto, talvez de modo radical podemos dizer que a vida é utópica e o sujeito é o poeta que escreve versos na areia da praia sob a luz do luar e ao amanhecer segue como se nada tivesse acontecido, nesse sentido poderíamos dizer que a experiência é um verso interrompido quando o sujeito-poeta nega a si e aos demais a sua existência, o seu modo de habitar no mundo e com-o-mundo.

A imposição de barreiras com base em verdades-singulares-plurais expõe um sujeito que está destinado a viver-sem-pensar. Fechado para o diálogo com seus pares, colocando-os como incapazes de compreenderem o que estes compreendem por experiência.

Os acontecimentos da vida podem nos ferir, retomando a ideia de Heráclito quando diz que ninguém toma banho no mesmo rio duas vezes, podemos dizer que um acontecimento não pode acontecer duas vezes, jamais será duas realidades, cada acontecimento é uma única realidade tecida por múltiplas experiências

Buscamos compreender o que é a experiência, e como ela nos situa, possibilitando uma maior compreensão da vida através dos acontecimentos pelos quais podemos dizer o que somos e o que queremos, dizer que fomos tocados, e já não podemos ser mais os mesmos, que nossa relação com o mundo passa pelo crivo das nossas experiências, que outros mundos são possíveis, que é possível elaborar um sentido para a vida, mesmo que provisório, na liberdade de ser o que somos, de pensar, de existir, de ser um eterno devir.

Vivemos numa constante reflexão sobre a vida e os acontecimentos ainda que isso não tenha sentido aparente, pois “vemos apenas aquilo que primeiro nos escapa, em virtude de uma visão parcial” Blanchot (2010, p. 67). Se pensarmos por um momento o que poucos se colocaram à disposição para pensar, começaremos a

perceber que são essas construções desconexas, parciais assim como pensou Blanchot que dão lugar a experiência que fora menosprezada na marginalidade da qual fomos obrigados a viver com o pensamento fragmentado.

A banalização da palavra experiência tem provocado uma reflexão superficial sobre a mesma, passando a ser compreendida como uma palavra de fácil compreensão. Sabemos que “as palavras não apenas representam o mundo, mas também o abrem, não são apenas ferramentas, mas também um caminho” (LARROSA, 2018, p. 22).

Talvez o que de fato não se tenha feito até agora seja uma análise do que o sujeito compreende por experiência. E, só então começar a buscar a não-experiência e se esta poderá ajudar a pensar a vida, onde acontece de forma singular, onde o pensar, a palavra e a escrita ditam a vida.

Nessa busca por compreender a não-experiência, o desaprender de um saber pluralizado, encontramos no chão da escola um espaço para compreendermos a singularidade do sujeito diante de experiências plurais.

Nesse mesmo espaço, num intenso diálogo com outros colegas percebemos que o pensar de forma crítica, o senso crítico, para com a realidade fora deixado de lado, colocando-o num espaço onde poucos teriam acesso e os que tiveram foram acometidos por fortes crises de realidade, foram violentados com cortes existenciais e hoje padecem se a partir dali insistirem em ser os mesmos.

Pensar o pensar é buscar em si-mesmo a resposta para as questões que a muito tempo foram deixadas de lado ou questões que sempre foram a causa para o desenvolvimento do pensamento, do homem e da sociedade.

O pensamento nasce devido à sucessão de acontecimentos, pensamos porque algo acontece conosco, estes não previstos na sua relação com o mundo e na singularidade do acontecer produz a experiência no sujeito.

O pensar não exclui a igualdade, não torna o sujeito superior nem inferior, pelo contrário, o sujeito pensante presa pelo que de melhor cada um tem a oferecer ao outro e a si mesmo. Democraticamente quando o sujeito compreende o pensar e os acontecimentos a sua volta acaba incentivando aos demais sobre a necessidade de uma maior reflexão para com as experiências plurais.

E, na busca constante por experiências plurais, o sujeito nos leva a relembrar o lugar de fala mencionado anteriormente, visto que desejamos chegar a um lugar confortável para dizer alguma coisa. Alguns dizem que é na velhice que se encontra

o conforto para ser dito o que se compreende por finitude (DELEUZE, 2010) para assinalar como criador ou referência ao que fora criado, como dono se pudesse pensar ser o senhor da experiência assim como noutros tempos fora dos seus escravos.

A compreensão plural da experiência pode acontecer em qualquer faixa etária, não necessariamente precisa ser velho para compreender a dimensão e o impacto da experiência na vida humana. Ela sempre plural se deu face a face, ou seja, ela é na mesma medida que o sujeito. E, ele o é porque a experiência o fez.

Quando ensinamos algo para alguém, devemos evitar o medo e a preocupação sobre se o outro aprendeu alguma coisa, basta saber que ele é capaz de aprender, caso queira. Larrosa (2018) nos convida a pensar à escola como espaço possível para construção de experiências plurais na medida em que esta tem oferecido cada vez mais experiências escolares, buscando superar as desigualdades provadas pelo espaço e tempo.

A escola atual encontra-se dividida com outras realidades, dentre elas, que a escola se pareça cada vez mais com outra coisa que não ela mesma, que se construa outras finalidades, dado que já não há separação entre ela e outros espaços.

3 A EXPERIÊNCIA DO SUJEITO A PARTIR DO ESTAR-NO-MUNDO

A compreensão da experiência em sua totalidade é simplesmente impossível. Todavia o entendimento da experiência como algo que nos toca, ainda que inconclusa diante do sujeito pensante, talvez seja o caminho para compreender e compreender-se como sujeito no mundo.

Ao “tentar fazer soar a palavra experiência perto da palavra vida” (LARROSA, 2014, p.43) e numa relação mais próxima pensar a palavra existência e sua relação com o sujeito singular-plural onde a vida não pode ser determinada, nem previamente estabelecida por normativos, ela que sempre escapa a qualquer regra imposta.

De forma um tanto quanto pretenciosa ousamos quando nos propomos pensar a partir da reflexão do sujeito sobre si mesmo, não em nome de todos, mas em nome dos que se colocam sempre abertos para com as experiências, dentre elas a de estar-no-mundo.

E, aqui cabe perguntar ao sujeito consciente da inconclusão de si para como o seu meio sobre como se dá a experiência do dele no mundo? Para responder a nossa pergunta recorreremos à Larrosa (2014, p.41) quando diz que “cada um tem que fazer sua própria experiência”, compreendendo o tempo como o movimento da vida no mundo.

Quem se pré-dispõe a pensar o mundo? Toda e qualquer pessoa está pensando o mundo, o que nos resta saber é qual mundo que está sendo pensado. A experiência suscita novos acontecimentos, a consciência de mundo, faz com que o sujeito construa sua vida com base nos valores socialmente construídos. Seremos provisoriamente tudo na fração dos acontecimentos vivenciados.

Não propomos um caminho porque não existe um caminho previamente estabelecido para cada sujeito. Não existe um único caminho, no entanto convidamos a caminhar, caminhar e caminhar, seguir em frente “como a única coisa a se fazer com o caminho é caminhar nele” (LARROSA, 2018, p. 339).

Existem muitos caminhos, devemos ter o cuidado para não colocar a experiência ou chamar de experiência o que não tem sentido, que não está vinculado a vida, a própria vida, que não se pode transmitir porque nunca aconteceu. “Ademais o homem moderno fez a amarga experiência do absurdo coletivo, da aniquilação feroz em guerras mundiais e da radicalidade dos conflitos sociais e ideológicos” (BOFF, 1974, p. 13).

A caminhada do sujeito pelo mundo torna-o andarilho sem necessariamente ter saído do convívio com seus pares. As experiências e os acontecimentos o conduzem para caminhos antes não pensados. Nessa perspectiva podemos dizer que a vida se faz vivendo, a experiência do sujeito no mundo se faz pela vida em movimento, nos acontecimentos e nas rupturas provocadas pelos mesmos.

Estar-no-mundo como sujeito pensante capaz de refletir sobre suas próprias lições, seu próprio conhecimento, tecendo a vida como se fosse um tear e a sequência de dias após o nascimento seria o fio a tecer as experiências, estas que escapam a compreensão humana, a definição e a qualquer possibilidade de conceituação, permitindo ao homem usar uma vez ou outra a metáfora para dizer o que de mais simples tenha acontecido com ele.

3.1 O LUGAR DO SUJEITO NO MUNDO

Seria a palavra o lugar do sujeito no mundo ou seria a palavra a maior fronteira à ser superada pelo sujeito? Começamos, sempre e em qualquer lugar alguém começa, outros param e nenhum sujeito estar completo, nenhum sujeito alcança o conhecimento pleno sobre si mesmo. Estamos sempre distantes do lugar, o lugar não é uma coisa em si, e sim um acontecimento.

Vivemos o desconforto provocado pela razão e pela consciência quando diz que o sujeito tem um lugar no mundo. A realidade de mundo mencionada por Larrosa (2014) ao dizer que somos feridos por ela, feridos pela vida, pela realidade que se apresenta diante do sujeito onde não é absolutamente pensável num mundo sem a existência deste sujeito, pois se retiro o sujeito, retiro a palavra, a pergunta, a compreensão, a ideia de mundo criada por ele.

Fugimos dos começos, nos perdemos no meio do caminhar e estamos tentando construir um fim, este de mil maneiras possíveis. Como seria esse lugar, o começo? Onde começamos ou mesmo onde tudo começou? Segundo Larrosa (2014, p. 111) “o sujeito da experiência não é aquele que tematiza ou que problematiza, e sim aquele que pergunta e sobretudo o que se pergunta”.

Quando perguntamos o que somos ou o que fazemos aqui, parece acontecer um diálogo do sujeito para com ele mesmo, não fazemos uma afirmação sobre tal diálogo pois a experiência não se limita aos acontecimentos.

Ficamos inquietos com a pergunta e muito mais inquietos quando nos perguntamos, quando nos colocamos no lugar do sujeito, assumindo assim o papel daquele que fora tocado pela experiência. Segundo Larrosa (2017a, p. 305)

quando essa pergunta se torna inevitável e obsessiva, quando os lugares se confundem e perdem sua segurança, seus contornos e suas definições, a única coisa que nos resta para saber de que está feito um mundo são os detalhes mais insignificantes, os mais inúteis, os menos edificantes.

A pergunta pelo mundo dar ao sujeito um lugar no mundo. O lugar do sujeito no mundo sempre por acontecer se dar nas experiências advindas dos acontecimentos impensados e “uma vez que dizem respeito a experiência, estão feridos de realidade” (LARROSA, 2014, p. 111), a realidade que fere o sujeito é uma realidade aberta e por vezes incompreensível ou mesmo indizível podendo apenas ser captada por aquele que fora tocado por ela.

Quando nos perguntamos sobre o sujeito que habita e coabita esse mundo mais ou menos ordenado, Larrosa (2014, p. 111) diz que “o sujeito da experiência não julga” e mais adiante ele acrescenta “não é um sujeito intencional, nem um sujeito jurídico, nem um sujeito crítico, e sim um sujeito atento”.

O sujeito da experiência, não de qualquer experiência ou mesmo de qualquer compreensão sobre experiência, mas da experiência que nos toca, que nos acontece, essa que segundo Larrosa (2014) faz o sujeito tremer, leva-o a compreender o seu papel no mundo, deixando de lado as estranhezas sobre as experiências não pensadas num mundo dividido e irreconciliado pelas ideias dispares, transformando as relações de amigo-inimigo em amigo-amigo.

O olhar de Larrosa (2014) para com o sujeito, nos permite refletir sobre o lugar do sujeito no mundo, sobre a vida não como deveria ser, mas como ele é, como ela se apresenta, como uma questão sempre aberta.

A compreensão da relação tempo e espaço tem possibilitado ao sujeito maior compreensão da sua existência. Ainda que para Luipjen (1973, p. 51) “o sujeito foi apartado do mundo e este posto como separado do sujeito”. Seria um tanto quanto impensado mas não impossível pensar o mundo sem sujeito, pois como bem sabemos o sujeito não existe desde de um possível começo.

O mundo sem o sujeito seria um mundo de coisas em si. A presença do sujeito no mundo e sua relação com os demais seres, sendo ele o único consciente da sua

existência no mundo, tem possibilitado diálogos plurais sobre o lugar do sujeito no mundo, motivando-o a vivenciar a liberdade de consciência, num espírito de democracia, de tessituras sobre a vida e o mundo da vida.

3.2 O SUJEITO VIVE AO SEU MODO A EXPERIÊNCIA DE MUNDO

Seu modo, é o modo humano de ser e só posso responder “o que sou” quando compreendo os acontecimentos e as experiências advindas dele. Segundo Luipjen (1973, p. 63) “o mundo em que o homem como sujeito está envolvido é radicalmente humano”. A experiência não pode ser compreendida de forma generalizada, e cabe ao sujeito no tempo presente abrir-se para o futuro, para um caminhar aberto ao impensado diante dos acontecimentos e da continuidade da experiência.

Viver a experiência de mundo é uma atividade mediada pela reflexão e constantemente deve ser melhorada, mesmo com os desencontros, a vida deve seguir, pois “o ponto de chegada não se encontra em nenhum ideal distante mas no próprio caminhar”. (Boff, 1974, p. 6).

Esse mesmo sujeito recebe um corpo ao qual foi dado o nome e a sua imagem a multiplicidade refletida em diferentes espelhos busca a todo momento compreender o destino ou melhor dizendo o fim em si-mesmo. O sujeito tem consciência do mundo no qual ele é consciente, sobre o qual ele tem falado, pensado, experienciado. (Luipjen, 1973).

Esse corpo-mundo não é uma realidade isolada dos outros mundos coabitados por ele, se penso a relação corpo-mundo estou fazendo isso pensando a relação sujeito-experiência. E, se isolamos o sujeito do mundo ou o colocamos como uma realidade isolada, acabamos isolando a humano em si, este só compreende a sua existência porque compreende-se no meio dos seus, entre os iguais.

O sujeito pela experiência impensada de mundo e pela sensibilidade tecida pela razão sabe que está destinado ao fim último. Ele diferente dos demais seres vivo conhece o fim. O conhecimento do fim torna o mundo transparente, doravante perdemos a eterna jovialidade, o mito da imortalidade acaba quando o sujeito descobre a morte.

Talvez não queiramos mais conhecer o sentido último de tudo. Ainda que coubesse ao sujeito a tarefa de dar sentido ao sujeito, dar sentido à vida, a experiência, a sociedade e a cultura por ela construída no decorrer dos séculos.

Este mesmo sujeito sempre singular-finito viu e continua vendo a sua espécie desaparecer. Segundo Boff (1974, p.16) “o homem não fala, nem pensa, é pensado e falado pela estrutura que está nele”. Ao presenciar o desaparecimento de inúmeras civilizações², deu o nome de morte ao fim, este que o poeta diz ser a cortina de fumaça que separa os animados dos desanimados, dos sem vida, dos mortos, dos que silenciaram para sempre. Nascia ali à angústia como experiência da consciência que se percebe finita pelos acontecimentos com seus iguais.

Com o passar dos dias procuramos dar um sentido para a vida, para a existência da vida humana na terra, para tentar significar o sujeito e a sua experiência de mundo, partindo da compreensão que o sujeito apresenta o mundo pelas suas experiências, colocando-se como o centro e a totalidade, ele vê em si a realidade para a realidade criada.

O sujeito é o que ele fez e faz de si-mesmo, as experiências e acontecimentos o afetam e o futuro desde então será sempre por acontecer. Não há necessidade objetiva ou um sentido específico para a sua existência, ele simplesmente existe, e existe só no mundo. Para Luijpen (1973) descrever o sujeito como um ser existente leva-nos a conceber o mundo no qual ele está em envolvido. O outro coabita meu mundo, e dessa forma acabamos significando o mundo do outro em nossa vida.

A realização do sujeito está no horizonte possível, a consciência do passado ilumina o caminho sobre o presente e estamos aqui pelo triunfo de outrora. A experiência de mundo quando não compreendida pelo sujeito leva-o muitas vezes à uma não-experiência, e esta por sua vez só pode ser pensada, dita, pela experiência.

Experiências não-pensadas, apriori indizíveis, onde o arranjo existencial é singular pois a vida acontece sempre a sua maneira evitando os gestos cristalizados e as tentativas banais sobre a realidade e a morte, suportando a finitude quando percebe-se nela, o sujeito por assim dizer foi devorado pela ideia de fim ou de morte e só a razão ou a racionalização do estar-no-mundo é que fez com que ele pudesse viver a sua maneira as experiências impensadas.

O sujeito irracional deixou de existir quando a consciência de morte passa a existir nele, um dia por vez, uma vida inteira. Esse mesmo sujeito não aceita a morte como experiência finita, ele sabe que ela é a única que impõe barreiras e as quais não

² KEMP, Luk. Estamos à beira de mais um colapso de civilizações? **BBC News Brasil**, 07 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-47581634>>. Acesso em: 20 out. 2019.

se pode ultrapassar, sabe também que ela limita o saber que ele com os seus pares vem construindo sobre o mundo.

Num encontro consigo mesmo, o sujeito é convidado a viver e a ser ele mesmo, dando um grande sim para a vida, compreendendo as suas capacidades e limitações, reconhecendo onde começa a vida de cada um dos seus iguais.

O sujeito sempre foi um aventureiro, numa cultura plural ele se fez singular, por vezes buscou sair de si para encontrar consigo, reinventava-se toda vez que partia, aonde chegava toda casa era o abrigo para si, os acontecimentos em sua vida nunca eram definitivos, ele sabia reconhecer as experiências advindas de cada um deles. Segundo Dewey (1976, p. 31) “vivemos do nascimento até a morte em um mundo de pessoas e cousas que, em larga medida, é o que é devido ao que se fez e ao que nos foi transmitido de atividades humanas anteriores”.

Por muito tempo esse mesmo sujeito desejou ser caixeiro viajante, em casa perdia-se de si, era pelo mundo que tecia sua vida, sua memória carregava as experiências sobre o caminhar e nessas mesmas estradas ele compreendia o sentido singular da sua existência pois sabe que por mais que se pareça com seus pares, ele é único, está só no mundo, deu nome as coisas e disse de si para o outro.

Ao dizer sim para o outro, todo sujeito é chamado a viver em sociedade, a tecer experiências com os seus pares, a contribuir para um mundo simples e plural. No caminhar da vida vamos realizando o chamado. Boff (1974, p. 36) diz que “o homem realizará sua humanidade caso se mantiver constantemente em relação com a totalidade da realidade que está nele mesmo e com aquela que o cerca”. A realização de si torna-o aprendiz do mundo, capaz de compreender a realidade, de humanizar e humanizar-se no convívio com outros sujeitos.

Ao pensar a realidade, o sujeito percebe que alguns acontecimentos foram esquecidos ou foram obrigados a silenciar, evitando assim qualquer diálogo sobre essas experiências e seus impactos nos dias vindouros. A vida se tece pelas marcas da experiência do sujeito com o mundo estas bem ou mal dizem mais sobre ele do que as palavras gramaticalmente organizadas.

O mundo que compreendemos é radicalmente humano. E, “em cada detalhe um mundo e um destino, o mistério da vida alheia (talvez de toda vida) e a arte de viver que, por um lado, expressa-o e, por outro, mantém-no a uma distância intransitável”. (LARROSA, 2017a, p. 313).

Essas experiências são os traços do caminhar do sujeito em busca de si mesmo, da sua evolução, opondo-se assim a ideia de que ele fosse uma *tábula rasa*³, pois no momento em que ele passa a existir eis aí sua primeira experiência e o seu primeiro acontecimento, pelo qual foi tocado, e passou a existir entre os seus.

Seguindo naturalmente o seu caminho “assume em suas próprias mãos seu próprio destino; não quer depender de ninguém e de nenhuma instância superior na explicação e dominação do mundo” (BOFF, 1974, p. 44), deseja seguir seu instinto aventureiro, pois sabe que é capaz de administrar a vida e experiências advindas dos acontecimentos.

Outro fator a ser analisado sobre o lugar do sujeito no mundo é a profissão exercida por ele. Esse mesmo sujeito no decorrer dos séculos tem quebrado as estruturas hierárquicas ao dizer que toda e qualquer pessoa pode ser o que ela quiser, pode atuar como profissional onde quiser, que o trabalho não tem sexo e que o filho não precisa seguir a profissão do pai como acontecia e ainda acontece em algumas sociedades.

Ninguém nasceu para ser o que o outro determina. Segundo Dewey (1976, p. 55) “Quanto mais se sabe a respeito de costumes em diferentes partes do mundo e em diferentes períodos da história, tanto mais verificamos quanto as maneiras diferem de lugar para lugar e de tempo para tempo”. O trabalho não deve ser visto como um chamamento divino, pelo contrário, o trabalho é a condição para a dignidade do sujeito entre seus iguais.

Toda e qualquer pessoa sempre está e nunca é – uma experiência em movimento – ou seja, o que ela faz hoje está associado as experiências de mundo e estas por sua vez são inacabadas.

O sujeito busca o sentido para a existência e para a vida em sociedade. Superando as amarras que o cercaram por tantos anos, o sujeito aprendiz do mundo que está por acontecer, sabe que pode ser qualquer coisa e que sua capacidade não está limitada.

Esse parece ser o esforço das universidades como uma das tantas instituições que especializa o sujeito para atuar no mundo. Esse universo ali construído busca a

³ Cf. ABBAGNANO (2007, p. 1104) “essa expressão nasce da comparação do processo de aquisição de conhecimentos com o processo de impressão de sinais ou letras sobre tábulas cobertas com cera ou de escrita sobre a página.

todo custo dizer que cada pessoa tem uma vocação, um chamado a viver e experienciar o que cada profissão possui em si como o cultural.

Na dualidade entre trabalho e lazer o sujeito depara-se com o tempo livre para o descanso. “O lazer constituiria o tempo precioso em que o homem gozaria do sentido das coisas e da técnica dando-se à atividade realmente humanas como ao jogo, ao passeio, às festas, aos encontros, à meditação, ao estudo desinteressado”. (BOFF, 1974, p. 50).

Ainda que não saiba o que fazer porque na atual conjuntura vive mais em função do trabalho que dele mesmo, trabalho este em sua maioria escravizador quando não faz uso da técnica disponível para promover a qualidade de vida, para que assim possa se pensar o sentido do sujeito, do lazer e do tempo, para dar sentido a existência, respeitando as diferenças, integrando-as sem torná-las homogêneas.

Em passos lentos, rápidos, e outras tantas vezes interrompidos, o caminhar deve acontecer, o sujeito precisa buscar manter-se sempre aberto ao futuro e as transformações advindas dos acontecimentos que dele independe.

O mundo não é um espaço qualquer e nada mais, ainda que ele não seja nosso, o sujeito em sua liberdade deve sentir-se responsável para cuidar dele. O que segundo Luipjen (1973, p. 63) “trata-se, pois, de fazer ver que o mundo em que o homem como sujeito está envolvido é radicalmente humano, de modo a ser impossível falar de um mundo-sem-homem”. Ao sujeito resta-lhe a consciência para com o mundo, devendo está sempre disposto a organizar com responsabilidade um mundo melhor para as gerações futuras.

O sonho de liberdade conquistado pelo sujeito jamais deve ser imposto sobre o outro. Temos o domínio sobre os objetos, sobre o outro temos o respeito e o diálogo para mediar os espaços comuns. O poder jamais poderá ser usado para escravizar. O sujeito deve buscar sempre a liberdade, a igualdade e a fraternidade, e assim construir a dignidade de ser pessoa.

Somos uma pequena parte do todo, somos plurais, mas sozinhos (LARROSA, 2017a). Cada indivíduo é uma pessoa apta para pensar e experienciar entre seus iguais sem depender de outros seres, visto que a racionalidade constitui o diferente no sujeito, torna-o singular perante os outros animais.

Por vezes o sujeito tem demonstrado ser incomunicável e o desafio que enfrentamos é proporcionar uma maior aproximação pela palavra, respeitando a existência singular de cada um, permitindo ser tu e assim sermos nós. A nossa voz

existe pela existência do outro, somos um eco no espaço, e por fim, nada conhecemos a não ser quando nos conhecemos primeiro.

A palavra é o específico da pessoa humana. Pela palavra o sujeito diz de si para os seus pares, dizer ao outro de si está vinculado a compreensão dos acontecimentos e ao dizer ele gera novos acontecimentos, pois toma pra si a realidade por ele vivida. Conforme Larrosa (2017a, p. 182) “a palavra que se toma é imprevista e imprevisível, escapa a qualquer vontade e a qualquer domínio, é sempre surpreendente, sempre nos surpreende”.

Somos liberdade na relação com o outro, cada pessoa é constituída para ser independente, sair de si para compreender a si mesma, compreendendo a existência do ser, a sua existência em meio aos demais.

Enquanto experiência de mundo, o sujeito não dispensa o pensar, o buscar, pelo contrário, é pela palavra que o sujeito procura dizer aos seus iguais as experiências, ou melhor dizendo o recorte feito pelo mesmo diante dos acontecimentos por ele vivenciado. Desta forma percebe-se que o sujeito diz ao outro e para o outro as decisões que pretende tomar com base nos acontecimentos que o tocaram.

As nossas ações revelam o nosso ser no mundo, o que não é justificável nem mesmo compreensível quando insistimos em submeter o outro as nossas vontades e escolhas. Ninguém é o mesmo depois de um acontecimento, as experiências vivenciadas pelo sujeito que se deixou ser tocado de forma tão intensa leva-o a compreender que jamais poderia pensar um sujeito como uma *tabula rasa* ou como um papel em branco.

Ainda que o sujeito coabite com os seus pares ele apresenta dificuldades para emitir juízo de valor sobre os que habitam outros espaços. Enquanto sujeito pensantes talvez não saibamos dizer quem és tu que diz ser de lá, sempre de lá e nunca daqui.

Com espontaneidade e intuição, deve o sujeito buscar seguir seu caminho no mundo, sabendo que é impossível mensurar os impactos da experiência, podendo assim recorrer aos seus olhos que são as janelas do mundo e ao seu modo de existir sempre singular na coletividade e dessa formar seguir adiante uma vez que ainda não encontrou um motivo para se fixar num lugar, num trabalho, num determinado espaço social, pois ele sabe que além do que está ao seu alcance existe o que ainda não fora pensado ou experienciado.

Pelo trabalho e pela caminhada trilhada no decorrer dos dias o sujeito transforma a si e ao mundo em sua volta. Entre um sujeito e outro deve haver reciprocidade, ele é extensão do meu eu e eu sou a confirmação da sua existência, ou seja, tu é por que eu sou, e eu só posso ser na mesma proporção que tu é. E cabe a nós, enquanto sujeitos pensantes, a tarefa de superar as adversidades seguindo a diante depois de cada acontecido.

Para construir uma convivência harmônica entre seus pares, os humanos criaram as leis com base em acontecimentos para que dali em diante não se repetisse mais tal ato. As leis não dizem nada de outro mundo, nem de mundos possíveis, elas são exemplos próximos da materialização dos acontecimentos, vale para manter a sociedade igualitária entre os sujeitos. E, essa mesma lei que legitima a voz de um, cala a voz de outro, quando não o liberta das amarras socialmente construídas.

Para que um sujeito comece a representar outro diante de seus pares ele deve primeiro acatar as diferenças, sabendo que estas nunca se esgotam, deve buscar a transformação do espaço por ele ocupado num espaço de relações fraternas, se o sujeito “se fecha, ele está se voltando contra si mesmo” (BOFF, 1974, p. 70).

As experiências são as mensagens mediatizadas pela vida. Quanto mais o sujeito se conhece mais ele compreende as propostas e as respostas para com o mundo e com a vida no mundo, bem como para com as experiências futuras e o futuro das experiências presentes nele enquanto sujeito. (DEWEY, 1976).

Com frequência entramos em confronto com o pensamento, com a vida, com o passado e até com o presente, nossa maior guerra sempre foi conosco, com nossas convicções, pois buscamos um sentido para cada coisa que nos acontece. Boff (1974) já nos falava sobre o lugar que o sujeito habita e os impactos que causa a vivência pessoal e coletiva, que as dimensões políticas, econômicas e sociais devem ser compreendida pelo sujeito que encontra um sentido que lhe seja importante, e dessa forma sintam-se participe da tessitura de um novo mundo, de um futuro onde as perguntas encontram caminhos num sujeito que estar em aberto as experiências subjetivas num mundo plural.

Talvez um exemplo do que seja esse lugar do sujeito no mundo, ou mesmo esse modo como ele vive as experiências é quando o próprio se conscientiza da responsabilidade pelas escolhas, pela vida, pelo mundo, e que o impacto de suas decisões não afeta somente a si, “entram numa espécie de crise. Vêm várias

possibilidades e as possíveis consequências de uma decisão tomada” (BOFF, 1974, p. 72).

Isto ou aquilo e nunca saberemos o que seria melhor para o sujeito, e nenhum outro a não ser ele mesmo poderá escolher. No momento da escolha o sujeito se encontra sozinho, ele sabe que viverá o que decidiu viver e que escolher era a sua única saída.

Até o presente momento o sujeito apresentou-se como alguém que se moldou pelas conjunturas do espaço e do tempo, onde as questões econômicas, políticas, religiosas e culturais formam tidas como acontecimentos decisivos na formação dele e do mundo que habita.

O sujeito vive ao seu modo a experiência de mundo como uma tarefa a ser realizada a cada dia, a felicidade seria o fim último das experiências, onde cedo ou tarde ele se pergunta pelo sentido da vida e do mundo da vida, do ser e do nada, da vida e da sua manifestação no destino dos seus pares. Ele é chamado a captar a experiência na realidade em que está inserido, “ele não é apenas um trabalhador e manipulador do mundo, é também aquele ser que pode vislumbrar a transparência do mundo”. (BOFF, 1974, p. 129).

3.3 A INVENÇÃO DE SI PELA EXPERIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA COLETIVA DO SUJEITO

O sujeito consciente de sua finitude busca com seus pares construir uma experiência coletiva de mundo. A experiência de mundo coletivo é o elemento estrutural na vida do sujeito. Sendo assim nos perguntamos sobre o que é uma experiência humana para dar conta do contato social com o outro? A experiência de mundo está no sujeito que nele habita e ela por sua vez se manifesta na pluralidade histórica da vida que sempre está por acontecer no sujeito que é um ser aberto a totalidade da experiência, das escolhas e de tudo que estiver relacionado ao viver.

A coletividade desperta no sujeito experiências de mundos plurais, mundos humanos tecidos a partir das relações entre seus pares e do ponto de vista sobre o sujeito-no-mundo. Para Luijpen (1973, p. 76) “quem compreende que o mundo e a verdade sobre o mundo são radicalmente humanos, está preparado para conceber que não existe mundo-em-si, mas muitos mundos humanos, de acordo com as atitudes ou pontos de vista do sujeito existente”.

Estar no mundo como sujeito consciente da sua existência fez o sujeito inventar-se a si mesmo pelas experiências e na coletividade narrasse o que viu da vida e como os acontecimentos o fizeram chegar até aqui.

A invenção de si é fruto da percepção do sujeito diante dos acontecimentos. Ao dizer isso não podemos esquecer a experiência advinda dos acontecimentos e estes tem provocado no sujeito crises de realidades. Estas são por assim dizer as experiências que o sujeito tem entre seus pares que o despertam para uma consciência racional de mundo.

A consciência é quem humaniza o sujeito (BOFF, 1974), chamando-o para o bem comum, para a responsabilidade para com o outro e o mundo. No entanto a consciência e a experiência teria algo em comum, ambas são intocáveis, e em alguns casos incompreensíveis ou mesmo invisíveis.

Ao pensar sobre si mesma, a consciência deve ter cuidado para não errar, criticando suas próprias convicções, provocando conflitos nas demais esferas ocupadas pelo sujeito. A consciência humana está situada em contextos diversos. Estes podem influenciar o sujeito humano e histórico a se converter em outra coisa, tornando-se incapaz de ler e compreender o mundo (LARROSA, 2017a).

Podemos dizer que a consciência é lugar onde o sujeito encontra consigo mesmo. É ali que ele avalia ao seu modo as questões do passado e traça seu caminho futuro. Podemos dizer que o futuro visita o presente e o questiona. O questionar da consciência para com o sujeito seria o novo diante do novo, num dia que nasce velho. Esse questionar sobre o futuro faz com que a vida de modo geral seja sempre atrativa para os sujeitos.

O sujeito sabe que sua consciência pode escolher, a escolha pode estar em direção oposta ao que fora ensinado pelas convenções sociais. “O importante não é saber muito. Mais importante é possuir a capacidade de aprender sempre mais e manter-se aberto às realidade novas” (BOFF, 1974, p. 79). Quando a consciência não faz a crítica, ela pode tragicamente errar com a melhor das boas vontades.

Talvez esse mesmo sujeito não esperava que o impacto causado pela consciência de si e para si, ou não quisesse perceber o impacto de cada escolha feita. Se por um lado seguiu fielmente o que não estava previsto nem prescrito, agora percebia-se que em cada acontecimento, a consciência recolhia informações tidas como experiências e que estas formaram o sujeito que chegou aos dias de hoje.

Entretanto esse sujeito pode cair na alienação da sua própria consciência, quando acha que sabe tudo ou quase tudo, quando pensa que detêm o saber e que não precisa se preocupar com nada referente aos seus valores políticos, éticos e morais. O que seria um desastre no seu processo formativo evitar ou desconhecer a sua própria emancipação.

O sujeito emancipado ou esclarecido conforme Kant (2007) seria capaz de pensar por si mesmo, seria autônomo, e junto aos demais construiria a sociedade com base na leis criadas por eles mediante acontecimentos, possibilitando desta forma alcançar a maioria. Caso isso não ocorra, esse mesmo sujeito pode ser perigoso para a sociedade, pois ele pode agir de forma arriscada em nome do saber e tentar dessa forma justificar os piores males.

Por fim, esse mesmo sujeito busca um lugar no mundo onde a superação dos conflitos se dará mediante compreensão entre seus pares, e a relação deles para com os demais passaria a ser sempre mediatizada pelo diálogo como meio de aproximar o sujeito consigo mesmo, dessa forma reduziria os conflitos dele para com ele e com os demais.

Um olhar rápido sobre a existência do sujeito no mundo e as experiências como fenômenos a serem compreendidos nos acontecimentos, ressaltará a dimensão da crise de sentido enfrentada pelo sujeito ao pensar a vida e real motivo ou sentido para continuar vivendo a experiência como linguagem primaria.

Assim como pensara Dewey (1976) toda experiência, em última análise é social, pois envolve outros sujeitos, até mesmo quando pensando a experiência de si, o sujeito o faz com base em acontecimentos e experiências outras. Dando continuidade, o sujeito busca a todo momento superar a realidade em que se encontra, tanto na esfera política, econômica e social quanto a dimensão metafísica dual entre o sagrado e o profano.

Este mesmo sujeito é capaz de perguntar pela totalidade da realidade, assim como outrora perguntara pelo que é o homem, qual o sentido e fim da vida, se a felicidade seria real e acessível a todos ou seria ela a utopia maior que move o mundo.

4 A EXPERIÊNCIA COMO MEDIAÇÃO DO FILOSOFAR

A experiência é uma mediação para o filosofar, e o filosofar é uma mediação para compreensão da experiência. Podemos dizer que o mediar da experiência e pela experiência se configura numa relação do sujeito com o tempo (LARROSA, 2018). Nesse percurso a tarefa maior do professor no seu fazer diário é mediar a relação entre o filosofar e a experiência, ampliando a reflexão sobre o filosofar na educação básica e o papel da filosofia na escola.

A escola é uma forma particular de mediação do sujeito para com o mundo. A mediação realizada pelo professor em sala diferencia-se das demais mediações quando assume o papel de mediar a experiência da vida que está por acontecer, exigindo do sujeito um estar presente, uma presença para além da conjuntura, uma presença que se coloca como responsável por mediar o presente. (LARROSA, 2018).

Desta forma, pensamos num ensino de filosofia que possibilite ao aluno à experiência do filosofar como um caminho para compreender a vida e o mundo a sua volta e quem sabe conscientizar-se da sua responsabilidade para com o mesmo.

A escola como espaço plural, deve proporcionar uma educação comprometida com experiências pessoais, onde o professor ocupa a função de mediador (DEWEY, 1976), dos dilemas acerca da realidade, instigando o aluno a perceber que tem tempo disponível, que não há pressa e que ele é capaz de conhecer o mundo e a si mesmo, ainda que alguns demonstrem que já são incapazes de se interessar por outras coisas que estejam fora do eu-mundo criado por eles.

A experiência da escola é uma experiência na qual não vivemos nossa vida, na qual o que vivemos não tem nada a ver conosco, é estranho a nós, se da escola tanto se somos professores quanto se somos alunos, voltamos exaustos e mudos, sem nada para dizer. (LARROSA, 2014, p. 55).

Assim como disse Larrosa na citação acima, “estamos exaustos, sem nada para dizer” e por vezes temos a sensação de que não vivemos, que a vida na escola foi robotizada através dos sistemas de ensino integral e integrado a educação profissional.⁴ E, quando segue a modalidade regular continua com a ideia de

⁴ Quando a escola não tem estrutura para receber esse aluno, o que ela acaba oferecendo é uma sala de aula e oito ou nove aulas seguidas todos os dias, sendo a grande maioria conteudista, pois compreendem que o aluno deverá aprender o máximo de conceitos possíveis para aplicar na vida profissional. O aluno acaba ficando exausto e o lugar que poderia ser o espaço ideal para aprender

reprodução do mesmo, negando o potencial dos que ali compartilham a vida e o mundo da vida.

Todo sujeito em algum momento da vida percebe-se diante de algum acontecimento, compreende que algo ficou nele de forma mais intensa, talvez esse sujeito não saiba que o acontecimento por ele vivenciado tenha despertado uma reação antes impensada. Esta reação pode ser imediatamente agradável como pode provocar atitudes descuidadas (DEWEY, 1976), principalmente quando o sujeito da experiência não consegue aperceber a relação entre o acontecimento e a percepção que ele tem para com o mesmo, demonstrando incapacidade de entender-se como sujeito constituído de experiências.

Por sua vez, a experiência media a relação do sujeito com o acontecimento. Quando este se dar tempo, dar-se no tempo e pelo tempo entre seus pares consegue compreender os acontecimentos e experiências que os envolvem, o outro enquanto sujeito coabita meu mundo, significamos a existência do outro em nossa vida (LUIPJEN, 1973). Quando o acontecimento está vinculado a vida escolar do sujeito a experiência media sua relação com os outros, é através dela que o sujeito aprende sobre a vida e o mundo da vida.

Sabemos que não é possível viver a experiência em sua totalidade. A nossa existência se constitui de experiências outras, essas que não temos como dizer e nem pré-dizer. Todavia, podemos mediar algumas experiências, ou tecer novas experiências, visto que cada experiência acontece apenas uma vez na singularidade de cada sujeito.

Enquanto sujeito não sentimos falta do que não vivenciamos, ainda que por ansiedade muitos de nós tenhamos buscados viver superficialmente a ideia de ter vivido tudo que foi possível. Viver a ideia do todo tem anulado no sujeito a capacidade de perceber o toque da experiência, uma vez que numa vida superficial a experiência não nos acontece, ainda que a superficialidade seja uma experiência.

Mediar o filosofar passa a ser um desafio do sujeito para o mundo, deste que percebe as experiências e os acontecimentos e através deles descobrir-se como mediador das experiências, dessas que escapam os modelos as estruturas organizadas, pois só é possível mediar a experiência a partir de experiências-outras. (LARROSA, 2018).

os mais diversos saberes tecidos pela sociedade acaba virando um espaço onde sempre se oferece mais do mesmo, onde nada de novo acontece, onde a repetição se faz presente todos os dias.

Uma vez que o sujeito foi tocado pela experiência ele não terá como fingir que ela não aconteceu. O toque da experiência tem despertado tremores no sujeito, mediando sua relação com o mundo e consigo mesmo, levando-o a refletir sobre o mundo e a vida, sobre as realidades plurais que configuram o espaço-tempo em que está inserido.

A percepção sobre o espaço-tempo deixa o sujeito inquieto quando o mesmo percebe que a escola como espaço para mediação do filosofar tem se colocado como um lugar onde não tem espaço para ler, escrever, pensar e conversar. (LARROSA, 2018).

Ainda que a vida siga um ritmo diferente, sempre subjetiva em meio aos mundos plurais, ao sujeito coube a tarefa do desenvolvimento do pensar e do experimentar a filosofia na escola, e na sociedade em geral.

Numa escola onde cada aluno virou um número no diário, onde ele deixa de ser pessoa, sujeito pensante e passa apenas a ocupar um lugar, sendo visto apenas como um dado estatístico⁵ para o governo, não podemos dizer que essa escola vive a experiência – também não podemos ir ao extremo e dizer que não existe experiência nesse espaço – ela em conjunto com o sistema educacional viraram um experimento.

Não tem sentido pensar o aluno, se não o pensamos na condição de ser pessoa, capaz de construir-se, superando a distância existente entre o que conhece e o desconhecido. Entre o desconhecido e o impensado há uma relação infinita, um vazio que busca a todo momento ser preenchido pelas experiências, cada um à sua maneira.

O professor como mediador do filosofar não pode dizer nada, nem garantir nada, mas pode inspirar confiança. Ele sabe que a relação professor-aluno se pauta na definição da palavra ensino e o sentido do ensinar está na abertura para tecer experiências oriundas da oralidade, da escrita e das reflexões sobre a realidade em que estão inseridos.

Esse mesmo professor, pela mediação, busca conscientizar o sujeito que coabita com ele na escola que ser igual não é exercer as mesmas atividades, fazer

⁵ “O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações”. (BRASIL – INEP, 2019). Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/ideb>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

as mesmas coisas, que uma experiência não anula a outra, que há diferentes funções onde cada um pode realizar-se e dessa forma ser um no todo.

O professor dá tempo, faz tempo. Primeiramente porque ele sabe que o mundo não começa agora, entende que os novos chegam a um mundo que já existe e, portanto, sabe que dar o mundo é dar um mundo velho, envelhecido, um mundo anterior, feito de tempo e que mostra os traços, as rugas e as podridões do tempo; mas também sabe que dar o mundo é dar inclusive as possibilidades do mundo e as possibilidades de renovação e de rejuvenescimento do mundo. Em segundo lugar, porque a própria escola é, fundamentalmente, uma forma institucionalizada de dar tempo: um espaço para a Scholé, para o tempo livre. (LARROSA, 2018, p. 192).

O professor de filosofia, aprendiz da razão e do tempo, busca pela mediação do filosofar através das experiências de mundo desconstruir as verdades tidas como experiências exitosas, se assim podemos pensar estas verdades, onde a grande maioria foram impostas pela sociedade, pois ele, enquanto mediador, compreende que algumas verdades são “deseducativas para as experiências posteriores” (DEWEY, 1976, p. 14), que se colocam como detentoras do saber a ser construído, ensinado, e experienciado na escola, distorcendo ou até mesmo impossibilitando a vivência coletiva tecida pelos saberes plurais, atrofiando o conhecimento oriundo dos acontecimentos internos e externos.

Sabemos também que o modelo de ensino vigente no país está vinculado a ideia de transmissão de conteúdo, visando apenas a aprovação desse aluno numa universidade, negando a existência de outras tantas realidades, de outros tantos mundos possíveis ou mesmo colocando-os em segundo plano, para atender a demanda de determinados grupos que acreditam que ensinar limita-se a transposição de ideias, enquanto a experiência estaria vinculada a ideia de compreensão do filosofar numa relação de igualdade.

Ao superar a dicotomia entre escola-experiência e escola-conteudista, fazendo da escola um espaço plural e democrático, o professor assume o papel de mediador do saber, evitando a ideia de detentor, de senhor do conhecimento, pautando a filosofia como um caminho para formar no sujeito uma consciência e uma experiência plural de mundo.

Na conjuntura atual, o professor busca superar os limites impostos ao saber e convida aos seus alunos a fazerem o mesmo, assumindo assim a ideia de amigos do saber, amigos da palavra, amigos da razão. Sabendo ele que a vida está além do que fora escrito, e conscientes que a vida é devir, sabem também que em alguns

momentos foram acometidos por crises de realidades, e o que lhes resta é inventar a vida, mediar a vida, viver a vida.

A mediação realizada pelo professor como educador na sociedade só é compreensível quando humaniza os que estão ao seu redor. É um serviço para o outro, mas com uma orientação especial de ser o elo entre o saber e o não-saber entre os vários saberes e experiências de mundo.

Como mediador do filosofar, o professor usa a escrita como modo de (re)existir. Ele sabe que não seria possível escrever a experiência (LARROSA, 2018), mas que a partir dela podemos analisar os acontecimentos e perceber-se neles. Sem mensurar, pois a experiência é ultrapassa o limite do dizer, o professor sente-se tocado e busca através da linguagem e da escrita uma maneira de dizer aos outros o que vê e o que sente, e quando o faz, recorre as experiências-outras.

Por exemplo numa experiência triste, o professor, faz uso das palavras ainda que suas dores não doam na mesma proporção que a palavra quando pronunciada por quem a experienciou. As palavras que compõe o dicionário apresentam uma compreensão singular-plural sobre o que pensamos, algumas delas tem por função narrar determinados acontecimentos, seria uma palavra-história.

Como sua presença se faz através da palavra, o mestre é também um artesão da palavra ou, melhor, da oscilação entre a palavra e o silêncio. Dando sua palavra, o mestre abre o diálogo e se converte, portanto, em artesão do diálogo. Mas o que o mestre faz, dando sua palavra é dar a palavra, não só, ou não fundamentalmente, aos estudantes, e sim para a matéria de estudo. O mestre, poderíamos dizer, dá uma palavra que não é sua. E isso porque o que faz com sua palavra é que seja o mundo aquele que fale, que seja matéria de estudo aquela que diga alguma coisa. (LARROSA, 2018, p. 194).

Quando perguntamos qual espaço escolar ocupa a palavra experiência, percebemos que a palavra muda conforme o contexto, a palavra repetida em experiências-outras.

Vivemos as experiências nunca antes pensadas, estas frutos do tempo, do nosso tempo, e soarão como incompreendidas porque não foram pensadas, sendo sempre novas como nunca houve outra a quem pudéssemos fazer comparações.

A vida é o que abre a experiência para ter novas experiências, ao abrir-se para o novo, arriscar-se pelos caminhos, o sujeito vem construindo o mundo e a vida no mundo, onde cada experiência é singular e manifesta-se de diferentes formas.

A contemporaneidade tem sentido com mais intensidade o automatismo do sujeito que se coloca diante dos seus pares falando, opinando, o tempo todo e cada vez com menos palavras, deixando transparecer que não há disposição para o pensar, pensar o mundo e a si.

Esse automatismo leva ao esvaziamento do ser, leva o sujeito a cada vez mais negar a si e aos outros. Miguel Morey (2007, p.434, tradução nossa),⁶ disse na carta que dedicou a filha ao completar 18 anos que “quando as palavras morrem, irremediavelmente, os homens adoecem”, e não podia ser diferente, a morte da palavra leva à morte da escola, e não tão distante leva o sujeito à morte.

Para que isso não aconteça devemos reinventar, dar um novo sentido, para que pela palavra o sujeito possa experienciar o que a palavra experiência procura dizer. A linguagem pode até determinar aonde podemos ir, todavia não pode determinar a experiência dos que desejam ir além.

Vivemos conforme a linguagem que temos a nossa disposição para construir mundos plurais e ao mesmo tempo esperamos que as novas palavras tragam algo novo. Pensamos e experienciamos o mundo a nossa volta através da linguagem que construímos e desconstruímos pelas convicções políticas, econômicas e culturais.

Dando continuidade à reflexão e escrita sobre o pensar filosófico através das experiências onde não haja apenas reprodução de conhecimentos já adquiridos pelo professor na graduação⁷ e nos anos de “experiência em sala de aula” ou apenas proposto pelo livro didático, fazendo apenas o papel de transmissor de conteúdo.

A repetição tem gerado uma escola morta e as críticas feitas por Dewey (1976, p.6) ao sistema educacional que insistia em seguir como a ideia que o “aprender significa adquirir o que já está incorporado aos livros e à mente dos mais velhos”, contribuiu para uma maior reflexão sobre a dicotomia a ser superada pelo professor.

A dura e árdua realidade, hoje nas escolas, principalmente na disciplina de filosofia, é que a grande maioria dos professores limitam-se a contextualização de fragmentos de alguns filósofos, confrontando-os com pequenos textos filosóficos.

A função da filosofia na escola tampouco seria a de dar ferramenta aos jovens para adaptarem-se ao mundo de hoje, mas antes mostrar diversos recursos teóricos que possam ser utilizados para pensá-lo e eventualmente transformá-lo. (CERLETTI, 2009, p. 74).

⁶ “Cuando las palabras mueren, irremediavelmente, los hombres enferman”.

⁷ “A universidade nada mais é então, do que a soma de saberes determinados, que tem tão somente com o tempo a relação de um programa de estudos”. (BLANCHOT, 2010, p. 36).

Como mediador, o professor sabe que ensinar não é um produto acabado, fechado em si mesmo, sabe também que repetir não pode ser entendido como experiência. A repetição aqui apresentada está associada a ideia de que ao adquirir um conhecimento sobre determinada área do saber o mesmo pode ser aplicado do mesmo modo nos anos subsequentes, é um experimento com base em anos anteriores.

E o lugar que deveria ter vida, tinha professor-máquina, aluno-máquina “preparados para ser empregados perfeitos do trabalho flexível dos nossos dias” (LARROSA, 2018, p.25), fazendo sempre o mesmo, repetindo infinitas vezes as mesmas coisas, para que no final do ano alguém que também vivenciou o processo de repetição pudesse dizer que estavam aptos para ensinar a outros como se aprende.

Propomos pensar o ensino de filosofia como uma experiência onde o ato de ensinar com (construindo os saberes com os alunos, onde o experienciar está associado ao aprender com) e não como (repetindo o que está nos livros, assumindo o papel de repetidor), dá vida ao ambiente escolar, despertando no aluno o desejo para com o conhecimento, para novas experiências de mundo, para uma maior aproximação com a filosofia, partindo da realidade onde está inserido.

A filosofia, para nós, não é uma disciplina, e sim uma atividade que tem a ver talvez com o pensamento. E o pensamento é sempre uma indisciplina, ou dito de outro modo, um acontecimento, um talvez, que não se pode nem produzir, nem prever, nem presumir, e que, além do mais, acontece, ou pode acontecer, em qualquer lugar. (LARROSA, 2014, p. 126).

Assumir o papel de mediador do filosofar é antes de mais nada ter a consciência dos limites e dificuldades em fazer soar a experiência no sujeito, pois, como bem sabemos a escola atual divide seu tempo-espço com outras realidades.

Enquanto mediador o professor sempre irá se questionar quando que de fato se faz ou não filosofia na sala de aula ou se filosofa ou não filosofa, bem como, qual o impacto que terá cada aula na vida do aluno, nesse encontro mediado por experiências e acontecimentos plurais. É esse não saber que incomoda a maioria dos que fazem a escola.

Larrosa (2014, p. 152) diz que “quando o encontro com a infância nos faz pensar e traduzimos esse pensamento em palavras, então talvez o que fazemos é filosofia, ainda que não saibamos”. Essa incerteza não pode desmotivar os

professores que vivenciam esse momento de mediadores do filosofar junto aqueles que se encontram na infância, eles começam a compreenderem a vida pela mediação do saber, e assim começam a compreender a filosofia, a vida e o mundo da vida. Ainda que não veja, deve o mediador compreender que a aprendizagem ultrapassa os muros da vida numa ordem própria, aprende e apreende pelo modo de ser, levando o sujeito ao encontro de si.

Buscamos o tempo todo conhecer o desconhecido, aqui chamado de experiência, como se tudo um dia pudesse ser compreendido e experienciado. Nos aproximamos da filosofia através das experiências, falamos das experiências que possibilitam ao sujeito pensar a si mesmo e ao mundo.

A escrita como experiência do filosofar na educação básica é um dentre tantos lugares possíveis pelo qual o sujeito descreve o mundo, este mundo-singular que habitamos e ao qual temos dedicado toda a nossa existência. Para Larrosa (2018, p. 201) “a filosofia é escrita, e a escrita não pode ser separada do ensino, que é sua condição de possibilidade”, ela é um lugar, um acontecimento na vida do sujeito.

Escolher ou limitar o campo das experiências é limitar/empobrecer a problemática, ocultando a riqueza da reflexão, dando ênfase apenas as experiências pensadas para os “casos gerais”⁸.

4.1 ESCREVER E EXPERIENCIAR FILOSOFIA NA ESCOLA

A experiência é um processo contínuo e frequentemente está associada a compreensão empirista da experiência como algo adquirido a posteriori (DEWEY, 1976). No entanto, a compreensão Larrosiana de experiência, como algo que nos acontece, não se coaduna com essa visão empirista, proposta por Dewey em seu livro “experiência e educação”.

Sabemos que para Larrosa (2018, p. 23) “não se escreve sobre a experiência, mas sim a partir dela”. É a partir da escrita que subjetivamente o sujeito enquanto aluno deveria organizar suas experiências filosóficas, sua maneira de filosofar, de se colocar-se no mundo e para o mundo.

⁸ Nos últimos anos os sistemas de ensino público e privado, tem pensado numa filosofia que atenda as questões aos pré-requisitos do ENEM, deixando de lado o real sentido da filosofia na escola, fazendo do professor um professor máquina, cuja função seria inculcar na cabeça dos meninos as teorias que provavelmente iriam cair na prova de do ENEM, ele assumiria o papel de professor de cursinho, dentro da sala de aula da educação básica.

Escrever passou a ser o maior desafio das escolas onde nunca se escreveu tanto e nunca se compreendeu tão pouco, “isso porque a escrita apela a um modo de viver”. (LARROSA, 2018, p. 201).

A escrita está vazia, despida de sentido, completamente nua, como se não fosse mais possível escrever a palavra, vestir a palavra, tecer a palavra. Para Larrosa (2018, p. 201) “a filosofia nasce ensinando-se, e a maioria dos filósofos tem feito do ensino parte de sua maneira de fazer filosofia”.

A escrita entra em crise, quando o professor não consegue mediar a vida na sala de aula. Ao escrever sobre a filosofia na escola devemos pensar a escola com suas próprias experiências, “o que ocorre é que, na universidade⁹, a escrita está ameaçada pela padronização imposta pela mercantilização do saber quanto pela concepção comunicativa da escrita de si”. (LARROSA, 2018, p. 201).

Compreendemos o quão difícil é assumir uma nova postura, um novo olhar para com o saber experienciado quando o pensamento vem sendo sufocado por aqueles que deveriam ensinar e estão fazendo o oposto, impedindo o sujeito de pensar.

A escola estar aberta para todos e aceita todo mundo, isso deveria ser no mundo todo. Uma experiência triste é saber que ainda existe lugares onde a escola é um lugar para determinada classe social ou religiosa, limitando a capacidade de aprender a aprender.

Como experiência plural para a vida, a escola tem possibilitado ainda que em dimensão micro o desenvolvimento de espaços para as tessituras de um mundo plural, onde os sujeito é convidado a viver a intensidade das experiências, a abertura para que a experiência aconteça, percebendo o impacto dos acontecimentos em suas vidas.

Por outro lado, algumas escolas tem negado ao sujeito a experiência de acontecer, de estar aberto para o que não foi previamente estabelecido, impondo aos seus um modelo pronto, robotizado, como se a vida fosse uma receita.

Falamos de imposição por compreendermos que a escola em sua conjuntura atual tem servido como instituição disciplinar dos corpos, esquecendo o que seria seu

⁹ Na escola de educação básica não é diferente, a escrita foi mercantilizada para atender uma demanda por vezes inexistente. Escrever na escola está associado a ideia de aprender a construir boas redações, sejam para o programas do governo como o jovem senador ou olimpíadas de língua portuguesa ou para o ENEM onde o peso da redação será crucial para sua inserção na universidade em momento posterior.

papel primordial na sociedade, negando ou banalizando as experiências advindas dos acontecimentos.

Nos deparamos com alunos que não querem viver o que todo mundo vive, não querem ler o que do mundo lê, não querem comer o que todo mundo come, não querem ocupar o lugar do outro, esses alunos compreendem que a sua existência se dá em conjunto com os outros.

Eles querem apenas um lugar que identifique como seu, onde a vida tenha espaço para acontecer, onde eles poderão escrever a vida como ela é, como ela acontece, sem estranheza, eles querem apenas existir.

Não buscamos compreensão (dizem os alunos), apenas pedimos que nos escutem e não vejam isso de maneira subordinada ou mutualidade recíproca, pois foi o que fizemos a vida inteira, ouvimos a tua voz por estarmos interessados nela, ainda que muitas das vezes talvez não compreendíamos. Falamos em nome próprio, não em igualdade ou desigualdade, falamos enquanto sujeitos que existem em meio a tantos outros, que sempre esteve presente e que agora busca viver suas próprias experiências.

Pensamos a partir de nossas palavras, elas descrevem as nossas experiências e de forma limitada o nosso pensamento. A transcrição do nosso pensar nos permite fazer experiências outras, como viver no mundo, construir outros sentidos, sem ter receio de objetivar, pois compreendemos que “Uma língua sem sujeito só pode ser a língua de uns sujeitos sem língua”. (LARROSA, 2014, p. 59).

Necessitamos de uma língua que nos permita viver a palavra, e não nos referimos a palavra que foi ensinada por nossos antepassados mas a palavra plural que contemplatesse viver a experiência da vida na coletividade, preservando o direito à subjetividade da experiência diante do que acontece e do que nos acontece.

A relação do sujeito para com a palavra, a pronúncia, a escrita da palavra onde na sua maioria dispensa a presença do objeto, o que não significa negar a existência do objeto, pois, aquele que fala sobre a experiência, fala com base nos acontecimentos, sem necessariamente estar diante dele, leva-o a uma confusão mental ao associar informação com opinião, quando vincula a ideia de aprender com o formação permanente, com o estar informado sobre tudo.

Sentimos falta, ausência, como se não existisse no sujeito espaços para novas palavras, em prol da compreensão dos acontecimentos. Devíamos pensar se existe palavra sem objeto, se foram criadas para descrever o vazio que a palavra vazio não

conseguiu contemplar, e caso exista tal palavra, ela é fruto de um objeto que fora pensado anteriormente, sendo assim, nada está isento da necessidade de se ter o objeto pelo qual as palavras foram criadas, seja ele material ou metafísico.

Quando Blanchot (2010) nos diz que “falar não é ver”, nos convida a perceber que a experiência precisa ser vista e compreendida por diversos ângulos, ciente que no entanto não vemos tudo, a visão limita-se ao horizonte e a experiência passa a ser vista pelo olhar do outro como uma loucura, pois é ela que ultrapassa todos os limites, até mesmo os que foram impostos pela ciência, transgride as leis, libertando-se do limite imposto.

O pensamento, diga-se o pensamento construído pelo senso comum, é a jaula da experiência, quando ela dá voltas sobre si-mesma, o conforto oferecido pela jaula nos faz acreditar que a compreensão da experiência seria um meio de perder-se de si, para sair da jaula é fundamental que algo nos aconteça, que nos torne livres, que cada um possa enxergar outros mundos, outras pluralidades, outras possibilidades de aprendizagem. “O eu finito pensa o infinito. Neste pensamento, o pensamento pensa o que ultrapassa infinitamente e o que ele não pode dar conta de pensar por si próprio: ele pensa mais do que pensa” (BLANCHOT, 2010, p. 100).

Experimentamos a impossibilidade de questionar quando apresentamos as problematizações filosóficas e ou educacionais, e junto a problematização já entregamos possíveis respostas sem maior reflexão para com as mesmas, perdemos o direito de pensar outros mundos.

Indiretamente esvaziamos as problematizações pela pressa em responder a tudo e a todos, por acreditar que estamos atrasados, em tempos digitais acredita-se que se pode aprender em qualquer lugar e em qualquer horário. Por não compreendermos que o mundo que estamos construindo não será para nós e sim para os outros que virão.

Fazemos sem questionar o que está sendo feito, dia após dia negamos a construção da experiência na escola e em qualquer outro espaço possível, inconscientes ou talvez por não ter o tão sonhado tempo para pensar, esquecemos de construir o novo, de repensar o lugar da escola na vida dos outros e na nossa, negamos o lugar do novo, do livre, do impensado, do saber fazer.

Limitamo-nos cada vez mais a cumprir os pré-requisitos apresentados pela gestão escolar, os dias passam e nada de novo acontece na sala de aula. Diante

dessa realidade, o maior risco enfrentado pela escola hoje é que ela pode se tornar uma fábrica, estando cada vez mais parecida, cada vez mais técnica.

Escolhemos cada vez mais o que pensamos, é como se estivéssemos envolvidos com outros espaços, como se o nosso corpo ocupasse um lugar alheio a nós. “O homem não se deve deixar dominar por nada no mundo, nem pelas necessidades biológicas nem pelas mundanas, nem pelo aparato tecnológico que ele criou” (BOFF, 1974, p 39), e nós enquanto escola devemos estar em todo lugar, e uma vez mais separado de todos eles, pois cabe ao sujeito, a escola, pensar os lugares-possíveis e não o contrário.

O professor sabe que a sala é como uma extensão da casa e cabe a ele o cuidado ao selecionar os textos que serão utilizados, contextualizando-os com a realidade que pretende ser alcançada (LARROSA, 2018). A sala é o lugar do estudo, de pensar o impensado, de compreender o lugar que habitamos e refletir sobre o mesmo.

Ele enquanto sujeito responsável pela sala de aula “não tem o direito de recusar ao jovem, em dadas ocasiões, a capacidade de simpatia e compreensão que sua própria experiência lhe tenha dado”. (DEWEY, 1976, p. 30).

Escrever é filosofar, escrever é uma das tantas experiências possíveis de representar os mundos plurais, através da escrita podemos filosofar com pessoas de diversos lugares. Escrever as experiências ou o que delas compreendemos é um começo para se pensar as experiências e os acontecimentos.

A interpretação e compreensão estão associada a realidade onde estamos inseridos, ninguém deixa parte da vida em casa e segue para as atividades diárias e ao retornar reencontra o que deixou, isso também serve para o aluno, onde quer que vá, irá por inteiro.

O texto na sala de aula é uma forma codificada, apresenta-se entre acontecimentos e experiências e a compreensão está na maioria das vezes associadas as vivências extraclases, “de certo modo tanto a palavra do mestre quanto a palavra dos alunos só tem sentido se fazem a relação que cada um deles tem com a matéria e, através dela, com o mundo”. (LARROSA, 2018, p. 194).

Isso indica que escrever ou experienciar a filosofia na sala de aula requer do professor a capacidade de tornar-se aprendiz, sendo ele um dos que estão ali para tecer as experiências, reconhecendo os outros espaços, e o espaço que estamos, a sala de aula, como lugares específicos para a construção do pensar.

4.2 O OFÍCIO DO SER-PROFESSOR: SALA DE AULA, LUGAR DO TRABALHO

Não temos um lugar na escola, o lugar do ofício deixou de ser lugar, e “a ideia de experiência no ofício tem a ver, fundamentalmente, com atenção ao mundo” (LARROSA, 2018, p. 23). Contudo não se construiu outro lugar onde pudéssemos pensar a formação do sujeito, e nem cederam o espaço para o não-lugar.

O ser-professor estava sem sentido, sem a essência que busca a todo instante a transformação de si e do outro. Nós enquanto sujeitos sacralizamos e profanamos os espaços, e “não é a sala de aula que é sagrada, nem os livros que são lidos ali, nem as pessoas que a ocupam, mas sim as relações que se estabelecem”. (LARROSA, 2018, p. 339).

Sendo possível reinventar-se a cada dia no mesmo espaço com pessoas diferentes, o ofício era um novo-ofício, não mais do ser e sim de ser, de estar, de movimento, de alguém que o exercia como se estivesse ocupando um espaço transitório, sem identidade, sem memória, sem experiência.

Tornando-o igual a qualquer outro, o lugar que se construiu como espaço sagrado para construção do experienciar filosófico, como espaço para livremente escrever a vida, passava agora por uma reestruturação abrupta, quebrando o elo a partir do qual fomos construídos e pelo qual nos inserimos no mundo.

Interrogando-nos sobre o ofício do ser professor¹⁰ como uma experiência e conscientes que essa interrogação tem seus traços próprios, compreendemos que a essência da questão não esgota a pergunta pelo ser professor, pelo ofício que está em movimento, que se constitui pelas tessituras do dia a dia e nem se extingue quando obtem uma resposta, pois sabe que é uma resposta prévia, construída a partir de diversos acontecimentos.

No campo educacional ao aprofundarmos as questões sobre o ofício do ser professor, percebemos que não existe aprendizado em aprender “como”, o aprendizado se faz presente no “aprender com o professor” que, mais do que dar respostas prontas, propõe experiências de construção de saberes-plurais, experiências singulares que possibilitam ao aluno uma busca incessante e

¹⁰ Sócrates, Platão, Aristóteles e outros tantos filósofos antigos, modernos e/ou contemporâneos foram professores, desenvolveram seus pensamentos e experiências filosóficas através do ensino. Platão, por exemplo, escreveu e através de seus escritos nós filosofamos.

permanente do filosofar, objetivando-se um contato vivo, pulsante e inquietante com a filosofia.

Podemos pensar a sala de aula como lugar de encontro de mundos plurais, onde o diálogo só é possível pela mediação e nessas relações mediadas “há em cada caso alguma espécie de continuidade” (DEWEY, 1976, p. 26), todos aprenderam a ler, escrever, conversar, outros mais disciplinados aprenderam uma outra língua, o que ninguém questionava era a ausência da experiência como aprendizado, como acontecimento e que esse acontecer se fazia mediante a busca pela compreensão da vida e do mundo.

Coloca-se um grupo de alunos sob a responsabilidade de um professor, dizem que ele está apto para mediar a aprendizagem e ninguém questiona se de fato, naquele lugar, as atividades curriculares e extracurriculares produzem saberes plurais e com menor frequência se propõe a refletir sobre o espaço que estão inseridos e se ele (a escola, a sala de aula, o pátio etc.) se diferencia dos demais lugares.

A sala de aula não é um lugar qualquer, as relações estabelecidas nesse espaço torna-o diferente, “o mestre, em suma, nada mais faz que propiciar que a sala de aula seja verdadeiramente sala de aula”. (LARROSA, 2018, p. 194).

Enquanto sala de aula, ela pode ser representada de formas semelhantes em diversos lugares, mas não pode ser um espaço qualquer, a mesma é semelhante a um templo sagrado, impõe aos que ali estão uma postura diferente dos que ali estão para diariamente refazer o pensar, o experienciar, o filosofar de cada dia e percebemos que algumas de nossas aulas são tão incertas quanto a chuva no sertão e mesmo assim continuamos acreditando que é possível.

Na sala de aula o tempo é sempre presente. O que habitualmente fazemos, como professores, no decorrer dos dias é ler, escrever, preparar aulas, devido à sobrecarga de atividades raramente paramos e pensamos o motivo de estar fazendo isso e não outra coisa. “O problema não é a falta de experiência mas o caráter dessas experiências”. (DEWEY, 1976, p. 16).

Devemos evitar as leituras, a escrita ou até o pensar quando imposto por outros, o texto pode induzir o pensar e este deve estar relacionado ao contexto da escola e da vida, para que seja capaz de transformar sem impor, nem expor, mas sendo capaz de propor, conversar e pensar de verdade.

O desafio era propor ideias, que pudessem antes de qualquer coisa desenvolver a conversa entre alunos e dessa forma fosse (re)ensinando a ler, a

escrever, a pensar e a construir suas próprias experiências de mundo. Para Larrosa (2018, p. 23) “o mundo não é somente algo sobre o que falamos, mas algo a partir de que falamos”.

Descrever o mundo do aluno não era uma tarefa fácil, pois não os compreendíamos, e nem sabíamos se de fato as nossas aulas ajudariam a transformá-los e muito menos se essa transformação seria benéfica no seu processo formativo.

Alguns alunos conheciam algumas teorias, no entanto não conseguiam colocar em prática, o conhecimento adquirido fora inculcado em suas cabeças¹¹, ideias prontas, cuja finalidade era a aprovação nos vestibulares, eles apenas seguiam uma reprodução do mesmo, no currículo não existia espaço para a experiência, para o exercício do pensar.

O que não se pode fazer, não se deve fazer é considerar a sala de aula, os textos da sala de aula e as pessoas na sala de aula como se fossem qualquer coisa. Na sala de aula, tudo deve ter aura do excepcional, do extraordinário. Embora seja o excepcional que se repete, o extraordinário de todos os dias. (LARROSA, 2018, p. 339).

Pensar a sala de aula como espaço-tempo que tenha por missão salvar o sujeito do mundo que habita seria um tanto bizarro, mas poderíamos pensar que ali na sala, esse sujeito tece o mundo e essas tessituras serão postas em práticas significando a vida entre os seus. A sala de aula é um mundo dentre tantos outros para o sujeito enquanto jovem, a diferença é que ali nada se repete, cada aula torna-se uma e múltipla, pois não sabemos quando que de fato uma aula acaba.

O professor assume na sociedade contemporânea o árduo trabalho de mediar o pensar junto aos demais e permitir que todos sejam um no todo. Sendo aquilo que é, de tanto fazer o que faz, ou podemos dizer que “é o mestre aquele que faz a sala de aula, e é a sala de aula aquela que faz o mestre”. (LARROSA, 2018, p. 194).

O professor e o aluno não tem lugar num mesmo espaço, as suas relação não simétricas devido a experiência sobre o indeterminado que o professor representaria na relação professor-aluno. (BLANCHOT, 2010).

¹¹ Ao comentar o sistema educacional da Alemanha no século XIX, Nietzsche (2003) menciona o ódio e o desprezo dos jovens pela filosofia e pelos exames aplicados, essa aversão se dá através da maneira como a filosofia lhes fora apresentada em sala de aula, fazendo com que haja apenas uma mera (re)cognição do conteúdo, anulando toda e qualquer possibilidade de pensar a filosofia como uma experiência do pensamento. No Brasil do século XXI não está sendo diferente, as escolas continuam a repetir o mesmo erro, continuam o processo de inculcar na cabeça dos jovens as teorias filosóficas que supostamente irão ser abordadas no exame nacional do ensino médio – ENEM.

A experiência na escola é a vida que está sempre por acontecer, e o sujeito só pode ser pensado no seu lugar de experiência. No campo educacional podemos dizer que o professor e o aluno são construtores de experiências-singulares e quando ambos compreendem o espaço, compreendendo também que é um lugar para começar a escrever a vida, e a escola por sua vez seria o local ideal para a experiência se dar como inacabada, fugindo a totalidade dos saberes, abrindo

um espaço para pensar a experiência de outro modo, não como algo que perdemos ou como algo que não podemos ter, e sim como algo que talvez aconteça, agora de outra maneira, de uma maneira para a qual, talvez, ainda não temos palavras. (LARROSA, 2014, p. 55).

Nos perguntamos o que não poderia ser compreendido como experiência, se poderíamos dizer o que é e o que não é, sem correr o risco de falar em nome próprio. A técnica, a formalidade, a gramática, a norma culta, nos leva a perda da experiência, impede de ver o outro lado, de compreender o outro e compreender a si-mesmo, impossibilita de aprender outras formas de pensar a convivência com o outro que é a extensão do eu, que humaniza o vazio existente por trás de um discurso gramaticalmente e pedagogicamente organizado.

Devemos falar, dizer alguma coisa, para que o outro ouça o som da nossa voz e sinta-se convidado, instigado a falar, do jeito dele, no tempo dele. Cabe a nós dizer alguma coisa, ao outro cabe decidir o que fazer o que foi dito. A fala não tem um lugar pré-determinado, não pensamos a experiência como um lugar para a fala, o lugar que habitamos diz muito sobre nós, mas jamais diz o todo.

O que transmitimos quando não falamos? O silêncio como recusa do falar, como barreira imposta ao outro acaba atrofiando as relações e enjaulando as possibilidades de experiências plurais, principalmente quando uma das partes deseja ser voo, deseja ultrapassar, quebrar os limites e paradigmas que lhes foram impostos.

O ofício do ser-professor enfrenta grandes desafios diante do sujeito que assume o papel de mediar a experiência, de tentar fazer soar a experiência nos demais sujeitos que coabitam a escola, talvez porque, segundo Larrosa (2014, p. 168) “nós não podemos responder quando nos perguntam o que é que se vai aprender lendo, escrevendo e conversando. Só podemos dizer: confie”. Confiar passaria a ser o caminho para mediar as experiências entre professor-aluno.

O sujeito, esse que se coloca como professor é por assim dizer aquele que a comunidade tem amplo acesso para discutir as questões pertinentes a mesma, ele é

o formador das famílias do mundo, ocupando diversos papéis na horizontalidade da existência, deve sempre se questionar sobre seu possível lugar no mundo e sobre qual seu verdadeiro papel na sociedade, evitando assim viver de má-fé os acontecimentos e as experiências.

Sendo um dos tantos que se emanciparam e que fizeram e fazem da vida um espaço aberto para construção de saberes plurais, fazendo do sujeito finito um ser singular-plural onde o saber se multiplica pelas palavras ditas e não-ditas.

O tempo passava e algumas perguntas continuavam lá no espaço escolar, a maioria delas eram silenciadas e tantas vezes esquecidas. No entanto, enquanto houver tempo (LARROSA, 2018), o sujeito deverá permanecer na busca constante pelo compreender e compreender-se nos espaços em que está inserido, elaborando um sentido para tudo que está ao seu redor.

A lentidão ou a pressa do tempo estava no papel assumido pelo professor enquanto sujeito que se colocava como mediador na relação professor-aluno e através da mediação buscar tecer espaços para as perguntas que os alunos levavam consigo para a sala de aula, elas em sua maioria estavam vinculadas a vida em sua totalidade.

A experiência anunciada pelo professor como mediador da aula, é em certo sentido a morte da palavra-vida, palavra-experiência, e por saber, por sentir e compreender a intensidade da experiência que ele a coloca em pé de igualdade com as demais, “mas é preciso dizer mais. Mesmo se falasse em pé de igualdade, constrísse esta identidade, ainda assim, algo de essencial faltaria a palavra”. (BLANCHOT, 2010, p 140).

Como experiência possível, o professor, fala e escreve para os iguais, para os que se colocam a disposição de ouvir, falar, escrever e pensar, para aqueles que não aceitaram uma vida escrita por outros, para aqueles que disseram o grande sim a vida e construíram suas próprias experiências de mundo, ainda que para esta lhes faltasse a palavra.

O professor sabe que ocupa um lugar diferente na sala de aula, a sua relação com o aluno se dá numa dimensão assimétrica onde todos estão em espaço e tempo diferentes, “a maior maturidade de experiência do adulto, como educador, o coloca em posição de poder avaliar cada experiência do jovem de modo que não pode fazê-lo quem tenha menos experiência” (DEWEY, 1976, p. 29).

Ele na condição de mestre, estranhamente tido como detentor do saber e das experiências de mundo, ocupa um espaço singular numa sala composta por alunos-plurais e conscientes que naquele lugar todos foram libertos, que ali o pensar e experienciar são construídos num tempo diferente do que acontece fora dali, sabe também que a experiência na sala não teria um lugar exclusivo, de alguns, e sim que depois de construída seria de todos.

Nunca se esgota o desejo do aluno por inserir-se em novos mundos, ele ainda que jovem, já não motiva-se mais com o que está a sua volta. Ir à escola 200 vezes por ano, para muitos é sempre a mesma coisa, não conseguem ver que na realidade não é mais a mesma, e para outros seria uma sequência de dias e outros foram apenas uma vez, ainda que estivessem lá todos os 200 dias.

Na sala de aula onde o tempo é sempre presente ou em qualquer espaço da escola o aluno é estrangeiro, vem de diversos lugares. O professor e todos os outros que ocupam a escola são estrangeiros, estão sempre distantes.

Na escola a vida segue um ritmo diferente, onde noutras margens, buscam reencontrar-se no outro, em ser a peça que falta no quebra-cabeça construído pelas relações díspares, buscam o tempo todo compreender e compreender-se, compreender-se para falar, construindo o pensar sobre a experiência da experiência como tarefa infinita, uma experiência verdadeiramente plural.

A mediação da relação aluno-escola se dá pela abertura para com o novo, pela compreensão deste para com a sua inserção no mundo e como a escola contribui nesse processo, nesse novo mundo já habitado pelos adultos e nos mundos possíveis que ele deseja conhecer e habitar.

A palavra que estrutura essa relação aluno-escola pode ser definida como experiência, não como detentora do saber, mas como um caminho que se abre as possibilidades de um ensino plural, construindo o ensinar e aprender através das experiências plurais, por intermédio das relações com o desconhecido, com o impensado e com a vida.

De maneira paradoxal, o professor na tradição confessional/progressista não facilitava a aprendizagem do aluno, não dava coisa alguma a conhecer, que não estivesse vinculada ao desconhecido, existindo um abismo na relação professor-aluno, onde o seu papel era dificultar, tornar cada vez mais intransponíveis os caminhos para construção do saber.

Caminhamos por longos séculos insistindo em separar aquele que ensina daquele que aprende, acreditávamos que seria possível o professor permanecer apenas como transmissor do conhecimento, assumindo o papel de ensinar e o aluno a tarefa de aprender (BLANCHOT, 2010).

A sala de aula por sua vez exerce o papel democrático da experiência escolar, “considero a sala de aula como um lugar de encontro” (LARROSA, 2018, p. 331), ela se faz na relação plural e na definição de não escolher quem irá tecer parte dos seus dias ali naquele espaço, não pode e não aceita ser pensada como uma fábrica e caso seja pensada deverá ser pensada como uma fábrica de ideias¹², onde “o passado não pesa, o futuro não está antecipado, e o único tempo que conta é o presente” (LARROSA, 2018, p. 335).

Ali na sala de aula não temos nada além de pessoas que se colocam a disposição para pensar e experienciar a vida e a filosofia, “as pessoas, é claro, são diversas e ao mesmo tempo semelhantes, estão juntas mas ao mesmo tempo isoladas, cada um ali à sua maneira”. (LARROSA, 2018, p. 340), aprendem a ler e a

¹² A primeira experiência surgiu a partir de observações do espaço, do clima e das paredes vazias... usamos guarda-chuvas velhos, fizemos uma intervenção no pátio da escola, penduramos os guarda-chuvas com frases de filósofos para que todas as pessoas da escola tivessem acesso a pelo menos uma citação de filósofo. Ali foi o primeiro contato com a filosofia para os alunos do fundamental II, foi o primeiro despertar para um outro olhar diante do saber, do pensar e do fazer filosofia no chão da escola, este que sempre está em construção. Os frutos eram visíveis, ainda que pequenos, pela primeira vez na escola os alunos conversavam, pensavam e indagavam sobre os filósofos que foram apresentados. Cada guarda-chuva foi dedicado a um filósofo ou uma filósofa, cada equipe escolhia o seu filósofo ou a sua filósofa com base nas suas curiosidades ou conhecimentos previamente adquiridos. Decidimos que o fazer filosofia através de intervenções deveria continuar e em constante diálogos pensamos em algo que poderia servir de reflexão para toda a comunidade escolar e ao mesmo tempo pudesse ser feito com base nas reflexões filosóficas desenvolvidas em sala de aula. Chegamos a conclusão que deveríamos espalhar cartazes pela escola, com reflexões e temas desenvolvidos em conjunto com os alunos, no decorrer dos dias decidimos que os cartazes deveriam ser colocados no chão e que eles representariam um corpo humano e dentro dele viria as informações necessárias para um pensar filosófico, para um despertar, convidando-o a sair do automático, para não ser o mesmo. As temáticas escolhidas foram voltadas para realidade social no qual o aluno estava inserido, como assassinato, homofobia, violência doméstica, suicídio, álcool, drogas etc. O que estava exposto no cartaz produzido pelo aluno não representava o todo, isso talvez dificultasse a compreensão dos demais, mas eles, depois dessas experiências, não eram mais os mesmos, tinham voz ativa nas aulas, tinham liberdade para expor ideias, as dúvidas, na certeza que estávamos aprendendo juntos. As nossas aulas já tinham um ritmo diferente, em 2016 produzimos nossa primeira experiência escrita pelos alunos, o resultado de inúmeros diálogos era a realização do I Café Filosófico, não existia regras para o pensar, indicamos caminhos, propomos um tema, deixamos acontecer, convictos que “se a escola for uma fábrica, que seja de ideias” e pela primeira vez a escola abria as portas para os alunos irem no contra turno apresentarem seus textos, pequenas dissertações filosóficas produzidas por um filósofo menor, por um pensar aberto as possibilidades. Apresentamos, dialogamos, reconstruímos... uma tarefa infinita. Não nos enquadrámos no modelo proposto pelo currículo escolar, tido como aulas explicativas, correções de exercícios e provas, transpomos as barreiras, apresentamos um novo método de aprendizagem, uma nova possibilidade de monitorar/avaliar o conhecimento, de aprender com o outro.

pensar, agora numa vertente antes impensada, seguem a extravagância do ser que se coloca como espaço aberto para as experiências e acontecimentos.

4.3 UM LUGAR PARA COMEÇAR A ESCRITA DA VIDA

Falamos de um lugar para começar a escrita da vida, por compreendermos que ninguém começa do nada, cada sujeito ao seu modo e por razões diversas (re)inventa a vida na tentativa de começar do zero, ou começar de novo, do novo por assim dizer, ou assim acreditar que pelo desconhecido e no desconhecido exista um lugar para começar.

Algumas experiências antecedem a vida do sujeito na escola, “as capacidades desenvolvidas, durante esse período anterior (à escola), fornecem o ponto de partida de toda aprendizagem posterior” (DEWEY, 1976, p. 74). Todavia isso não quer dizer que na escola as experiências não tenham autonomia para se afirmarem em meio a tantos acontecimentos ou não existam experiências concretas.

Simbolicamente a escola ocupa esse lugar na vida do sujeito, a sala de aula passaria a ser o lugar onde a escrita da vida começaria a ganhar um formato antes impensado pelos mesmos.

Reconhecemos de antemão que existem outros lugares onde outros sujeitos por razões aqui não demonstradas também começaram a escrita da vida, as possibilidades não esgotam, nem definem o lugar, apenas nos motiva a seguir pensando os caminhos antes impensados diante do sujeito e da sua relação com o filosofar e a experiência.

Escolhemos a escola como um lugar para começar, por compreendermos que as primeiras reflexões mediadas pelo filosofar aconteçam na escola, ainda que escrever seja o desafio do sujeito para com os acontecimentos e as experiências, pois como sabemos não escrevemos as experiências, mas a partir delas. (LARROSA, 2018).

O diálogo tecido pela relação mediada a partir das experiências plurais e o tempo tem proporcionado a tessituras de novos caminhos, novas trilhas para se chegar ainda que provisório a uma ou mais respostas sobre as indagações e desta forma cada um irá tecer seu mundo e contribuir para pensar outros mundos, assim como compreender as dimensões plurais do mundo em que vivemos.

A escola tem apresentado uma certa normalidade em sua rotina, os seus dias seguem o fluxo previamente estabelecido, numa ordem raramente questionada por aqueles que fazem a escola. Aparentemente tudo está igual diante do lugar da experiência filosófica sobre a escrita da vida, até porque esse lugar na maioria das escolas nem se quer existe.

O desafio passa a ser a implementação desses lugares, possibilitando aos sujeitos que esses lugares aconteçam a partir das experiências dos que ali coabitam, dos que fazem o chão da escola, dos que se permitem pensar, ler e escrever a vida e o mundo da vida.

5 EXPERIÊNCIA DO DIZER, REFLEXÃO E ESCRITA

Aqui estamos nós, entre as inúmeras experiências tecidas por acontecimentos e experiências outras, por palavras e dizeres indizíveis para com uma vida ainda por acontecer, sem esgotarmos a compreensão ao falarmos sobre o impensado e sobre a experiência numa concepção Larrosiana (2014), onde a experiência soa como um canto e as vezes treme, pela qual nós optamos por seguir os caminhos para tentar a partir de experiências outras dizer ainda o que não possa ser dito ou pelo menos não temos as palavras adequadas, para que nesse momento possam ser empregadas no contexto, no texto e assim façam jus a vida que se tece na singularidade de cada sujeito.

Dizer à experiência para o sujeito não é possível, pois a experiência não se diz e nem se escreve (LARROSA, 2018), todavia podemos experienciar o dizer a partir das experiências do sujeito, das suas tessituras e como elas contribuem para assim pensarmos a escrita da vida e do mundo da vida.

É possível experienciar o dizer quando ele está vinculado a ideia de acontecimentos e de experiências outras, e não como um experimento cientificizado. O dizer que buscamos apresentar, ainda que com inúmeras arestas, está vinculado ao que nos acontece quando a experiência nos toca.

Na condição de sujeitos sempre estamos dizendo alguma coisa para ou outro e para nós, porém não é possível experienciar a experiência, pois ela quando nos toca o faz pela singularidade, pela subjetividade, pelo eu que coabita o mundo.

Experienciar o dizer pode ser um acontecimento, não desses que acontece no fluir dos dias, o experienciar do dizer não se permite ser um acontecimento como qualquer outro, o dizer está além do dito ou do dizível, a experiência enquanto acontecimento é essa que nos toca, que nos acontece, que provoca tremores, que nos faz outro, que provoca em nós essa abertura para que algo nos aconteça, fazendo (re)nascer em nós e nos demais sujeitos novos mundos e novas formas de vidas, estas por sua vez se coaduna com as tessituras advindas das experiências e dos saberes plurais de um mundo ainda por acontecer.

Temos como convicção à impossibilidade de pressupor um mundo pronto e acabado. Já nos ensinou Heráclito que a natureza é o fluir. O acontecimento vida é um fenômeno que se desdobra e se tece permanentemente. Por isso, experiências são acontecimentos imponderáveis. Assim, viver é estar aberto a esse labirinto de

acontecimentos, é aprender a cada dia, pois não há dia igual, da mesma forma que não há vida fora de um perspectiva de mutabilidade perene.

No entanto, se o que conduz a experiência do dizer é a possibilidade de abrir-se para o novo, para compreender-se como inacabado e singular, sem bastar-se em dizer o que é pois ela não se deixa conceituar, numa língua ainda por ser escrita nos propomos a escrever a experiência do dizer e concomitante fazemos uma breve reflexão e escrita sobre as experiências outras.

Compreendendo a escrita como um caminho para o pensar num dado momento em que as perguntas que haviam perdurado para responder ao tempo presente foram refeitas para permanecer as mesmas e as palavras-experiências que podiam servir, ainda não existem, como um dizer de si para si e para os demais no intento de possuir a autoria da própria existência.

Buscamos conscientizar a cada um dos que ali estão, que são capazes de pensar, pensar por si mesmo, superando as “verdades” impostas por outros, que eles são capazes de quebrar as limitações impostas pelo tempo fragmentado dentro do espaço escolar.

Contribuindo para um maior contato com a filosofia e a partir dela tecer as experiências outras, sendo estas as que possibilitam o filosofar sobre a vida e o mundo da vida, compreendendo o mundo da vida como um filosofar permanente onde cada sujeito é corresponsável pelo meio em que está inserido tendo participação direta e indireta sobre os acontecimentos e as experiências.

Observamos a orientação do PROF-FILO que recomenda centrar a intervenção em questões emergentes da prática docente. Dessa forma, elegemos o trabalho que realizamos com nossos alunos do café filosófico e realizamos oficinas, concebendo a aula como laboratório de escrita filosófica (LEF).

Organizamos em torno da escrita da vida não somente com o objetivo de provocar o estudante para autoria de sua própria escritura, mas sobretudo, com a convicção que nesse nível de escolaridade a grande problematização do filosofar são as perguntas da vida.

Nossa intervenção mediada por oficinas surgiu como um caminho para o filosofar e o fazer filosofia na escola e através delas fazer soar as experiências no sujeito e em nós, como a escrita que as vezes assusta, as vezes treme, e muitas das vezes acaba nos provocando, despertando neles enquanto sujeitos em processo formativo e em nós um novo olhar para a vida e o mundo da vida, possibilitando a

cada um e ao seu modo superar ou amenizar as dificuldades que lhe são impostas, as quais já mencionamos anteriormente, e que acabam retirando do sujeito a possibilidade de que a experiência lhe toque, que lhe aconteça e que nos aconteça.

A ideia de usar a palavra “oficina” surge como uma crítica ao modelo de ensino integrado a educação profissional, a mecanização do sujeito e tecnização do saber nos espaços escolares e na sociedade como um todo, pois não pensamos a escola isolada da sociedade, nem pensamos escola como fábrica servil para a sociedade, pensamos a escola como um espaço-tempo fundamental para formação humana e social do sujeito.

Usamos a palavra oficina por ser pertinente a conjuntura onde realizamos a intervenção, não fazemos menção ao plural “oficinas” por compreendermos que cada oficina aconteceu apenas uma única vez, e o que delas ficou no sujeito foram as experiências e acontecimentos.

Não a utilizamos como uma palavra fechada, mas como uma palavra-experiência, para fazermos uma reflexão e ao mesmo tempo para pensarmos o oficineiro, o sujeito que se coloca para ser aprendiz com o outro, numa oficina só acontece a experiência quando o oficineiro se coloca numa relação de mediador e aprendiz com os demais que ali estão.

Essas oficinas sobre experiências sinalizavam uma crítica ao saber/fazer da escola que ensejam práticas nas quais os alunos são plateias. Pensar as experiências nesse espaço é dizer que não é possível tornar-se máquina, que a escola não deve ser robotizada, que o saber não pode ser mercantilizado.

Na prática cada oficina nasce como espaço para refletir sobre as questões que foram surgindo diante das tantas que foram previamente estabelecidas e outras tantas impensadas.

Os relatos das oficinas, do oficiar-se, tornando o sujeito objeto de suas próprias experiências, escrevendo com olhar atento daqueles que narram as memórias de experiências outras. Começamos escrever a partir das experiências, das experiências-memórias, de memórias-experiências, memórias-acontecimentos.

Escrevemos cada relato a partir de um lugar onde se possa dizer o que aconteceu ali, na tentativa de fazermos soar a experiência, escrevemos na certeza de que é possível fazer soar as experiências sem necessariamente cientificizar, ou tornar o espaço das oficinas um experimento, coisificando o outro.

Cada oficina representa uma possibilidade de fazermos soar a experiência no outro e em nós, e se escrevemos é para negar o que fora dito, de que é possível fazer ciência da vida e sobre a vida, pois sabemos que não é, sabemos que não existe modelo para a vida e as experiências se dão na relação do sujeito para com o mundo.

As oficinas aconteceram numa escola integrada a educação profissional no primeiro semestre de 2019. Utilizamos as aulas de estudos orientados¹³ para realização das oficinas, numa experiência aberta para o acontecer, por uma não obrigatoriedade, por não ser exigida um cumprimento de carga horária, mas como um convite a fazer essa experiência. Viver esse lugar de experiências outras.

As temáticas e debates de textos filosóficos e literários previamente selecionados para cada oficina estavam relacionados as perguntas sobre a vida humana e a possibilidade de fazermos soar a experiência e a partir das experiências escrever pequenos textos ou fragmentos sobre algumas palavras que usamos para descrever a vida e o mundo da vida.

Ainda que não tenhamos clareza sobre qual a palavra a ser usada, por sabermos que nenhuma palavra é capaz de dizer o todo, que algumas palavras-experiências são indizíveis, estamos convictos que escrever é fazer experiência sem necessariamente pedagogizar e ou metodologizar a experiência, abrindo caminhos para uma maior compreensão do (Eu comigo, Eu com o outro, Eu com o mundo), buscando construir novas experiências de conversas e escritas sobre o pensar e sobre as perguntas que vêm até a escola e como a filosofia poderá ajudar na construção das respostas.

Como resultado final da intervenção faremos um livro sobre a experiência do dizer onde trará de forma clara o recorte que fizemos no tempo e no espaço e que as perguntas ali expressas, foram construídas em forma de texto-coletivo. As palavras-experiências foram escolhidas durante as oficinas e posteriormente construindo coletivamente o significado para cada uma, partindo sempre da concepção que a vida é tecida pelos acontecimentos e experiências, tendo como base a filosofia e o filosofar nas aulas e os textos selecionados para cada oficina.

¹³ Disciplina ofertada como componente curricular para os alunos da escola integral. Espaço pensado para proporcionar ao aluno um diálogo mais próximo e informal com professor sobre temáticas abordas em sala durante as aulas ou temáticas afins. Durante o horário de EO o aluno pode ir para qualquer turma, não há obrigatoriedade de permanecer na turma que ele está matriculado.

Estamos cientes que o produto final, neste caso, as palavras que usamos para descrever a vida sobre a experiência do dizer é fruto de uma época, de um tempo, de uma cultura e de um lugar, bem como, estamos conscientes que nada está pronto, tudo está posto pelos acontecimentos, estando o sujeito aberto as possibilidades da experienciar diante do impensado como uma experiência filosófica sobre a escrita da vida. Todo o material produzido durante as oficinas será disponibilizado posteriormente em arquivo impresso e digital, possibilitando uma maior interação e construção do pensar sobre a experiência em diversos espaços.

Os textos utilizados durante a realização das oficinas foram retirados do livro as perguntas da vida escrito por Fernando Savater (2001) que cuidadosamente escreveu numa linguagem acessível para o público da educação básica.

Utilizamos também um poema escrito por Fernando Pessoa para comprovar a experiência de uma leitura filosófica com textos literários. Dessa forma estaríamos ampliando a discursão interdisciplinar, comprovando passo a passo que o conteúdo estudado poderia ser aplicado na sala de aula.

Antes de chegarmos à conclusão sobre a experiência do dizer, foram realizadas cinco oficinas entre maio e junho de 2019 com temáticas associadas as ideias trabalhadas no referencial teórico, à saber:

- 1) A primeira oficina foi sobre viver juntos e como a vida em sociedade nos humaniza;
- 2) A segunda oficina foi uma escolha complexa e necessária, estudamos sobre a morte e como a consciência de finitude nos convida a viver uma vida feliz, a reinventar-se a cada dia;
- 3) Na terceira oficina optamos pela poesia “Gato que brincas na rua” de Fernando Pessoa; por acreditarmos que a vida é uma experiência por acontecer e que é possível fazer uma leitura filosófica com textos literários;
- 4) Na quarta oficina selecionamos as palavras que farão parte da experiência do dizer, as palavras que usamos para descrever as experiências a vida;
- 5) A quinta e última oficina fizemos uma análise sobre as oficinas anteriores onde cada aluno respondeu um questionário com três perguntas sobre a concepção de filosofia que ele tem hoje e qual foi a maior aprendizagem durante as oficinas. (Questionário em anexo).

Ao fazermos as transcrições dos áudios (apêndice A, B, e C) e analisando a descrição do material¹⁴ produzido pelos alunos durante as oficinas percebemos a necessidade de realizar outras oficinas, agora voltadas para a construção dos verbetes das palavras (apêndice D) selecionadas na quarta oficina e dessa forma finalizaríamos o nosso livro-texto com palavras que usamos para descrever a vida.

5.1 VIVER JUNTOS: UM DESAFIO HUMANIZADOR

Existem acontecimentos que antecedem as experiências e os quais na maioria das vezes nem percebemos. Toda experiência é uma sucessão de acontecimentos. A vida não começa do zero, ainda que não saibamos onde exatamente fica o começo, podemos pensar que a vida começa quando o sujeito nasce e termina quando o sujeito morre. Contudo, a vida com os demais era um caminho possível e humanizador, mas em nenhum momento é um caminho singular ou plural que anula ou mesmo exclui o que não percebemos ou compreendemos.

A oficina começava no momento em que o texto era entregue a cada aluno, isso ocorreu na quinta-feira e a oficina seria realizada na terça-feira seguinte. Optamos por entregar o texto para uma leitura prévia, pois só assim seria possível realizar a oficina no tempo que era disponibilizado pela escola. No decorrer da oficina percebemos que alguns alunos tinham lido e comentado o texto em casa, e aproveitavam o momento para partilhar as ideias e ou mudá-las.

Cuidadosamente transcrevemos os áudios (Apêndice A) referentes a oficina para que então pudéssemos ter uma análise mais coerente dos acontecimentos e experiências vivenciadas pelos alunos. Sabemos que alguns acontecimentos passaram despercebidos ao nosso olhar e que algumas vozes ficaram silenciadas. Assim como sabemos que, nenhum professor prenuncia o momento exato em que seu aluno aprende.

O desafio era humanizar, pensar o viver juntos, principalmente para a faixa etária que eles estão, e pelo tempo que ficam na escola. Contra o que acreditamos, acabamos dando um número ao aluno, tornando-o mais um, como se não existe uma identidade própria, isso que fizemos tem uma justificativa que ameniza, mas não diminui o impacto das lutas que temos pela frente, para humanizar o espaço escolar.

¹⁴ Durante a oficina cada aluno recebia um papel A3 onde podia livremente desenhar ou escrever, fazendo ao seu modo os registros sobre as discussões realizadas no decorrer da oficina.

Buscamos preservar a identidade do aluno e para isso utilizamos os números em algarismos arábicos para organizar a transcrição e compreensão do áudio, as demais falas no decorrer do texto são do professor que estava mediando a oficina.

Fazer soar a experiência na vivência escolar implicava antes de mais nada saber o que é uma experiência e porque em alguns momentos essa experiência não acontece.

Nessa primeira oficina, tínhamos por objetivo pensar sobre viver juntos. O desafio era pensar as questões que nos humaniza, as nossas relações com os demais sujeitos, as nossas experiências de mundo e do mundo da vida. Pensar essas questões implicaria na compreensão do porque as experiências não acontecem ou não nos acontecem.

O texto utilizado pelos alunos sobre “viver juntos” foi retirado do livro de Fernando Savater (2001) intitulado “As perguntas da vida” por ser uma linguagem acessível para os alunos do ensino médio. Para análise do material fizemos um contraponto com o texto de Larrosa (2014) “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”.

Fazendo esse contraponto nos deparamos com a primeira dificuldade para que a experiência acontecesse na escola, o excesso de informação durante a oficina faz com que a experiência não tenha lugar. Seria ali uma “anti-experiência” de uma oficina sobre a experiência do dizer, ou mesmo uma experiência do dizer ou querer dizer tudo que não teria lugar para pensar a experiência do viver juntos como um desafio humanizador.

O excesso de opinião emitida por todos os que faziam a oficina dificultava a interação e o foco sobre o que se pretendia fazer naquele lugar. O tempo passava a ser o nosso terceiro inimigo, tanto o tempo cedido pela escola, quanto o tempo tecido através das informações e acontecimentos e dos quais não estávamos livres.

São tantos acontecimentos em tão pouco tempo, que por vezes nos perdíamos sobre o que de fato deviria ser feito ali. O excesso de atividades disciplinares atribuídas por outros componentes curriculares faziam com que alguns alunos chegassem atrasados na oficina ou em casos raros alguns nem conseguiram ir.

Cada professor exige que o aluno dedique-se ao seu componente curricular, esquecendo que o aluno vivencia outras ideias e mundos e com os quais precisa aprender a dialogar. Quando superamos as dificuldades impostas pela informação, pelo tempo, pelos conceitos prévios e pelo excesso de atividades, para que a

experiência possa acontecer, restava-nos agora a busca por fazermos soar as experiências.

A oficina teria por função dar a dignidade da experiência, reivindicando o espaço-tempo para sua existência na escola, e isso só seria possível se houvesse clareza sobre a importância da experiência na vida do sujeito enquanto aluno.

Viver juntos seria o primeiro lugar para se pensar o soar da experiência, bem como o primeiro lugar onde devemos ter a precaução de deixar claro que a vida como processo humanizador não é um experimento, a vida não é um laboratório, mas sim uma experiência por acontecer.

Essa experiência por acontecer é possível, no entanto só nos acontece quando o sujeito retira todo o dogmatismo que lhe é imposto, pensando a vida a partir das paixões, das vivências, e não de uma prática normatizada. É na vivência com os demais seres que o sujeito descobre suas vulnerabilidades, sua própria ignorância e seus desejos perante aos demais.

Ao mesmo tempo em que a vida como processo humanizador não pode ser tida como um conceito pronto, uma vez que a vida não se tece por modelos estabelecidos, muito pelo contrário, a vida acontece por movimentos e rupturas pensados e impensados, por acontecimentos e experiências nem sempre compreensíveis.

Viver a vida como processo humanizador é o desafio dado a cada sujeito que se coloca em meio aos seus pares para tecer novas experiências na relação com a vida e o mundo da vida, numa experiência sempre por acontecer.

Corremos o risco de nesse processo de superação dos desafios em viver juntos com os demais, acabar banalizando a experiência, ou acharmos que tudo que fora sendo construído nessa vivência seria experiência, isso porque está cada vez mais claro que na escola não se tem espaço para o experienciar.

A vida na escola está condenada a (re)existir entre quatro paredes. Durante a oficina o aluno se dava conta que a vida era um quebra-cabeça e que muitas das vezes aparentemente não tinha encaixe para algumas das peças, que era importante ouvir o outro falar sobre o que havíamos pensado, colocando-se no lugar de escuta, compreendendo o outro e si e juntos construindo a vida.

No decorrer da oficina aconteceu algo que fugia ao que fora pensado, eles começaram uma conversa sobre infância, a vida e em seguida as experiências amorosas na adolescência e na vida adulta, teciam uma reflexão sobre essas

experiências. O que nos chamou atenção é que eles ainda são os adolescentes e até então não estão vivendo essas experiências de reflexão sobre as experiências amorosas da infância.

O texto que fora entregue para eles sobre “viver juntos” abordava uma única vez sobre a experiência do relacionamento e não estaria vinculado a ideia de experiência amorosa. Percebe-se que a leitura do texto acontecia paralelamente com as experiências de mundo. Com as experiências que ressoam com mais intensidade em suas vidas e das quais não estão isentos.

Durante a oficina dois momentos merecem destaque, o primeiro é a citação, a maneira como Savater (2001) apresenta a ideia de outro, à necessidade que o sujeito tem de conhecer a si mesmo, o segundo foi a metáfora do senhor e do escravo citada por Hagel e adaptada por Savater, esses dois lugares possibilitaram que cada um pudesse pensar a experiência, como espaço humanamente significativo.

A metáfora permitia fazer rupturas no tempo, parava o tempo, nos levava a perder-se no tempo. Ali cada um ao seu modo, faziam suas próprias experiências, pensadas, escritas, ou em forma de desenhos. O importante era a abertura para o experienciar, para que a vida acontecesse, e nesse acontecimento cada um dos que ali estavam podiam ao seu modo dizer o que viu da vida. Aos poucos a experiência começava a soar em nossos corpos, como tremores, olhares atentos, silêncios. Cada um dos 25 que ali estavam se percebiam num lugar diferente.

O conhecimento de si levava o sujeito, nesse caso o aluno, a obrigatoriedade do reconhecimento do outro, esse que o humaniza, que o faz entrar em crise e que é o caos e a ordem na tessitura da vida. Durante a oficina cada um percebia que ao pensar o mundo, estaríamos enfrentando a nós mesmo, as nossas convicções, sobre a vida e o mundo da vida, e assim cada um seria (co)responsável pela tessitura de mundos plurais.

No início da oficina onde tudo ainda era incerto, mesmo que planejado, foram entregues a cada um dosicineiros folhas A3 onde cada um ao seu modo pudesse fazer seus registros de experiências ou a partir das experiências.

Percebíamos que para alguns era difícil, a folha em branco assustava, como se fosse a primeira vez que alguém tivesse pedido para escrever ou mesmo desenhar o que compreendiam sobre o texto ou o que o texto queria dizer. Outros já tinham participado de outras intervenções filosóficas na escola, tinham liberdade para pensar, criar, tecer, partilhar acontecimentos a partir das experiências filosóficas.

Uma aluna chegou a mencionar entre os demais colegas que a oficina era diferente das aulas que tinham no dia a dia, e que era difícil externar as ideias, isso porque alguns poucos professores pediam relatórios ou solicitavam a leitura de outros textos, faziam da sala de aula um espaço para reprodução de saberes previamente estabelecidos, onde a experiência dificilmente aconteceria.

Quando perguntamos se eles deixaram de aprender por termos seguido outro formato, a maioria respondeu que não, e que nunca tinha imaginado que iria colocar no papel o que o texto lhe dizia. Sabemos que o dizer do texto é o experienciar da vida, que lemos o mundo pela compreensão que temos de mundo. E, quando falamos mundo ou falamos vida, falamos do mundo e da vida que temos participado ativamente.

Outro aluno mencionava que tinha passado o dia com sono e que achava que ia dormir na oficina, pois na aula anterior tinha dormido durante a exibição do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*¹⁵. Pensava que a oficina seria só mais uma atividade para cumprimento de carga horária.

Acontecia no mesmo espaço que ocorriam as aulas, era a mesma sala, mas transcorria de modo diferente, ali o tempo era excepcional, o debate, a escuta, era algo que se fazia acontecer de um jeito novo. Eram os mesmos personagens, todos já se conheciam, talvez na oficina cada um tenha assumindo o seu próprio texto, dando vida a sua identidade, ao seu mundo.

O que seria apenas uma oficina para pensarmos filosoficamente o que é viver juntos em alguns lugares, dentre eles a escola e como ela possibilitava ao aluno uma compreensão plural da experiência. Assumia outra identidade, a de fazer com que a experiência acontecesse naquele espaço como possibilidade de que algo nos aconteça.

Sabemos que em alguns momentos da oficina a experiência não acontecia, noutros ela soava como canto que abalava os que ali estavam, era perceptível o olhar para com as palavras, o encantamento pelo mundo e agora pela descoberta de que são eles os únicos responsáveis pelo viver juntos, pela humanização dos espaços. Ali dava-se início a uma oficina-tremores, um começo para se pensar a experiência na escola e nos demais espaços sociais.

¹⁵ Este depoente refere-se ao filme **SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS**. Direção: Peter Weir. Intérpretes: Robin Williams, Ethan Hawke, Robert Sean Leonard, Josh Charles. [S.I]: Hollywood: Touchstone Pictures, 1989. 1 DVD (1h 50 min), son., color.

5.2 UMA PALAVRA COMPLEXA: PARA COMEÇAR, A MORTE

O texto para realização da segunda oficina foi entregue novamente numa quinta-feira antes da oficina, até o presente momento tudo estava previsto conforme o planejamento. Seria uma oficina para dar continuidade ao que estava sendo construído sobre a experiência do dizer, sobre as possibilidades de fazer soar a experiência no outro e em nós, no entanto um acontecimento no sábado pela manhã mudou completamente o que havíamos planejando, era como se estivéssemos começado do zero, as questões externas adentraram e alteraram o rumo da oficina.

No sábado uma ex-aluna da escola cometeu suicídio, algo completamente impensado no momento em que estávamos selecionando os textos, isso não passara pelas nossas ideias, a oficina sobre a morte foi escolhida por ser uma temática que eles já haviam comentado e que tinham interesse em conhecer um pouco mais.

Devido alguns imprevistos internos, não foi possível realizar a oficina na terça-feira como estava previsto. Remarcamos para a próxima semana, sabíamos que poderia haver acontecimentos não pensados e que estes poderiam despertar novas aprendizagens.

Aproveitamos esse momento para pensarmos a partir da compreensão de Larrosa (2014) sobre o excesso de informação, que insistia em se fazer presente na nossa oficina, já não bastava o excesso de trabalho proposto por outros professores, as questões externas também estavam ali para dificultar cada vez mais o encontro do sujeito com a experiência.

Na segunda-feira pela manhã ao chegar na escola fui convidado para ir a direção, a diretora informa que uma mãe foi a escola e pediu para que a filha não participasse mais das oficinas pois ela tem depressão e a psicóloga recomendou que seria viável não participar, visto que ela enquanto psicóloga compreendia o texto como inadequado para a faixa etária dos alunos e não deveria ser trabalhado na escola de educação básica.

Naquele momento convidamos a mãe para ir à escola, no sentido que pudéssemos apresentar como seria realizado as oficinas, a princípio ela mostrou uma certa resistência. Educadamente perguntamos a mesma se tinha lido o texto e ela falou que sim. Continuando a conversa usei em perguntar se tinha compreendido o texto e ela falou que tinha lido algumas partes, nesse momento apresentamos qual era o objetivo da oficina e que o texto falava sobre a morte como uma forma de

conscientizar sobre o que nos torna humano, apresentava a morte tal qual um convite para viver a vida.

Percebemos que ela estava insegura, para que ficasse mais calma convidamos para que participasse conosco da oficina, infelizmente ela não compareceu no dia seguinte.

Devido aos acontecimentos e as experiências advindas destes episódios que trilhar outros caminhos, pensar outras possibilidades para que a oficina fosse realizada seguindo a mesma linha já traçada, só que agora com novos caminhos e novos olhares, o que nos ajudou bastante.

Na tentativa de fazer soar a experiência, começamos a oficina fazendo um regaste da infância, dos antepassados, das pessoas queridas, que afetivamente construímos laços e hoje já não estão mais conosco, já não habitam mais a mesma dimensão. Que estranho alguém estar e em fração de segundos não estar mais, é naquele momento que paramos e pensamos a vida.

Na infância em um belo dia, observamos que alguém do nosso vínculo familiar não estar mais presente, não teremos mais aquela voz, o abraço daquela pessoa que se calou, doravante o que teremos são apenas memórias.

A tentativa de compreender o modo de habitar no mundo com os outros, fazia da oficina um espaço no espaço tempo que nos era proposto para ir além da opinião pela opinião, como uma necessidade desenvolvida no sujeito para que ele não mais tivesse tempo para pensar o mundo e a si mesmo, ficando cada vez mais distante do pensar sobre o pensar, sobre a vida e o mundo da vida.

Viver, a gente só vive nesse mundo, com um corpo que fala, rodeado por gente que a gente gosta, por mais fantástico que seja, numa outra dimensão não é viver tal qual a gente vive aqui, ainda que digam que tenham essa experiência de viver diferente. Falam se há vida pós morte, inúmeras outras coisas, mas o viver que a gente tem como experiência é esse que a gente está fazendo agora, hoje estamos na escola, depois universidade e vamos construindo essa experiência de vida.

A evidência da morte não só nos deixa pensativo como nos torna pensadores, toda e qualquer pessoa cedo ou tarde se depara com esse pensamento sobre a morte. Essa certeza sobre a morte nos torna humanos, diferente de outras certezas, essa nos humaniza. Nos diferencia dos demais animais. É a verdadeira autenticidade da vida, pois só podemos considerar ser vivo quem nasceu.

A oficina seguia quase como um monólogo, onde existia um público, mas apenas um falava. Interpretávamos o silêncio de mil maneiras possíveis, porém não tecíamos afirmações sobre o que cada um pensava quando as palavras eram pronunciadas. Ali, em alguns momentos, estava mais para uma oficina sobre memória e saudade, onde cada aluno compreendia que viver acontece apenas uma única vez, que a nossa vivência aqui na terra é irrepetível.

Enquanto o texto narrava a experiência de morte e como a morte nos humaniza, a oficina nos instigava a viver a vida, a criar sua própria experiência de mundo, onde cada um pudesse livremente ser o que acredita, viver ao seu modo, como um modo de ser do sujeito. Para que isso acontecesse deveríamos tirar as verdades impostas de forma dogmática sobre a morte, e de forma livre, deixar a palavra aberta para as experiências indizíveis.

Corríamos um grande risco de querer conceituar a morte e ao fazê-la, estaríamos negando ao sujeito a experiência e compreensão de si e do outro. Na maior parte do tempo, evitamos falar sobre a morte a partir de alguém ou algo, queríamos a palavra, só a palavra, para que a partir dela pudessemos pensar o convite para viver a vida.

Alguns acontecimentos se fizeram presentes durante a oficina, surgiram como uma informação, como um exemplo para que pudessem compreender que ninguém nasce ou morre coletivamente, a morte é individualizadora. Alguns casos a gente não esquece nunca, por exemplo o holocausto¹⁶, o atentado de 11 de setembro¹⁷, por

¹⁶ **UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM.** "Holocausto" é uma palavra de origem grega que significa "sacrifício pelo fogo". O significado moderno do Holocausto é o da perseguição e extermínio sistemático, apoiado pelo governo nazista, de cerca de seis milhões de judeus. Os nazistas, que chegaram ao poder na Alemanha em janeiro de 1933, acreditavam que os alemães eram "racialmente superiores" e que os judeus eram "inferiores", sendo uma ameaça à auto-entitulada comunidade racial alemã. [...] Em 1945, os alemães e seus colaboradores já haviam assassinado dois entre cada três judeus europeus, em uma operação por eles denominada "Solução Final", que era a política nazista para matar todos judeus. Embora os judeus fossem as principais vítimas do racismo nazista, existiam também outras vítimas, incluindo duzentos mil ciganos, e pelo menos 200.000 pessoas com deficiências físicas ou mentais, em sua maioria alemães, que viviam em instituições próprias e foram assassinados no chamado Programa Eutanásia. [...] Conforme a tirania alemã se espalhava pela Europa, os nazistas e seus colaboradores perseguiram e mataram milhões de pessoas de outros povos. Entre dois a três milhões de soviéticos prisioneiros de guerra foram assassinados, ou morreram de inanição, enfermidades, negligência, ou maltrato". Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to-the-holocaust?parent=pt-br%2F2275>>. Acesso em: 18 out. 2019.

¹⁷ SILVA (2019) explica que "O atentado de 11 de setembro resultou em 2996 mortes, das quais 2606 são de pessoas que morreram em Nova Iorque, 125 morreram no Pentágono, 246 morreram nos aviões (tripulação e passageiros inclusos). Por fim, contabiliza-se também a morte dos 19 terroristas". SILVA, Daniel Neves. Atentados de 11 de setembro. 2019. Disponível em: <<https://www.historiadoromundo.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>>. Acesso em: 18 out. 2019.

serem de grande proporção, ou alguém famoso, é uma morte igual a qualquer outra, e no entanto causa um impacto maior e as pessoas lembram.

A experiência de morte silencia o sujeito. Quando nascemos trazemos ao mundo o que nunca havia sido antes, eu, eu não havia sido nunca antes de nascer. Ao morrer levamos deste mundo o que nunca voltará a ser, eu sou o tempo em que duro, ou seja, eu nasci em 1988 e sou até o dia que a vida finalizar.

Preocupar-se com os anos e os séculos em que já não estaremos mais entre os vivos é tão infundado como preocupasse com os anos e os séculos em que ainda não tínhamos vindo ao mundo, ou seja, preocupar-se com o mundo depois de mim, como será a minha vida, quem vai alimentar minhas redes sociais, não são coisas necessárias. A gente pensa a vida, experiencia a vida, diz ao outro o que viu da vida!

Finalizamos a oficina animados pelas partilhas sobre as vivências e pela certeza que a consciência da morte nos humaniza e nos convida a viver de forma autêntica, a veracidade que a matéria biológica exige para considerar o sujeito como ser vivo, e não como um ser mitológico.

Quebramos os tabus impostos pela cultura, construímos novas experiências sobre a ideia de morte, identificamos alguns acontecimentos e como eles provocaram impactos imensuráveis na vida de outras pessoas. No final estávamos todos pensando como e o que poderíamos fazer para viver uma vida mais autêntica.

5.3 A POESIA COMO EXPERIÊNCIA SINGULAR NA VIDA DO SUJEITO E NA RELAÇÃO COM OS SEUS PARES

Optamos por realizar a oficina seguindo uma perspectiva literária e filosófica simultaneamente, onde poderíamos construir um diálogo interdisciplinar e através dos acontecimentos narrar as experiências que fossem surgindo no decorrer da oficina.

Era a nossa terceira oficina, onde todos já se conheciam, ou conheciam o que cada um permitia conhecer. O modo de cada um habitar a escola fazia de cada aluno um eu-mundo, um eu-escola, sempre mediado pelos acontecimentos, um ser que existe na pluralidade.

De imediato houve uma reação de estranhamento, já que desde a quinta-feira eles perguntavam pelo texto para a oficina que seria na terça-feira seguinte, eles aproveitavam o final de semana para realizar a leitura do texto e socializar com alguns colegas via aplicativos de celulares.

A leitura do texto era o primeiro acontecimento, do qual surgiriam outros no decorrer da oficina, “por isso, depois da leitura, o importante não é o que nós sabemos do texto ou o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar”. (LARROSA, 2017a, p. 177).

O poema só foi entregue no momento da oficina, alguns ficaram assustados pois não conseguiam compreender como seria uma oficina feita através de um pequeno poema, outros liam atentamente cada estrofe e se encantava com a leitura porém era algo até então desconhecido para a grande maioria.

O soar da experiência enfrentava diversos obstáculos, as questões internas e externas, a ideia que tudo pode ser converter em experiência, a falta de tempo e o excesso de trabalho, são fatores determinantes para que a experiência não nos aconteça. O poema escolhido foi escrito por Fernando Pessoa, acreditávamos que a partir desse poema fosse possível fazer soar a experiência.

Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu.

(Fernando Pessoa, 1931)¹⁸

Já não sabíamos quantas vezes o poema tinha sido lido na sala, não conseguíamos compreender a conexão entre o som e a palavra, cada um que lia parecia estar lendo noutra idioma, numa linguagem que não tínhamos conhecimento.

Percebíamos o quão difícil era para o aluno fazer abstrações a partir de metáforas. Segundo Larrosa (2017a, p. 123) “o poema não será mais o resultado de um momento de inspiração entendido como um acontecimento” e, mais uma vez

¹⁸ MULTIPESOA, S/D. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/154>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

liamos o poema, na tentativa de que algo nos acontecesse, de que as palavras nos tocassem, pois compreendíamos a dor de pensar, a dor de existir num mundo onde nada está pronto, onde a vida está por acontecer, só não compreendíamos a experiência, pois a leitura exigia contemplação, manter-se distante das verdades que o poema leva a ter o ser.

O poema de Fernando Pessoa traz essa proposta de que cada um torne-se o gato, que tem a leveza de brincar, brincar com a vida, e brincar com a vida não é fazer a vida de qualquer jeito, antes pelo contrário, a experiência do brincar proposto no poema é viver a vida, viver essa experiência como vive o gato. O desafio era experienciar o dizer, os desassossegos e inquietações quando os tremores da existência estavam tão intensos.

O pensamento quando expressado seguia mais ou menos uma ordem, buscava sempre as palavras para tentar dizer o modo como o sujeito compreende o mundo indizível da vida. A gente olhava pro gato e via a liberdade, e cada um nós buscamos a liberdade, buscamos ser livres, acreditamos que sendo livres seríamos felizes. Não adiantava invejar a liberdade do outro, a vida alheia não é o que parece ser, já vimos pessoas alegres, que dizem ter uma alegria triste, víamos pessoas sorrindo e no entanto elas choravam por dentro, e aí começamos a entender.

O poema era o nosso terceiro lugar para pensar as extremidades da vida e do mundo da vida, o primeiro foi o desafio de viver juntos e o segundo foi a possibilidade de pensar a morte como um convite para viver a vida, uma vida que se tecia por caminhos impensados, possibilitando a cada um pensar a vida e como essas experiências nos instiga a seguir.

Essa oficina foi a mais complexa, era apenas uma tarde de terça-feira com inúmeras oportunidades para sermos diferentes e no entanto fazíamos sempre as mesmas coisas, isso porque o aluno deixava transparecer a dificuldade em ler um poema, em compreender as metáforas ali existente, ele tentavam fazer abstrações, mas evitavam tecer longos discursos.

O excesso de informação fazia com que cada um ocupasse diversos lugares, era uma tarde como qualquer outra, todavia queríamos pensar e experienciar o dizer e o não-dizer na relação entre os pares. Por mais que eles estivessem felizes, percebíamos que algo escapou ao que foi planejado, e só nos restava sentar para reavaliar e tentar sanar essa provocação sobre as lacunas ali apresentadas.

Experienciar o dizer através da poesia, fez com que cada um dos que ali estavam buscasse superar as limitações que estavam sendo impostas pela conjuntura e alcançar o inatingível, fazer soar a experiência em cada um, como um toque que as vezes treme.

A poesia assumia o lugar de travessia, de lugar intermediário do sujeito entre o saber e o não-saber, e cada um ao seu modo ia superando o medo de ser feliz. A poesia convida-o “para ir além de si mesmo, para tornar-se outro” (LARROSA, 2017a, 127), deixando-se afetar pela totalidade da vida.

A oficina realizada através do poema propõe como experiência singular tecer mundos possíveis, ao mesmo tempo que aproximava o sujeito de outros mundos e desfazia alguns. Esse refazer, reinventar do mundo, proposto pela poesia seria como um jogo possível entre ensinar e aprender a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros.

Ao finalizarmos a oficina eles pediram para fazer o registro daquele momento, onde cada um sentia a liberdade de ser, de poder ser sem que ninguém o impedisse, ser uma liberdade-poética-do-existir em meio a tantos outros, como uma nova forma de olhar o mundo, de parar para pensar além do que nos propuseram, pensar outras coisas e não quer dizer que nos demais espaços não estejam pensando, é que aqui estamos pensando o pensamento, a consciência pensando a consciência, é saber que cada um pode ser feliz do seu jeito.

5.4 PALAVRAS QUE USAMOS PARA DESCREVER A VIDA

Chegamos ao final de um ciclo inconcluso, era a nossa última oficina sobre a experiência do dizer, agora voltada para as palavras que usamos para descrever a vida. A escrita da vida naquela ocasião estava entrelaçada com a compreensão que temos de mundo, o officinar-se fez da sala um lugar de igualdade, onde não havia mestre e discípulo, professor e aluno, mas sim aprendizes de um vida por acontecer.

As palavras que usávamos para escrever a vida, diziam mais de nós que dos outros que coabitam conosco e que partilham a vida e os acontecimentos pensados e impensados na tentativa de humanizar e humanizar-se.

Naquele lugar rotineiro, acontecia algo sempre impensado, a sala que pela manhã tinha aulas programadas por um sistema de ensino tecnicista, cuja função estava mais para robotizar que humanizar o sujeito, mudava completamente com a

realização das oficinas, parecia ser outro lugar, “um lugar para si, para habitar-se para demorar-se nele”. (LARROSA, 2017a, p. 253).

Nessa última oficina convidamos cada um dos que estavam presentes para ir além do que estar presente, do que está posto, ou seja, era preciso olhar a vida por ângulos diversos, tendo sempre a precaução para que a experiência nos acontecesse, olhar pelos olhos de uma pessoa simples ao falar sobre as experiências da vida e os acontecimentos, pensar as coisas simples da vida, pensar a si e aos demais como os responsáveis pelo mundo da vida.

O encantamento da vida estava na leveza, está em você querer viver a vida. Uma vida feliz é ter a coragem de ser você mesmo. Não adianta, a vida do outro não é tão feliz quanto pensamos, o outro também tem dificuldades, o outro também chora quando ninguém vê, tem sonhos bobos como você acha que tem, tem sonhos impossíveis como você tem, a outra pessoa é tão pessoa quanto você.

Percebemos que falar sobre a vida, sobre a escrita da vida, era algo complexo, o poeta que tecia seus versos sobre o existir não podia dizer ou escrever a vida do mundo, ele fazia seus versos sobre o mundo da vida. O filósofo escrevia a vida sempre a partir de um lugar, de uma ideia, de uma palavra, de um pensar, de um espanto diante das inquietações para com o mundo.

Queremos sempre um lugar para poder dizer, e dizer sempre do nosso modo de ser e estar no mundo das palavras, essas que usamos e que atribuímos sentidos, afetos, medos e tantas outras acontecências, onde a palavra passa a ser mais que uma composição silábica e assume provisoriamente a materialidade que o sujeito lhe confere.

Uma palavra assume diversos lugares na vida dos sujeitos, cada um toma a palavra pra si conforme os acontecimentos e escreve a vida e a palavra a partir das experiências. Sendo assim, “a palavra que se toma é imprevista e imprevisível, escapa a qualquer vontade e a qualquer domínio, é sempre surpreendente, sempre nos surpreende” (LARROSA, 2017a, p. 182), isso porque a palavra está sempre vinculada aos acontecimentos e as experiências que o sujeito tinha sobre elas.

As palavras que se abrem para as experiências geram e continuarão gerando novas palavras-experiências. No entanto, não existe experiência sobre as palavras, a gramática, a norma culta e outros tantos lugares dizem do sujeito, dizem do mundo do sujeito, e a palavra escapa, escorrega entre as formalidades. E, se pensamos a palavra como algo vivo, estamos pensando a vida em todas as dimensões da palavra,

porém se falamos a vida do sujeito aí já deixamos mais ou menos ordenado o pensamento sobre a vida que queremos falar ou pensar.

Vamos retornar a ideia da palavra que usamos para escrever a vida, da palavra que tantas vezes nos desconcerta. Falamos palavra e a colocamos no singular por saber que o sujeito escreve a vida na singularidade, e as suas experiências de mundo são subjetivas. Cada sujeito compõe um significado para cada palavra, ainda que ele tenha amplo domínio da língua, quando a palavra está vinculada a vida ele acaba pensando-a pelas experiências.

Diante disso, percebíamos que entre o não-saber e o saber estava a experiência, na tarefa infinita do sujeito, nesse caso o aluno, de aprender à aprender a experiência do dizer como uma tarefa infinita já pensada por outros.

A oficina ainda que não tivesse um texto previamente selecionado para nortear os que participavam tinha sido planejada para que cada aluno pudesse pensar as palavras, claro que não seriam todas as palavras, mas sim aquelas que usamos e (re)significamos com maior intensidade em nossas vidas, e posteriormente sentaríamos novamente para escrevermos o texto ou fragmento que atribuímos a palavra a partir da nossa compreensão de mundo.

Algumas palavras foram deixadas fora do potinho, pois compreendíamos que naquela ocasião as mesmas não faziam parte do contexto. Tivemos o cuidado ao ler cada um dos potinhos para não perder a essência do que pretendíamos, era uma expectativa enorme, pois cada pote representava a caixa de pandora, ali continha palavras que descreviam mais que uma experiência filosófica, cada palavra descrevia a vida em sua totalidade, cada palavra era uma janela para compreendermos a vida que está sendo tecida pelos acontecimentos e experiências de mundo.

A ideia de escrever a experiência do dizer, surgia após tomarmos conhecimento do livro “P de professor” escrito por Jorge Larrosa e a Karen Rechia (2018)¹⁹ inspirando a produção de pequenos fragmentos, pequenos textos, talvez testamentos de nossa existência, com palavras que usamos para descrever as experiências da vida e do mundo da vida. Todavia, para que a experiência do dizer se efetivasse deveríamos preservar a subjetividade, a coletividade, a abertura para o acontecer no outro e em nós.

¹⁹ LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

Sabíamos as seis medidas propostas por Larrosa (2014), as quais cuidadosamente procuramos seguir para que fosse possível fazer soar a experiência de um modo particular numa escola onde tudo se repete como um eterno retorno ou a maioria dos dias são sempre mais do mesmo. A pergunta pela vida, pela escrita da vida, ou pelo mundo da vida por vezes não fazia parte do cotidiano, raramente alguém se colocava a disposição para pensar o novo, o desconhecido, o impensado.

O diálogo entre eles oscilava, horas falavam sobre as palavras com o colega que estava ao lado, horas ficam num silêncio sepulcral, para alguns aquele silêncio parecia um confessar de si para si e em alguns casos para os outros. Buscamos explorar algumas palavras, sabíamos as velhas palavras, palavras claras, palavras obscuras, palavras inquietantes só não conseguíamos dizer, ou pelo menos tentar dizer a dimensão do espaço entre o pensado e o impensado, entre a experiência e não-experiência ou aquém de um e de outro.

Quanto as novas palavras não estamos seguros se elas são capazes de dizer alguma coisa, se essa coisa a ser dita irá despertar no outro e em nós, o prazer de pensar. Contudo,

No texto que escrevo nesse momento, as frases seguem-se e articulam-se mais ou menos corretamente, as divisões em parágrafos são apenas divisões de comodidade; há um movimento contínuo destinado a facilitar a sequência de leitura, mas esse movimento contínuo não pode, entretanto, dar conta de uma continuidade verdadeira. (BLANCHOT, 2010, p. 37).

Recorremos a ideia de Blanchot para enfatizar que a escrita da vida não dar conta de um dizer verdadeiro, reconhecendo que somos um eterno fluir enquanto viventes, e as nossas ideias, seguem mais ou menos ordenadas, nunca estão fechadas em si mesma, nunca estão prontas, pois a vida como acontecimento não se permite conceituar, as palavras que usamos para descrever a vida em sua grande maioria são palavras comuns, desgastadas pelo tempo, pela oralidade, pela escrita.

Essas que usamos para escrever, falar, pensar, que são de todos e de ninguém, que estão em toda parte e em lugar nenhum, as que já nasceram mortas, as que renascem a cada dia, as que têm a ver conosco, as que usamos para descrever o mundo quando abandonamos a segurança e o conforto para falar em nome próprio.

Algumas palavras apareceram diversas vezes, outras apenas uma vez e outras pronunciadas nos diálogos orais não foram colocadas entre as palavras que usamos para descrever a vida. Diante desse fato chegamos à conclusão que existem as

palavras-que-gritam e as palavras-silêncio e cada grupo ali presente naquele espaço-tempo deram um lugar provisório para cada uma delas.

Falamos de lugar provisório por acreditarmos que nada está pronto, que o sentido que atribuímos a palavra pode ser repensado a qualquer momento, visto que a vida não tem o domínio sobre os acontecimentos e nem a compreensão total deles.

Sendo assim, as palavras-que-gritam e as palavras-silêncio, todas são frutos das nossas experiências, das nossas vivências, das nossas buscas pelo saber sobre o que pensamos e o que nos faz pensar, essas que nos interrompem e dão continuidade de maneira sempre impensada, provocando uma certa inquietude diante do não saber dizer, do medo que construímos por julgarmos incapazes de dizê-las ou apresentá-las com a dignidade que merecem.

Então o que queríamos dizer com as palavras que pronunciamos, aonde queríamos chegar, quem pretendíamos atingir? Não sabemos se as experiências impensadas são as que formam a vida como um todo, o impensado está onde não conseguimos expressar, as palavras que usamos para descrevê-las falavam mais de nós e das nossas experiências do que do acontecido em si-mesmo, talvez seja o desconforto em não saber dizer, não ter uma definição clara, ainda que não seja necessário, que dificulte o diálogo sobre experiências singulares.

Falar era a única chance que nos restava, falar para si e para os outros, provocados por uma escrita que pensa. E, as vezes nem isso, como bem sabemos, ler, escrever e pensar não se ajustam ao tempo, seguem na contramão e só assim puderam na liberdade conquistada narrar suas experiências, pois “o mundo não é somente algo sobre o que falamos, mas algo a partir do qual falamos”. (LARROSA, 2018, p. 23).

Escrevemos a oficina sobre a escrita a partir das nossas experiências de mundo, os nossos textos-testamentos escritos para cada palavra nem sempre fluíram, alguns parágrafos ficaram desconexos, outros seguiram a norma culta e gramaticalmente organizada da língua escrita.

Quando a experiência finita não é pronunciada esta fica inacabada, quando a pronunciamos a mesma fica incompreendida, nos interpela, isso se dá por que não temos palavras em nosso vocabulário para descrever o que cada um compreende como experiência de vida.

Algumas palavras que foram colocadas no pote durante a oficina “sobre as palavras que usamos para descrever a vida”, foram tidas como palavras-silêncio no

momento da escrita, pois compreendiam que algumas delas já não faziam parte do contexto, outras gritavam com intensidade e reapareceriam diversas vezes num eterno entrelaçamento da palavra com a experiência, do dizer da palavra e pelas palavras-que-gritam sobre a vida e o mundo da vida. A escrita passava a ser vista por eles como um testamento, falavam que era algo para o futuro, e o futuro era agora, estava acontecendo, nos acontecendo.

No final da oficina combinamos que faríamos uma pós oficina e nela iremos escrever o significado de cada uma das palavras. Realizamos posteriormente outras cinco oficinas para que cada um pudesse a partir de suas experiências de mundo escrever sobre as palavras que tinham escolhido para representar uma parte das palavras que usamos para descrever a vida.

O resultado da escrita da vida está no apêndice 04 (quatro). Para facilitar a leitura do material produzido por eles em sala, colocamos as palavras em ordem alfabética, isso não significa que tenhamos feito um abecedário da vida, colocamos na ordem para num momento posterior dialogar com eles sobre o fragmento que eles produziram e como ficou depois que juntamos a deia de todos num único texto-testamento.

Prezamos por manter a originalidade de um texto escrito por 25 mãos, por 25 experiências de mundos plurais e subjetivos. Eles não poderiam recorrer a nenhum subsídio além das experiências da vida e do mundo da vida, era um momento para pensar e externar as ideias sobre as palavras que eles tinham escolhido para representar, ainda que parcialmente, as palavras que usamos para descrever a vida.

Esse mesmo resultado da escrita de cada um foi reorganizado em uma única parte, pois num primeiro momento a escrita se deu individualmente, evitando assim o excesso de informações externas. Alguns colocaram de forma resumida o que a palavra significava para eles naquela ocasião, outros optaram por escrever outras palavras que estariam associadas, e em outro momento construiria o significado para cada uma delas, embasado nas próprias experiências de mundo.

5.5 FINITUDE E EXPERIÊNCIA: MÚLTIPLOS OLHARES PÓS-OFFICINAS

Chegamos ao final de uma experiência inconclusa, onde a palavra final fazia referência à ruptura no tempo e no espaço, pois todo acontecimento é inacabado. Algo que foi tão esperado chegava ao fim da forma mais bela e impensada, uma

experiência filosófica sobre a escrita da vida através das experiências do dizer, nos marcava numa intensidade inenarrável. Era nosso último encontro e a pedido dos alunos apresentemos um pequeno texto sobre a amizade, a vida, a escola e a família, era sobre estar juntos, tecendo a vida e o mundo da vida.

Aproveitamos o momento para partilharmos as nossas memórias sobre os acontecimentos decorrentes da experiência do dizer, numa prosa descontraída sobre tudo que vivenciamos nas oficinas, nas aulas, nos corredores da escola, era uma oficina-café sobre a escrita da vida. Tinha um caráter festivo, estávamos ali para vivenciarmos nossa última oficina sobre a escrita da vida e do mundo da vida.

A gestão da escola foi participar, assim como nos deram o apoio necessário para que cada oficina pudesse acontecer. No final dessa última oficina cada participante respondeu uma avaliação qualitativa sobre cada uma das oficinas anteriores, relatando qual a maior aprendizagem em cada uma delas e em que poderíamos melhorar.

E, para finalizar cada um deles apresentou a visão que tem da filosofia hoje, após terem vivenciado essa experiência de pensar a filosofia fora da sala de aula, de experienciar o pensamento filosófico através das experiências e vivências de mundo.

Nos parágrafos seguintes iremos mencionar algumas falas dos alunos preservando sempre a sua identidade. Para uma maior compreensão colocamos entre aspas a fala do aluno, que seguirá no corpo do texto, fazendo parte do diálogo que descrevemos e analisamos posteriormente.

A avaliação foi dividida em três momentos, no primeiro perguntamos sobre a concepção de filosofia que eles tinham após as oficinas. Alguns responderam que durante as oficinas aprenderam meios diferentes de se ensinar e aprender filosofia, através das discursões, textos e reflexões e que passaram a ter uma visão mais ampla, além da ideia prévia que a filosofia seria para ler e reler os textos dos filósofos.

Uma aluna menciona a oficina como uma maneira de fazer com que ela parasse para pensar e se questionar sobre a vida. Ela diz “antes eu não pensava no mundo nem o via com outros olhos, mas depois das aulas de oficina meu pensamento sobre o mundo e sobre a convivência mudou muito” a cada oficina víamos a filosofia como algo necessário para os seres humanos, ensinando a sair do senso comum e começar a buscar pelo desconhecido, a construir seu próprio mundo.

Entre eles existiam os que achavam que a filosofia era para estudar os deuses gregos, e depois das oficinas descobriam que além da ideia que tinham era possível

“aprender a pensar com mais calma e paciência” que todos são capazes de aprender a pensar e questionar o outro e a si mesmo, que a filosofia estava em todos os momentos da vida, ainda que não percebesse.

Compreendiam que a filosofia era liberdade, era uma forma de entender o mundo e as pessoas, ajudando-as a pensar as escolhas, colocando-os como responsáveis pelo mundo que está sendo pensado e tecido, ensinando a viver em sociedade e a respeitar as diferenças políticas, culturais e religiosas.

A segunda pergunta tinha por objetivo desenvolver o pensar sobre o que poderíamos considerar como a maior aprendizagem durante as oficinas. A cada resposta dada pelos alunos sobre as oficinas e a maior aprendizagem que tiveram, refletíamos sobre a oficina numa dimensão plural.

Víamos que todo o cuidado para tentar mensurar o soar da experiência, sempre fazia com que algo escapasse, mesmo com todos os recursos que utilizamos algo fugia a totalidade, e retornávamos a compreensão a qual cada um aprende a partir de um lugar, ainda que um acontecimento não nos ocorra da mesma forma e que jamais teríamos as mesmas experiências.

Obtivemos diversas respostas onde a grande maioria estavam voltadas para compreensão de mundo, de morte e como o viver juntos nos humaniza, ampliando nossa reflexão sobre o nosso comportamento e nossas ações. Uma das alunas que participou de todas as oficinas diz:

Antes eu pensava que a filosofia se tratava apenas de conceitos, ideias que os filósofos tiveram, algo não muito próximo da minha realidade. Hoje eu entendo que posso utilizar a filosofia na prática, através de um pensamento crítico, a partir disso posso analisar melhor as situações cotidianas e tomar as decisões mas assertivas a respeito delas, e isso, sem dúvida, é o maior aprendizado.²⁰

Eventualmente algumas experiências são mais intensas, isso porque não temos como prever os acontecimentos, e após as oficinas alguns comentavam que tinham outro posicionamento sobre as temáticas, e sobre diversos problemas da sociedade, assim como uma maior compreensão sobre a existência do sujeito no mundo.

²⁰ Citação de uma aluna durante a última oficina ao responder sobre a concepção de filosofia que ela tem hoje.

Outro fator importante a ser analisado era que antes das oficinas alguns alunos tinham a filosofia na escola como um componente curricular necessário para o Enem e após as oficinas esses mesmos alunos mencionavam que a filosofia fez com que eles saíssem da zona de conforto, instigando-os a refletirem sobre os ideais para com a vida e o mundo da vida, questionando-se sobre os problemas sociais que os cercam, e que tantas vezes passavam despercebidos nos demais espaços sociais.

As oficinas proporcionavam diferentes reflexões sobre o impensado, diante disso percebia-se que a grande maioria apresentava a oficina sobre viver juntos como o início para pensar as relações na escola e na sociedade em geral. Ali naquele espaço foi possível dialogar sobre diversos temas, quebrando alguns tabus que insistiam em se afirmarem como verdades absolutas.

Havia um consenso entre os alunos, após as oficinas já não era mais possível serem os mesmos, algumas atitudes não poderiam mais permanecer, outras deveriam ser enfatizadas, que estudar era fundamental, inclusive rever alguns conhecimentos tidos como verdades, tendo consciência que as verdades precisam ser contextualizadas. Viver juntos era difícil, porém era fundamental para que cada um se desenvolvesse como ser humano.

Ainda sobre a maior aprendizagem durante as oficinas uma aluna diz: “eu particularmente achava lindo quem escrevia texto, e eu nunca conseguia, depois das oficinas eu fui tendo um pensamento e forma de escrever diferente, hoje meus textos e pensamentos fluem”. São esses acontecimentos que tem despertado em nós os tremores da experiência, são as subjetividades que fazem com que um acontecimento não passe despercebido.

Não podíamos deixar de mencionar a convivência, não só por existir opiniões diferentes, mas por cada um trazer experiências e ser experiências que faz a gente pensar em si mesmo e também no outro, ampliando nossa visão sobre as pessoas, sobre a vida e principalmente sobre o mundo.

Tudo era intenso, principalmente quando falamos sobre a morte, sobre as pessoas, sobre ir ou ficar, sobre o espaço que o outro ocupa em nossas vidas, sobre ser livre. Era sobre tudo isso e outras tantas coisas não mencionadas que a aprendizagem se intensificava, aprendíamos que deveríamos questionar tudo para que então construíssemos nossas verdades com mais clareza, vendo que a vida tem outros lados o qual até então não conseguimos ver.

Sobre o ócio, o tempo livre para pensar “nunca é em vão como projetado pelo sistema”, o tempo dedicado ao pensar, a aprender a aprender e a refletir sobre as aprendizagens tem possibilitando maior compreensão sobre outros espaços e como cada um pensa a vida nesses lugares.

Para finalizarmos esse ciclo pedimos que cada um apresentasse sugestões relativas a melhoria das oficinas. E assim poderíamos posteriormente repensar as estratégias para realização de outras oficinas. Não podemos esquecer que cada oficina acontece unicamente uma vez e qualquer tentativa de repetir seria completamente impossível, pois os acontecimentos e as experiências seriam outras.

A maioria deles pediram que a oficina tivesse um tempo maior que duas horas, para que pudessem conversar um pouco mais sobre as temáticas. Falaram também sobre o silêncio de alguns, a timidez em falar em público e que as oficinas fossem mais oralizadas, que o texto fosse menor para proporcionar maior interação.

Conseguimos ver o quanto tudo que vivemos é tão complexo e ao mesmo tempo tão simples que não conseguimos expressar em palavras, nem atribuir novos significados, “o ideal seria que a escola proporcionasse aos demais alunos outras oficinas de filosofia”, para que cada um tivesse essa experiência de pensar a vida e as palavras que usamos para descrevê-la.

Fazer uma análise do pós oficina seria uma tentativa de materializar os acontecimentos, as memórias do acontecido, de repensar a nossa prática docente, rever as nossas convicções sobre a relação-professor aluno, de repensar a sala de aula e os demais espaços escolares.

Uma leitura atenta das oficinas nos permitiu perceber que buscamos fazer soar a experiência, cada oficina tinha esse objetivo, fazer com que o sujeito ao seu modo, permitisse que a experiência lhe tocasse, provocasse tremores. Em nenhum momento afirmamos com exatidão o soar da experiência, compreendíamos que a experiência do sujeito como modo de habitar no mundo não podia ser tida como experimento e sim como um toque subjetivo, que o faz tecer a vida e o mundo da vida entre/com os seus pares.

6 (IN)CONCLUSÕES

Me ensina a escrever
A folha em branco me assusta
Eu quero inventar dicionários
Palavras que possam tecer
(...)
Trancar aqui dentro as palavras
Calando e querendo dizer
Não sei se o poema é bonito
Mas sei que preciso escrever

(MONTENEGRO, 2014)

Inconclusos, humanamente inconclusos! E, a canção “me ensina a escrever, de Oswaldo Montenegro” diz em forma de poesia o que sentimos. Num primeiro momento desejávamos não ter medo, não ficar assustado, e do início ao fim ter forças para inventar as palavras, para tecer a vida e o mundo da vida. Sabíamos que precisávamos escrever e o impensado foi a força que se fez presente quando buscávamos fazer soar a experiência.

Acontece que a experiência nos toca. Mas, para compreendermos o impensado como uma experiência filosófica sobre a escrita da vida foi necessário fragmentar a compreensão sobre a experiência em quatro partes, e a partir daí trilhar caminhos possíveis para fundamentar a nossa compreensão sobre a experiência como algo que nos toca, que nos acontece.

Falamos do saber da experiência diante da inconclusão humana, não como algo que não seja possível de acontecer ou nos acontecer, o saber da experiência não só é possível como permitiu que chegássemos até aqui com a convicção de que somos atravessados por experiências plurais.

A nossa inquietação veio da compreensão de Larrosa (2014) quando nos apresentava seus escritos sobre a experiência, e os cuidados que devemos tomar para não destruirmos a experiência. A partir das experiências e dos acontecimentos decidimos ir além, apresentamos as causas que destroem a experiência, impossibilitando o sujeito compreender a dimensão da vida e do mundo da vida através da experiência.

A pressa por vezes fazia com que nada nos acontecesse, foi fundamental parar e observar com um pouco mais de cuidado, entendendo que ocupamos determinados espaços e que estes são singulares e plurais simultaneamente. E, se falamos da inconclusão humana é porque pensamos na possibilidade de que algo nos aconteça, esse que não sabemos o que é, e que faz parte da vida e do mundo da vida.

Tivemos que pensar junto ao sujeito as possibilidades de construir uma consciência plural de mundo para que ele pudesse compreender que a experiência não se limita a ter uma opinião, a opinar por opinar, onde ao seu modo ele iria compreendendo os acontecimentos, compreendendo que a vida não é linear e que os conceitos não dão conta de responder sobre a vida, visto que a experiência escapa a ideia de conceitos.

Dizer quem era o sujeito da experiência era algo que nos provocava tremores, isso porque poderíamos cair no erro de estarmos falando de nós, das nossas experiências, da nossa compreensão diante dos acontecimentos, da nossa compreensão sobre a vida e o mundo da vida.

O sujeito da experiência sabe os limites do dizível, aquele que tem espaço para que algo lhe aconteça, diferente do sujeito da informação, que tem excluído cada vez mais qualquer possibilidade que a experiência lhe aconteça, isso porque todo sujeito que se coloca como um sujeito informado, ele quer emitir uma opinião, ele quer opinar, está o tempo todo ocupado, buscando um formar permanente. Este sujeito destrói as possibilidades de que a experiência lhe aconteça, tanto pelo excesso de opinião quanto pela falta de tempo.

Ao pensarmos sobre o sujeito da experiência nos deparamos com a experiência que foi posta a margem do saber, por não se permitir encaixar nos métodos empiristas, expondo os limites entre o que sabemos, com isso, decidimos preservar a singularidade do sujeito, pois compreendemos que a vida se escreve sempre a partir do impensado, e as experiências são acontecimentos que despertam no sujeito um olhar singular para o mundo.

Essas e tantas outras questões fez com que caminhássemos cuidadosamente observando as dimensões da vida, que fossem possíveis dizer a partir delas as experiências plurais, e como o sujeito as compreendem. Reconhecendo na pluralidade da vida a singularidade de cada sujeito que se abre para que a experiência lhe aconteça.

A segunda parte da experiência era a poesia da vida, onde apresentamos a experiência do sujeito a partir do estar-no-mundo, um texto mais poético que filosófico. Fazemos referência a poesia que o poeta usa para descrever a vida e o mundo, pela qual ele ao brincar com as palavras diz de si e para si.

Compreendemos que a experiência em sua totalidade é impossível, mesmo assim buscamos compreender a inconclusão humana e assim compreender-se como sujeitos num mundo por acontecer onde as tessituras e o filosofar da vida não podem ser pensados.

A consciência de mundo fez com que inventássemos o nosso lugar, não como uma coisa em si, mas como um acontecimento, uma experiência que exigiu de nós uma postura de coragem perante o desconhecido, e pelas experiências inventarmos a própria vida. O Estar-no-mundo como sujeito pensante tem nos possibilitado refletir sobre o tempo e o espaço.

A presença do sujeito faz o mundo ser o que é, e cada um vive ao seu modo a experiência de mundo, esta que não poderá ser generalizada, pois cada um vive a subjetividade de mundo ainda que esteja coabitando entre seus pares, por isso afirmamos que cada sujeito é um eu-mundo no mundo, afirmando-se entre os pares como um ser singular-plural.

O que compreendemos do mundo é radicalmente humano, e graças a essa compreensão que temos do mundo é que seguimos trilhando os caminhos mesmo sabendo que alguns são inconclusos. São as experiências de mundo que despertam o sujeito para a coletividade, para um existir consciente, pensando sobre si e como o outro o humaniza. Somos uma pequena parte do todo, vivemos um dia por vez, uma vida inteira.

Buscamos um sentido para vida e para que isso ocorra precisávamos amenizar a incomunicabilidade, através das palavras e a partir das nossas experiências foi possível dizer o mundo, o nosso mundo, dizer de nós, dizer para nós, dizer para o outro e dessa forma poder coabitar com eles, respeitando o modo de cada um habitar o mundo, isso porque cada sujeito compreende o mundo e a si mesmo pelas experiências acontecimentos tecidos pela realidade donde está inserido.

Talvez não saibamos muito sobre o mundo, mas as nossas ações dizem do nosso modo de pensá-lo, assim como as nossas experiências para com ele, da nossa consciência e da nossa relação com o outro, onde cedo ou tarde nos perguntamos sobre o sentido disso tudo.

A terceira parte da experiência apresentou o sujeito diante do filosofar, para que dessa forma pudéssemos compreender a vida noutros lugares, compreendendo a experiência não só como algo inconcluso, ou poético, mais também como mediadora do filosofar, do fazer filosofia.

Após as leituras dos textos sobre as dificuldades para que a experiência aconteça, onde há muito tempo estamos vivenciando temáticas emergentes e pertinentes para a escola, não só sobre a filosofia em particular, mas em todas as áreas que compõe a escola. Escolhemos a mediação para que o filosofar sobre a escrita da vida aconteça na escola e nos demais espaços donde o sujeito coabita com seus pares. E, simultaneamente o professor ocuparia o lugar de mediador, aquele que ficaria responsável por fazer soar a experiência.

A escola passava a ser um lugar dentre tantos outros possíveis para começarmos a escrever a vida. Pensamos num ensino de filosofia que possibilite ao sujeito a experiência do filosofar e através dessa experiência ele possa ao seu modo construir o mundo e a si mesmo.

Pensamos o ensino como uma experiência filosófica instigando o aluno a refletir sobre os dilemas acerca da realidade numa escola onde ele virou um dado estatístico do governo. O professor não pode garantir nada, mas como mediador poderá inspirar, convidando-os a superarem os limites impostos ao saber.

Compreendemos que a mediação poderia ser pensada a partir da escrita como modo de resistência, principalmente quando a conjuntura insiste que sejamos os mesmos, que assumamos o papel de reprodutores de saberes previamente estabelecidos, gerando cada vez mais uma escola morta.

Algumas escolas, ainda numa dimensão micro, tem possibilitado a mediação e desenvolvimento de espaços para o experienciar, para o filosofar e o fazer filosofia, evitando que tudo se converta em experiência.

O aluno encontra-se vazio, despido de identidade, de sentido para a vida, como se não existisse espaço em sua vida para as novas palavras-experiência, quebrando a impossibilidade de questionar advinda as respostas prontas.

Percebemos que a maioria dos professores limitavam-se a cumprir os pré-requisitos, e nada de novo acontecia na sala de aula. Mantendo uma distância cada vez maior dos que ali partilham a vida com eles. Sabíamos que escrever ou experienciar a filosofia na sala de aula só seria possível se o professor tornar-se aprendiz, assumindo a mediação e não a posse do saber.

Quando decidimos pensar o ofício do ser-professor e os espaços que o fazem ser o que são, chegávamos a um consenso que não temos um lugar na escola. Era preciso reinventar-se, dar sentido ao ser-professor e aos espaços que dia a pós dias foram sendo profanados.

Na escola a vida estava sempre por acontecer. O ofício do ser-professor enfrentava os maiores desafios, visto que o sujeito que se coloca como mediador é aquele que a comunidade tem acesso para conversar sobre as questões pertinentes a vida, ele é o formador das famílias do mundo e nem sempre o professor quer assumir essa responsabilidade.

O professor enquanto mediador do saber em sala de aula, fala e escreve para os iguais. Ali na sala de aula o tempo é sempre presente, o professor como mediador da experiência escreve ao seu modo a vida na escola, e o aluno lê a vida pela mediação do professor.

O conhecimento não era o fator que tornava impossível essa relação entre professor-aluno, mais do que falar, ouvir e aprender a falar, esperava-se que reflitam em conjunto sobre as experiências e acontecimentos. Essa relação professor-aluno apresenta a filosofia como experiência, e a experiência do filosofar faz da escola um lugar para que a filosofia permaneça sempre viva.

Compreendemos que a vida começa antes da escola, no entanto é na escola que começamos a escrever a vida, onde cada sujeito começa a dar forma as questões antes impensadas. Onde as primeiras reflexões sobre o filosofar, sobre a vida, e as experiências de mundo acontecem.

A quarta parte foi a mais tensa, talvez porque já estávamos completamente envolvidos com o fazer soar da experiência, o que não era bem assim, a nossa tensão estava em como colocar na prática as questões teóricas que tínhamos abordado nas três primeiras partes. As leituras, as ideias, os olhares, as tessituras advindas das tantas prosas sobre a intervenção, o medo de não conseguirmos atingir nossos objetivos, provocavam tremores.

Experienciar o dizer foi a parte mais complexa da experiência, pois como Larrosa (2014) já havia mencionado, seria possível escrever a partir da experiência e não escrever a experiência. No entanto deveríamos analisar cada oficina sobre dois aspectos, primeiro sobre as causas pelas quais o sujeito destrói a experiência, fazendo com que ela não lhe aconteça e segundo as precauções que deveria tomar para fazer soar a experiência de modo particular.

O mesmo se aplicava ao dizer, não se diz a experiência, diz a partir da experiência e para que possa ser dito o sujeito teria que ser tocado por ela. Acontece que fazer soar a experiência no espaço escolar era o desafio que nos propusemos, para nós estava claro que o aluno seria capaz de vivenciar o filosofar através das experiências plurais de mundo.

Sabíamos as dificuldades para que a experiência ocorra e as precauções que deveríamos tomar para que a experiência ocorra no sujeito. A intervenção foi a materialização das nossas inquietações sobre o impensado, ainda que fosse impossível materializar. Estávamos buscando centrar a intervenção em questões emergentes da prática docente.

Na educação básica a grande problematização enfrentada pelos professores são as perguntas da vida, onde o aluno torna-se objeto de suas próprias experiências.

Chegamos ao final sem ter clareza sobre as palavras que devemos usar para escrever a vida, talvez se inventássemos palavras para dizer, ainda assim não seriam suficientes para dizer a vida. Contudo, escolhemos palavras em meio a tantas outras, demos ênfase as palavras-que-gritam e deixamos de lado as palavras-silêncio.

Durante a realização da primeira oficina começamos a perceber as dificuldades para que a experiência nos tocasse, num espaço-tempo muito pequeno tínhamos que pensar, observar e compreender o porquê da ausência da experiência, porque era raro o soar da experiência nos outros e em nós.

A oficina sobre “viver juntos: um desafio humanizador” era a possibilidade de que algo nos acontecesse, um começo para pensar a experiência na escola e nos demais espaços, promovendo debates acalorados sobre o que nos torna humanos e como o excesso de informação e trabalho tem nos anulado cada vez mais.

Alguns acontecimentos externos provocaram rupturas na segunda oficina, era a prova concreta que mesmo planejando cada detalhe, sempre terá algo que escapa, que foge as regras. O que era para ser um debate sobre a morte e como ela nos humaniza assumiu o papel de pensar a morte como um convite para vivermos a vida isso porque uma ex aluna cometeu suicídio no final de semana antes da oficina.

Não desistimos da oficina nem alteramos a temática, fizemos alguns ajustes devido o acontecido para que então pudéssemos dar continuidade ao que já havíamos planejado. O excesso de informação advinda de questões externas fez com que pela primeira vez a escola solicitasse a revisão da atividade que seria desenvolvida na

oficina A gestão conhecia o projeto e nos apoiou, esteve conosco durante todo o processo, isso fez com que as oficinas continuassem sem maiores rupturas.

A terceira oficina era o oposto da primeira, a poesia, o poema, a vida, a metáfora, e as inquietações da vida, davam sentido a cada acontecimento na tentativa de fazer soar a experiência. O pensamento seguiu mais ou menos uma ordem, foi fundamental dar tempo, dar-se tempo, evitando as opiniões externas, cada um ao seu modo lia o poema. O poema era a metáfora da vida, da liberdade, de uma vida que se tece na liberdade de ser e estar no mundo.

Já a quarta oficina foi o começo de um fim inconcluso, foi nossa maior experiência filosófica na escola. Foi lá que nos colocamos na condição de aprendizes, para podermos numa relação de igualdade pensarmos as palavras que usamos para descrever a vida e o mundo da vida.

Onde por diversas vezes inventamos palavras, desde as palavras-que-gritam até as palavras-silêncio, escapando as formalidade da língua, para falarmos em nome próprio, ainda que a nossa fala seja sempre de um lugar provisório, evitando que tudo se converta em experiência.

A vida é um caminho por acontecer, e só nos resta caminhar. Chegamos ao final de uma experiência inconclusa, pois a vida não está pronta, os acontecimentos são inacabados e as experiências de mundo são plurais. Diante disso, fizemos uma quinta oficina para compreendermos o que ficou como maior aprendizagem das oficinas, qual a visão que o aluno tem hoje da filosofia e o que poderíamos melhorar nas próximas para fazermos soar a experiência de um modo particular.

As falas a partir das experiências expressaram o soar da experiência e os tremores que ela provocou na vida de cada um, instigando-os a pensarem a vida e o mundo da vida numa dimensão plural. O silêncio de alguns também era uma resposta, isso porque noutros espaços esses alunos externavam as suas compreensões de mundo. Alguns professores chegaram a comentar sobre as oficinas e mencionaram o comportamento do aluno nas aulas, expressavam maior interação com os demais.

As nossas aulas são um caminho para o acontecer, não temos o domínio sobre os que coabitam conosco e não queremos ser a verdade de um vida tão incerta. Desejamos apenas a cada um dos que estão ali a coragem e a ousadia em fazer da vida uma experiência única, ao seu modo e no seu tempo, pois só assim terá sentido cada momento e cada aprendizagem partilhada.

Acontece que a experiência nos toca.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Os Saltimbancos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 1: a palavra plural**. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

_____. **A conversa infinita 2: a experiência limite**. Trad. João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O QUE É A FILOSOFIA?** 3. ed. Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Trad. Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (A Meneceu)**. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GALLO, Silvio. **FILOSOFIA: experiência do pensamento**. 2. ed. São Paulo, 2017.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: “que é esclarecimento?”. In: MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

_____. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. (Orgs.). **Elogio da escola**. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

_____. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6.ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MATOS, Junot Cornélio. **A formação pedagógica dos professores de filosofia: um debate, muitas vozes**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MONTENEGRO, Oswaldo. **Me ensina a escrever** – Single. São Paulo: União Brasileira de Editoras de Música - UBEM, PEDL, ASCAP, 2014. (3 min 46 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B2GW-2FWZVU>>. Acesso em: 20 Dez. 2019.

MOREY, Miguel. Carta a una princesa. In: **Pequeñas doctrinas de la soledad**. México: Sexto Piso, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre a educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e outros textos**. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SAVATER, Fernando. **As perguntas da vida**. Trad. Monica Stabel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO REFERENTE À UMA PARTE DA OFICINA “VIVER JUNTOS: UM DESAFIO HUMANIZADOR”

Professor: Boa Tarde! Dei um tempo para que vocês refletissem o equivalente a dez minutos, então uma boa tarde a todos e bem vindos a nossa primeira oficina sobre viver juntos: um desafio humanizador.

Professor: É a nossa primeira experiência sobre a escrita da vida. Então eu vou gravar o áudio e depois com calma e em casa eu possa ouvir e transcrever. Caso algum de vocês fale, peço que fale um pouco mais alto para que eu possa ouvir o áudio ou eu aproximo o gravador até vocês para facilitar. E, a gente começa pensando a partir de citação retirada do texto escrito pelo Savater (2001, p. 147) onde diz “ninguém chega a se tornar humano se está sozinho”.

Professor: Todos vocês receberam um papel A3, um lápis de cor diferente para que pudessem dizer qual a impressão que vocês tiveram sobre o texto. Você pode usar o texto, o texto é de vocês, eu não falei que ninguém não poderia usar, alguns leram e comentaram em casa, pode usar seus comentários, outros marcaram com canetas coloridas ou grafite.

Professor: Não seríamos o que somos sem os outros, mas custa ser com o outro. O que é viver juntos? Como a gente poderia descrever a afirmação custa-nos ser com os outros? Você é o que é porque o outro existe, mas ser com o outro dar um trabalho danado. Você gostaria de colocar nesse papel alguma experiência da vida para guardar? Se a vida é uma experiência escrita, a gente precisa pensar duas possibilidades: Aqueles que tiveram a oportunidade de uma vida feliz e aqueles que tiveram uma vida onde foi negada a possibilidade de uma vida feliz, não foi negado a vida, foi negado a felicidade, seria possível viver sem ser feliz? E as frustrações? E porque viver em sociedade? “Um dia choramos e a mãe demora pra vir, isso nos anuncia e nos separa a força para outro dia mais distante, o dia em que choraremos e a mãe não virá mais”. (SAVATER, 2001, p 148). Nunca somos o que realmente queremos ser, mas o que os outros exigem que sejamos. Por um momento a sala ouvia atentamente e em silêncio,

desenhavam, escreviam e pintavam suas experiências no papel A3. Vale a reflexão de Savater (2001, p. 150) que diz “não é a mesma coisa pedir compreensão, se fazer compreender e que a boa comunicação, tem por primeiro requisito fazer um esforço para compreender esse outro de quem pedimos compreensão” Como você poderia descrever essa experiência no papel, como foi a sua experiência como esse texto? Como foi seu primeiro contato com o texto que possibilita pensar o que é esse viver juntos? Como seria esse se colocar no lugar do outro? Fazer-se compreender? São peças de um quebra-cabeça que não se encaixa.

Aluna 01: Até que se encaixa.

Professor: Bom, então viver juntos é um quebra-cabeça que se encaixa?

Aluna 01: Sim.

Professor: Como?

Aluna 01: Não sei explicar muito bem!

Professor: Explica do teu jeito!

Aluna 01: Não, porque eu acho que a gente só se torna ser humano como fala no texto, a gente chega ser humano, e não chega se estar sozinho. Quanto a convivência é como se fosse um quebra-cabeça, se você está sozinho você não sabe o que é você e não pára para pensar sobre você. Agora uma sala cheia de pessoas é como se fosse um quebra-cabeça, aquela coisa que ela viveu, a que ele viveu, vai me completando e vai me fazendo pensar sobre mim, é como se fosse um quebra-cabeça.

Professor: São as experiências deles que vão lhe ajudar a construir?

Aluna 01: Exatamente! O pensamento das outras pessoas também, talvez você não tenha essa noção, não queira levar a sério o que você tem a pensar e quer outra fala, quer outra pessoa falando sobre o mesmo assunto, por isso eu acho que é um quebra-cabeça que se encaixa.

Professor: Quem mais? É possível fazer-se compreender, colocar-se no lugar do outro?

Aluna 01: Não, porque se for uma coisa psicológica, se você está sofrendo por um amor perdido, eu só vou lhe dar um conselho e não sofrer a mesma coisa que você está sofrendo.

Aluna 02: Até porque aquele momento é seu, só quem sabe é você.

Professor: As experiências amorosas na infância elas são relatadas com maior facilidade, na vida adulta as pessoas não falam sobre isso, é como se elas não tivesse mais o encantamento dessa experiência.

Aluna 03: Talvez porque ela tenha se tornado fria.

Professor: Ah então quando a pessoa se torna fria pelos golpes que a vida deu.

Aluna 04: É.

Aluna 01: Eu acho que quando a pessoa é jovem ainda tá... acredita nesse amor à primeira vista.

Aluna 05: Muitas vezes as pessoas aprendem com os golpes que a vida deu.

Aluna 01: É por isso que quando você se torna adulto, você não quer compartilhar mais aquele seu sentimento, porque talvez você já sofreu tanto no passado que não sente mais nada, se torna uma pessoa fria. Só que as pessoas jovens ainda não, [elas] acreditam nessa parte de amor à primeira vista. Elas acreditam nessas coisa de amor, muito amor. Os jovens acreditam no amor, quando se é mais velho, mais adulta tem mais experiência em relacionamentos, convivência a dois.

Aluna 06: Como dizem num relacionamento você é uma pessoa de sorte, acho que você fica mesmo com receio de...

Aluna 01: Começar de novo?

Aluna 06: Sofrer novamente!

Professor: Uma coisa que é muito interessante é que o texto ele só traz em um único paragrafo a experiência do relacionamento com o outro e ele não cita o relacionamento amoroso. Ainda que você dê a oportunidade de pensar. Sabe por quê? Porque a gente lê o texto com as experiências da vida e são coisas que são pertinentes da idade, então é normal que o viver juntos esteja associado a ideia de olha não é fácil conviver alguém, compreender ou se colocar no lugar de alguém, porque a pessoa não entende o que você está passando. A pessoa

não consegue, por mais que ela esteja ao seu lado, ela não consegue interpretar e vivenciar a sua dor.

Aluna 01: É, porque quem está sofrendo é você. Mesmo que eu conte que está sofrendo, você pode me dar conselhos, falar o que já viveu, mas quem vai estar sofrendo aquela dor é você. Não é outra pessoa ou mesmo eu que estou sabendo o que está passando.

Professor: Para fazer outro comentário e dar continuidade, eu posso pegar essa parte do livro que diz o seguinte “para conhecer a nós mesmo, necessitamos primeiro ser reconhecido por nossos semelhantes”, teria o homem como pensar a si mesmo sem conseguir pensar o outro? Ou ele só consegue pensar a si e porque consegue pensar o outro?

Aluno 07: Acho que ele pensa.

Ele teria como pensar ele, só ele?

Aluna 08: Não.

Professor: Ele só pensa ele no diálogo com os outros. Então o outro é o espelho dele? Ou eu poderia pensar como Sartre (2008) o outro é o inferno. Quando Sartre diz peça de teatro entre quatro paredes que “o inferno são os outros”, a gente precisa entender se o outro é o nosso inferno ou se eu sou o inferno do outro e porquê.

Aluna 09: Eu discordo das pessoas serem o inferno das outras.

Aluna 10: Depende, tem umas pessoas que são!

Aluna 09: Depende da gente? Risos...

Aluna 11: Depende da expectativa que você está criando sobre aquela pessoa.

Aluna 01: Se você quiser que ela seja o céu, complete o vazio...

Professor: Então vamos pensar outro lugar, depois a gente pensa o inferno, pode ser? Vocês podem relatar no material de vocês como estão pensando isso. A gente pode pensar a partir da metáfora de Hegel sobre o senhor e o servo. E, Savater (2001) quando escreve o apresenta num lugar diferente. O Savater traz pra gente refletir o amo e o escravo na dialética, quem obedece quem?

Professor: No papel A3 a gente começa descrevendo as experiências conforme o texto, você pode usar lápis, canetinhas coloridas, ou grafite, deixe a

sua experiência sobre esse texto. Durante esse tempo, farei alguns comentários e depois vocês farão a apresentação.

Professor: A autoconsciência já não se conforma... porque a consciência é biológica, então na autoconsciência ele sabe o que pensa, o homem sabe o que pensa e enfrenta a si mesmo pensando. Ele se depara com a morte, com o ser pensante.

Professor: “O servo se torna depositário da mais duradoura autoconsciência, não se limita ao desafio estéril delirante da morte, mas dedicada à criação de novas formas para racionalizar a vida” (SAVATER, 2001, p.153). Porque o servo fez isso? Ai ele volta e dar um exemplo. Qual o exemplo que ele dar?

Olha você tem aqui dois competidores de carro e em uma linha reta tem um precipício, os dois vão acelerar para ver que tem coragem, no meio do caminho um para, esse é o covarde, porque desistiu ficou vivo, o outro cai no precipício e quando se salva torna-se herói e é reconhecido como o valente, ou seja, aquele que desprezou e cujo o desprezo pela morte coloca-se mais longe na animalidade. Aquele que parou o carro por medo no meio do caminho teve medo da morte e preservou a vida, aquele que se jogou no precipício se sair vivo encarou a morte.

Professor: A questão é que os animais quando brigam, o que eles fazem quando lutam com seus semelhantes? Eles apenas se rendem aos seus adversários para que não tenham uma luta fatal. O animal recua porque prefere ficar vivo que morrer, ele prefere a vida, escolher a vida não é ser covarde é um ato de racionalidade de autoconsciência. O escravo quando obedeceu o senhor escolheu a vida e quem se tornou animal? o senhor. Finalmente cada uma das autoconsciências representa apenas metade da vontade autônoma do homem. Mais um passo ainda e cada uma das autoconsciência já reconhece a validade da outra.

Professor: “Já no plano da igualdade, o indivíduo admite a dignidade humana dos outros não como simples – instrumentos de morte ou de criação – mas como fins em si mesmo, cujo os direitos serão reconhecidos no

contexto social de cooperação” (SAVATER, 2001, p.153). Savater faz uma leitura da metáfora do senhor e do escravo de Hegel, apresenta o servo e apresenta o senhor nessa condição de consciência e autoconsciência, ele coloca o senhor como um animal e o que é que ele diz, sobre o senhor “olhar por meio do trabalho o mundo deixa de ser obstáculo ou inimigo, se converte em material para realizar transformações, projetos, tarefas e adornos. A longo prazo, o senhor, no caso o amo, cujo os desejos se vê imediatamente satisfeito por seus escravos recai pouco a pouco na animalidade. E já não lhe resta outro entretenimento humano além de uma vez ou outra contemplar seu rosto no espelho da morte até se identificar com ela.” (SAVATER, 2001, p. 153).

Por que ele não se identifica com algo em processo, ele não consegue pensar a atividade, o conviver com o outro, por que o servo, deseja tornar o quê? Tornar-se senhor, não, é isso que ele deseja e não deveria ser, deveria tornar-se livre. O escravo deveria desejar tornar-se livre e não tornar-se senhor, por que voltar a ser senhor seria escravizar os outros, seria apenas repetir a vida. Então, a vida tem que ser pensada numa dimensão além de todas essas possíveis, numa dimensão política.

Professor: Agora a pergunta é: Como organizar a convivência? Como organizar esse negócio que a gente faz escola, que pega vocês de diferentes lugares e coloca dentro de uma sala? Você já pensaram sobre isso? Todo mundo aqui sentado com a cabeça a mil por horas, e alguém disse olha como organizar a convivência, como transformar a em concórdia a questão ou como a discórdia humana se transforma em concórdia social? Somos suficientemente racionais, pelo menos para nos aproveitarmos dos outros e desconfiar do próximo.

Professor: A partir desse momento foi dado um tempo para que cada aluno pudesse expressar livremente sua experiência com o texto e participação na oficina. Cada um recebeu uma folha A3 e nela puderam deixar as marcas das experiências construídas com base naquele acontecimento.

- Aluno 02:** Nunca pensei em colocar no papel o que o texto me dizia.
- Aluna 13:** Foi diferente das aulas que a gente tem no dia a dia.
- Aluno 03:** Sair um pouco da rotina.
- Aluna 11:** Foi dinâmico.
- Aluna 14:** É que as vezes é tão difícil a gente colocar pra fora o que a gente quer falar, se expressar, e fica mais fácil quando escreve, desenha.
- Aluna 11:** Exatamente! Os professores mandam um texto, falam para fazer um relatório... ai aqui como a gente foi expressar o jeito que a gente queria.
- Aluno 03:** É que as aulas do cotidiano são um pouco mais mecânica, padronizadas.
- Aluna 11:** Saiu do padrão.
- Aluno 03:** Saiu um pouco do normal.
- Professor:** Deixaram de aprender porque foi diferente? A maioria da sala respondeu que não. Que ao contrário. Foi possível pensar o que seria viver juntos?
- Aluna 11:** Sim!
- Professor:** Explique.
- Aluno 03:** Ai complica.
- Aluna 10:** A respeitar o outro, a viver a diferença.
- Professor:** Como você esperava que poderia ser essa oficina sobre viver juntos?
- Aluna 15:** Sinceramente, eu não fazia nem ideia!
- Aluno 03:** Não tinha a mínima ideia!
- Aluna 11:** Eu, assim, passei o dia com muito sono! Eu falei que ia dormir nessa aula, eu estava pensando que ia ser mais parada, um tédio.
- Aluno 05:** Eu acho que também estava pensando assim, na aula anterior eu estava tão desgastado, assistindo sociedade dos poetas mortos²¹, eu estava dormindo naquele filme.
- Professor:** As vezes a gente tem dificuldade de pensar a própria pessoa. Tem pessoas que falam, tem pessoas que só observam, tem pessoas que falam pelos cotovelos do começo ao fim. Cada um do seu jeito vai

²¹ Este depoente refere-se ao filme **SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS**. Direção: Peter Weir. Intérpretes: Robin Williams, Ethan Hawke, Robert Sean Leonard, Josh Charles. [S.I]: Hollywood: Touchstone Pictures, 1989. 1 DVD (1h 50 min), son., color.

dando corpo a experiência de escrever a vida, a história. Cada um escolheu a parte do texto, inclusive partes que não falei para representar a sua experiência, colocar no papel e analisar, escrever, não tem um melhor que o outro, temos 25 experiências diferentes, 25 olhares sobre o mesmo texto. Quando eu te perguntei se você indicaria para alguém, porque outras pessoas deveriam ler esse texto? Elas precisam pensar sobre o que é viver juntos?

Aluno 04: Acho que todo mundo deveria pensar.

Aluno 03: E talvez todo mundo tivesse a possibilidade de ler um texto que faça pensar sobre esse assunto.

Professor: Você imaginava que a filosofia poderia falar sobre isso? Lá no livro didático não tem!

Aluna 11: Vem o pensar o pensar.

Professor: Mas, com a proposta de pensar o que é viver juntos, em alguns lugares, dentre eles no ambiente político, nas utopias, na escola, nos casos amorosos, no compreender o outro. É necessário que o outro exista para que você exista. A gente vem pensando esses lugares onde poderíamos pensar a vida. O que mudou em você depois que leu esse texto?

Aluna 11: A forma de ver o mundo, alguns espaços...

Professor: Aqui todos são iguais, se nada mudou a gente não precisa vir aqui semana que vem. Por isso que perguntei, cada um apresentou uma experiência diferente, porque a experiência daquela leitura, tínhamos a ideia de ser igual, e a única coisa que não quero nessa sala é a igualdade, eu quero a diferença, não existe igualdade e quero que a diferença de cada um seja respeitada. Cada um dar o que tem de melhor. Somos diferentes, não temos que pensar igual ou fazermos as mesmas coisas. Se eu pedisse para vocês fazerem as mesmas coisas ainda não assim não seria as mesmas, porque as memórias são diferentes. Algumas memórias ficam e outras apagam, que lugar você gostaria de ser lembrado hoje? A gente vai poder escolher aqui na sala ou no pátio da escola, individual ou em grupo, o lugar onde gostaríamos de registrar esse momento.

Aluno 06: Não quero que vejam os erros ortográficos.

Professor: Não se preocupe com os erros, não vai dar para fotografar os mínimos detalhes, não se preocupe, os erros ortográficos são detalhes, na vida a gente também erra, a diferença é que os ortográficos tem correção, na vida não tem como voltar para refazer, agora posso pensar, e pensar não é voltar, é fazer um recorte no/do tempo e entender e seguir, quisera que todos os erros da vida fossem ortográficos.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO REFERENTE À UMA PARTE DA OFICINA “UMA PALAVRA COMPLEXA: PARA COMEÇAR, A MORTE”

Nos parágrafos seguintes apresentamos a transcrição de um áudio sobre como se deu a oficina, procuramos manter a literalidade do material produzido deixando as correções e comentários para serem feitos no processo de análise.

Professor: A proposta começa com o seguinte: na infância eu descobri que apesar de ser eu e não os outros, eu ia morrer, na infância quando criança nós não percebemos isso, a morte existe, mas não percebemos, morre pessoas queridas, entes familiares, mas não percebemos, não temos essa percepção. E o que é esse negócio que chamo de vida que uns tem e depois deixa de ter? E que você não tinha e um dia passou a ter? E os seus problemas não existiam enquanto você não existia, a experiência ela existe com você. Então vi que quando chegasse a minha morte eu seria eu, tão eu mesmo quando agora? Não, cada pessoa tem uma morte única. Ninguém morre pelo outro, a morte não é uma coisa coletiva, por mais que ontem tenha tido um massacre no presídio de Manaus²², várias pessoas morreram num mesmo espaço, mas cada pessoa morreu uma única vez, ninguém morre várias vezes. Então a gente precisa pensar a diferença entre repetir os pensamentos alheios que as pessoas tem sobre a morte e construir nossos próprios pensamentos.

Professor: Por exemplo eu não posso pegar emprestado o pensamento de uma pessoa sobre andar de bicicleta. Andar de bicicleta só será um pensamento meu se eu seu andar de bicicleta, do mesmo jeito a experiência de morte do outro não é a nossa, por isso que quando um ente querido morre só podemos desejar os pêsames, mas não podemos compreender a dor do outro, é dele. Aí a gente fica na ideia de não saber o que dizer ao outro porque não é nosso, é sempre do outro. Um pensamento que eu não podia pegar ou largar a vontade, bem, uma coisa é certa, onde está a pessoa quando só vemos o

²² MACHADO, Leandro. **Rebelião em Manaus:** a disputa interna de facção criminosa que levou ao massacre em presídios. BBC News Brasil, São Paulo, 28 maio 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48428432>>. Acesso em: 14 Ago. 2019.

corpo? Ai vem os primeiros questionamento sobre onde de fato está a pessoa, aquela que só tem o corpo inanimado, houve a separação platônica – dualismo psicofísico – quando se separa corpo e alma a pessoa fica morta, frase que Gallo (2017, p. 106) atribui a Aristóteles, ai você olha e vê o corpo da pessoa que você conhece, você fala e a pessoa não responde porque não existe mais. Porque isso acontece?

Professor: É ai o que a gente deve estudar e pensar como elas pensam a morte, o que é isso, porque cedo ou tarde eu pego pensando que deve existir um fim? Eu fico sem saber o que fazer. A certeza da morte nos torna humano, diferente de outras certezas, essa me humaniza. O que me torna igual aos outros? É isso aqui, que estamos fazendo, um começa, outro termina, o que é a vida? Uma sequência de nascimentos, de rupturas, uma sequência de morte, onde uns nascem, outros crescem, outros morrem. E como posso fazer diferente? Como posso contribuir? Como poderei fazer a diferença? Poderia eu fugir à regra? Só é mortal quem morre, e só morre quem nasce e os autênticos seres vivos somos nós que nascemos. Não posso considerar ser vivo quem não nasceu. Só e somente só quem nasceu é que pode ser considerado ser vivo, porque tem essa experiência. Os autênticos seres vivos somos nós, os mortais, que sabemos ou porque sabemos que deixamos de viver por mais que estejamos vivos.

Professor: Antes da filosofia, ou antes a filosofia trata da vida, a filosofia não trata da morte. Então por que o texto narra a experiência da morte já que ele quer falar da vida? Por que o texto nos faz o convite para nos humanizar, para nos tornar humanos, para buscar a vida, construir a vida. Ele traz pra gente pensar esse lugar a partir da certeza da morte que faz a minha vida, a tua vida, única e irrepetível. E quando a gente nasce é assim: um, dois, três e já, está vivo, cortou o cordão umbilical e você chora, você está vivo, é ali o primeiro lugar onde se diz deu-se a luz, onde você começa a viver, saiu de um lugar onde nada era e começou a ser alguma coisa. Se tivéssemos duas oportunidades, a gente iria fazer diferente?

Aluna 05: Não faria, deixaria como está.

Aluna 04: Sim e não.

Professor: E sabendo que só é essa e que não se repete, como poderíamos pensar? É igual as nossas experiências, só acontece uma vez. Esta oficina só acontece uma vez. Vocês viram que há 15 dias estávamos discutindo sobre viver juntos, hoje também é sobre viver juntos, primeiro conscientizar-se do eu e da minha ideia de fim, mesmo sabendo que a vida é finita, que caminho para o fim, eu posso fazer diferente, eu posso construir a vida diferente, noutra perspectiva. O que a gente pode pensar, e eu posso pensar a partir de Sócrates e do exemplo dado por Aristóteles que todos os homens são mortais, ou seja em qualquer lugar do mundo nunca houve e nem haverá uma pessoa que tenha nascido e não irá morrer, ou seja, somos iguais, ninguém é melhor que o outro, tendo dinheiro ou não, a gente pode tentar ficar mais um tempo o que não nos torna imortais. Tem pessoas que vivem muitos anos e outros menos tempo, e aí dizem que a pessoa viveu pouco ou muito, não se vive pouco ou muito, a pessoa vive com maior ou menor intensidade. A experiência de vida é única, eu não posso pegar um modelo e achar que se aplica aos outros, a gente só vive uma vez.

Professor: A morte é absolutamente pessoal e intransferível, ou seja, ninguém pode morrer pelo outro. Temos nome e sobrenome insubstituíveis, por isso a morte é o que há de mais individualizador, ao mesmo tempo demais igualitário, ninguém escapa ela, toda e qualquer pessoa caminha para o fim. O que posso fazer para ser diferente? Tem alguma morte diferente? Aquela experiência de morte é nossa?

Professor: Qual o sentido de viver se eu caminho pro fim? Essa é a pergunta que as pessoas temem, porque as pessoas não conseguem perguntar, elas tem medo, elas teriam que perguntar o sentido de estar vivo, o que caracteriza estar vivo? A morte ela continua sendo até hoje o que há de mais desconhecido. A literatura, a filosofia, a poesia, a religião, cada uma vem dizer o que é a morte, mas nenhuma delas tem experienciado. A gente sempre diz o que acha que é, porque aquele que foi, que a experienciou na prática não está mais aqui entre nós

para contar como foi. A experiência de morte, silencia aquele que a vivencia. Ao que tudo indica, ou seja, desde a espécie humana, nos tornamos humanos quando perguntamos pela morte, pelo fim, começamos a perceber que as pessoas nascem, crescem, outros reproduzem, todos morrem. Pensando bem, os deuses são imortais, eles nunca morrem e quando morrem ainda nasce em outro, eles são uma metamorfose. A categoria deles não se configura com a nossa de humanos, porque eles conseguem ultrapassar a morte como algo tranquilo, o nosso caso é diferente. A vida num único sentido da palavra que conhecemos é constituído de mudanças, o que é viver? É essa oscilação entre um dia estar bem e no outro não estar. Tem dias que queremos fazer alguma coisa e depois não queremos mais. É, pensar o que será daqui pra frente, é oscilar, a vida, ela não é um traço perfeito, começa e termina, a vida é a uma coisa assim, cheia de curvas, horas parada e horas em movimento. A vida vai ser sempre tecida, exemplo disso é que há 15 dias tinha um grupo de pessoas conosco e hoje chegaram outros e outros não vieram, e a gente vai andando, depois outro para, outro começa como se fosse um vagão de um trem onde um sobe e outro desce e a gente se encontra com um e constrói, encontra com o outro e constrói, essas são as experiências da vida, e essas são as oscilações da vida, não há um modelo, a vida é interminável e pode ser pensada como eterna ainda que mortal.

Professor: A gente pensa a vida eterna como mortal e pensa a morte como uma estrutura adiável, como se eu pudesse deixar para depois, agora não, depois, quando, depois, sempre depois, e uma tentativa é não levar a sério, é isso que a grande maioria fazem, elas não querem essa experiência de morte, elas preferem não levar a sério, consideram apenas uma aparência e inclusive rejeitam o disfarce. O que se dar é que alguns tem medo do que há depois daqui, a morte é como uma cortina de fumaça, é como uma vela acesa e quando apaga deixa de brilhar e não existe mais.

Professor: Na carta sobre a felicidade (A meneceu), o que Epicuro (2002) faz? Convida a viver a vida. Savater (2001, p. 22) parafraseando Epicuro diz “quando estamos a morte não está, quando a morte chega nós deixamos de estar”, então nós não encontramos com ela, ela possa por nós, quando eu estou, ela não está, quando ela está eu não estou, e não consigo dizer o que ela é porque não consigo encontrar com ela, o que a gente faz são meras especulações. A gente escreve as experiências dos outros, é por isso que eu não tem como fazer uma receita e dizer que a vida vai ser assim. O temível seria ficar consciente da morte, ou seja alguém ficar de algum modo presente, porem sabendo que já foi totalmente coisa evidentemente absurda e contraditória.

Professor: O estranho seria se você soubesse que estaria morto e estivesse vendo tudo. Na peça entre quatro paredes, escrita por Sartre (2008), os personagens estão no inferno e eles narram a memória, eles contam o que está acontecendo na vida ainda que estejam mortos. Eles vão narrando a rotina que faziam quando estavam no mundo dos vivos. É por isso que o convite é esse, como a gente pode construir a vida com a experiência de vida aqui, viver essa experiência maravilhosa que nos foi concedida? Construir a nossa própria história, seria a experiência. Pensar a morte é seguir, já que ela não chegou, vamos construir nossa própria vida, agradecer a oportunidade de estar vivo hoje e fazer a diferença, um dia quando ela vier, paciência, não precisa ter medo, ela virá, mas não precisa apressar. Como você poderia construir sua própria história, o que você gostaria de colocar nela, o que você gostaria de colocar na sua vida sabendo que ela é única? Sabendo que a vida acontece apenas uma vez, o que você gostaria que tivesse nela, que experiência?

Aluno 05: Dentre as diversas coisas que eu poderia querer, eu vou sempre dar valor aos meus maiores gostos ou melhor ao maior: a música. Me considero um grande admirador dos anos 60, 70, 80, 90 e alguns atuais. É desde sempre que tenho esse gosto, então desde os meus oito anos eu sonho em ir para o Rock In Rio, se eu tivesse uma lista

das experiências que eu particularmente iria fazer antes de morrer com certeza essa seria a primeira.

Aluna 15: Eu queria viver sem tanta vontade de morrer e também passar a ver as coisas de uma forma melhor.

Aluna 12: Mais amor, momentos com as pessoas que amo (pela correria dos dias, é algo que não acontece). Plantar árvores para tornar os lugares mais bonitos.

Aluna 14: Ver o mar, entrar no mar mesmo não sabendo nadar. Viajar para lugares onde a presença há uma presença maior da natureza.

Aluna 16: Quero realizar meu sonho de passar na faculdade de enfermagem, vou estudar bastante para que isso aconteça. E passar o máximo de tempo com a minha família.

Professor: ...O áudio foi interrompido.

**APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO REFERENTE À UMA PARTE DA
OFICINA “A POESIA COMO EXPERIÊNCIA SINGULAR NA VIDA DO SUJEITO E
NA RELAÇÃO COM OS SEUS PARES”**

Mais uma vez fizemos uso de gravadores para captar o áudio durante a oficina, assim poderíamos com calma transcrever seguindo sempre a literalidade do que ali acontecia. Bem, como vamos fazer as devidas análises num momento posterior, limitamo-nos à uma pequena introdução e a transcrição, mais adiante abordaremos o método que será utilizado para fazer as análises.

Professor: Por que escolher gato que brinca na rua? A gente poderia imaginar outras coisas, um pequeno poema, poucas palavras, mas o que tem além dessas palavras que Fernando Pessoa propõe? O que podemos pensar para além do que está escrito no poema? A liberdade, a felicidade, a inveja, a vida. Poderia ser só um poema, mas tem tudo isso.

Aluno 03: Nossa (reação de espanto).

Professor: Vamos fazer uma leitura do poema numa outra perspectiva que não foi feita, que é ler o poema numa vertente filosófica, que seria começar com a dor do pensar, o poema convida a pensar e pensar é algo que é violento, agressivo, dói, a gente precisa fazer isso, precisa sofrer essa dor que é colocar-se na condição de pensar.

Professor: É uma coisa que invade e nos impulsiona a viver plenamente, é o pensamento que move a gente, e esse poema do Pessoa move a nossa atenção para pensar o sentido dessa junção de palavras, pensar as palavras que usamos para descrever a vida. Quais são as palavras que eu uso para pensar a vida? E nos pormenores, no mais simples que possamos pensar, é nessas coisas simples como o poema que a gente encontra os maiores significados. A gente precisa ressignificar a palavra, dar um outro sentido a palavra, dar um outro sentido à vida, encantar a palavra, dar a magia.

Gato que brinca na rua
Como se fosse cama

Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama

Professor: Fernando Pessoa inveja a sorte do gato. Que sorte tem o gato? O gato é um animal inconsciente.

Aluna 10: O gato é livre!

Professor: E por ser livre brinca na rua.

Aluna 10: Eu imaginei que o gato seria uma pessoa, que fala o que quiser.

Professor: Pode ser, o gato não pensa em mais nada, ele vive sem se preocupar com outras coisas, ou podemos pensar a partir da canção história de uma gata, de Chico Buarque²³ quando diz “nós gatos já nascemos livres, porem já nascemos pobres”.

Aluna 10: Exatamente!

Professor: É essa a liberdade do gato que brinca na rua como se fosse cama. Invejo a sorte que é tua, ou seja, a sorte de não preocupar-se com outras coisas. Nem sorte se chama, poder brincar sem pensar em mais nada, é esse o convite da primeira estrofe, escrever a vida sem pensar em outros pormenores apesar de tudo que fizeram com a gente, a gente pode fazer diferente. Não são as experiências ruins que nos motivam, as experiências ruins nos leva a nos tonarmos pessoas melhores. Elas nos leva a produzir, parar, perceber que a experiência do gato é diferente, ela não é ruim.

Aluno 03: Eu.

Professor: Chegam, brincam, dormem, quanta liberdade de ir e vir, vem a escola com mais frequência que a gente, estão aqui todos os dias. Não há consciência, o gato não tem percepção racional da realidade.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

O gato, ou seja esse bom servo, cumpre seu destino sem opor-se minimamente a ele, nasce gato e morre gato e é livre, diferentemente

²³ Ver: BUARQUE, 2007.

do gato, o homem sendo homem nasce livre e morre aprisionado, porque o gato não pode questionar o seu destino, somente questiona o destino o homem. O homem pensa sobre as escolhas, o gato acorda e dorme sendo gato.

Professor: Nós não somos só o que sentimos, somos experiências do que sentimos, e sentir é uma experiência, ainda que intensa, e que bom que é intensa, e os nossos instintos gerais e particulares? O gato cumpre seu instinto de ser gato e nós cumprimos o instinto de ser homem, de ser mulher, ser aluno, como pensamos a vida, como cumprimos os nossos trabalhos.

És feliz porque és assim,
 Todo o nada que és é teu.
 Eu vejo-me e estou sem mim,
 Conheço-me e não sou eu.

Ao invejar, Pessoa olha para o gato e diz “és feliz por que és assim”, a razão da inveja de Fernando Pessoa mas do que a inveja pela falta de preocupação do gato, é porque o gato não pensa igual o homem, ele vive, só quem tem consciência da infelicidade é o homem, os animais não conhece a infelicidade, ele é movido pela dor e pelo prazer, todo animal busca o prazer.

Professor: Embora o gato seja apenas nada, se conhece cada situação, enquanto o homem conhece a realidade, desconhece a felicidade; e o gato que não conhece a realidade é feliz. Se o gato pudesse pensar igual o homem, seria o gato feliz ou livre? Pensar e viver aqui é privilégio. Fernando Pessoa sabe que jamais será um gato que brinca feliz, jamais poderá ser completamente feliz por que conhece a razão, o gato que nada conhece é feliz por ser gato, por ser nada, o homem que pode ser muita coisa, também pode ser infeliz. Então pensar e viver é o convite que faço hoje, que é escrever e pensar a vida a partir de um poema. É o momento que paramos e pensamos o que estamos fazendo com a liberdade de sermos nós mesmos, é nesse momento que escolhemos as palavras e como as usamos para ser feliz, escrever a vida. Será que vamos passar a vida inteira invejando a

liberdade do gato, a felicidade alheia? A aula de hoje é um convite a pensar, quem é responsável pela minha felicidade?

Aluna 16: Pelo menos deveria ser a gente, mas a gente deposita muito da nossa felicidade, das nossas expectativa, nas outras pessoas.

Professor: A gente olha a felicidade do outro e acha que aquela é a felicidade que a gente deveria ter, olha pro outro e acha que tem que ser feliz igual a ele, quando na realidade ser feliz deve ser igual ao gato, o gato não depende de outros para ser feliz, se você olha um gato brincando, ele está feliz.

Aluna 16: Temos medo de ser feliz.

Professor: A gente não teria necessidade dessa inveja, o homem conhece a si mesmo, e por isso ele tem dificuldades para ser feliz.

Aluna 18: O gato faz a mesma coisa?

Professor: Não, o gato não faz a mesma coisa, o gato cumpre seu instinto. O homem que pode criar sua própria história, é convidado a pensar diferente, a superar a metáfora do gato, é convidado a viver a vida. A experiência do outro só a ele pertence, é dele, posso aprender com o outro mas não posso viver pelo outro, não posso ser pelo outro, mas posso convidar o outro a viver tão livre e leve quanto o gato. Viver a experiência de pensar livre, de construir a vida nessa liberdade. Pensar é uma coisa que dói, principalmente quando penso o eu e não o outro. E, esse pensamento do eu, me torna uma pessoa melhor.

Aluna 16: A filosofia nunca respondeu à pergunta “quem sou eu”?

Professor: Não, a filosofia não responde e também não tem essa pretensão, a filosofia não quer responder, ela quer que você responda.

Aluna 09: Ela nos leva a pensar.

APÊNDICE D – PALAVRAS QUE USAMOS PARA DESCREVER A VIDA

As palavras foram selecionadas pelo o grupo de alunos que participaram das oficinas. Dividimos a sala em 11 duplas e um trio, cada equipe recebeu um pequeno pote de vidro onde a dupla ou trio deveriam guardar as palavras, algumas delas apareceram inúmeras vezes, para sabermos quantas vezes a palavra foi escrita colocamos entre parenteses o número de vezes que a palavra apareceu.

Abraçar (02)

Abraçar é um tocar-se que vai além do corpo, alcança a alma, conforta, protege e tranquiliza, quando se é dado de forma sincera e verdadeira, o abraço renova o dia. Sendo discretos ou não, o abraço, é uma forma de demonstrar afeto, carinho, e amor entre familiares amigos, namorados... de dizer ao outro que se sinta amado, que se sinta querido.

Abraçar o outro é dizer “eu cuido de você” mesmo sem precisar abrir a boca. O abraço pode significar muito, tem muita gente por ai precisando de um abraço, quantas vezes um simples abraço nos deixar feliz, ainda mais quando esse abraço vem de alguém que gostamos muito. Um abraço é um gesto simples, porém pode salvar o dia de alguém ou até mesmo a vida de alguém, as vezes só o que precisamos é de um abraço repentino e caloroso de alguém te envolvendo.

O abraço pode ser compreendido como abrigo, colo, lugar de paz, onde nos sentimos bem. É um contato que temos com outra pessoa. O abraçar nos leva a construir laços fortes, é uma forma de ajudar uma pessoa que está precisando, um simples ato de amor entre duas amizades.

Quando lembramos do abraço logo nos vem à mente um amigo incrível que valoriza o valor de um abraço. Através do abraço podemos ser solidário com o próximo, em momentos que a vida é dura com você, vale tudo, significa algo que conforta, podendo ser o abrigo entre duas pessoas. Abraçar pode ser um ato de saudade.

Acreditar (03)

Depende em quê... Geralmente as pessoas acreditam em seres mitológicos ou deuses. É uma forma de nunca perder a esperança e sempre se manter de pé. Acreditar em algo ou em alguém, é saber que a pessoa está te falando a verdade ou pode ser o acreditar que algo possa dar certo.

É necessário acreditar que os momentos ruins passam, que o universo te retornará coisas boas, que tudo ou nada pode acontecer. Acreditar em algo que possa realizar um dia, acreditar em si próprio, na sua capacidade de fazer a diferença, pois se você não acreditar, quem vai acreditar? É confiar em outra pessoa e ter fé que as coisas darão certo, é ter fé em alguém, que alguém vai conseguir conquistar algo que tanto almeja.

É uma palavra que incentiva bastante até porque é acreditando que é possível fazer qualquer coisa que a pessoa faz o que quer, ou seja, o que deseja, conseguir todos os objetivos. Me faz sentir que posso acreditar principalmente em sonhos, crê que eles possam se realizar.

Afeto (04)

Uma forma de partilhar os sentimentos com outras pessoas. É o que a gente sente por quem a gente gosta. Demonstramos os nossos entre amados, com abraços e beijos... troca de carinho, convivência com alguém que se tem intimidade. É o simples ato de gostar de alguém, de amar, de respeitar.

É como o amor de nossos pais, ou seja, um amor onde sempre haverá proteção, irão fazer de tudo para nos ver bem, não importa o que fazemos, eles sempre estarão lá. É se preocupar com os outros e não apenas com si mesmo.

Por cada momento que passamos com as pessoas. Ser capaz de olhar o próximo sem querer nada em troca. Sentir pelo outro algo bonito, algo intenso (ou não) apenas sentir. Sentimento de afeição por coisas, pessoas e animais.

Alegria (09)

Sensação de paz, leveza e satisfação. Se manifesta em detalhes, é o sentimento mais puro. Quando a felicidade transborda, nos fazemos transbordar e se transforma em sorriso. Rir sem parar até que sua barriga comece a doer e todos ao seu redor olhem para você rindo ainda mais que você.

Estar contente com o momento que está sendo vivido, uma felicidade momentânea, sentimento de alegria quando se está fazendo algo que se gosta ou recebe uma notícia que te deixa alegre tipo “receber seu salário no final do mês”.

Ser alegre é você fazer o que gosta, algo que te motiva a ser feliz, geralmente isso acontece quando recebe algo ou acorda naqueles dias ao lado das pessoas que amamos, onde estar pleno consigo mesmo, ainda que seja um momento que não dura por muito tempo. É muito importante ter alegria no seu dia a dia pois se você estar alegre, você pode contagiar as pessoas que estão tristes.

Amigos (11)

Pessoas que deixam os dias mais felizes, que te fazem dar boas risadas, que te fazem raiva, pessoas em quem confiamos. São pessoas que lhe fazem um bem e que lhe ajudam quando você precisa, que estão com você nos momentos bons mas principalmente nos ruins, são aqueles que podemos contar sempre.

Hoje eu tenho os amigos que sempre quis, são pessoas âncoras, são anjos, são conselheiros, são irmãos, advogados quando necessários, e críticos também, são de verdade, são incríveis, ser amigo é uma tarefa importante. Cada amigo é único ao seu modo, conhecemos os amigos ao longo da vida, alguns são passageiros, outros são momentos e outros tantos são eternos, são essas pessoas que fazem a vida ficar mais alegre, assim como sabemos que os abraços são verdadeiros, que podemos desabafar, contar as angústias e saber que existe um abraço que te conforta, que a pessoa vai estar sempre ali te apoiando e motivando a seguir.

Quando os laços familiares se estendem para novas pessoas, uma convivência social, pessoas que possam te ajudar, e que estão do seu lado, para poucos “os verdadeiros”, no mundo de hoje podemos contar nos dedos quem são nossos amigos de verdade, não gosto de falar sobre isso porque muitas vezes eu me magoei, porque muitas vezes me senti usada pelas outras pessoas e por isso trata-se de um sentimento vago.

Eu sempre achei que tinha amigos, achei que os meus problemas eram só culpa minha, mas no final percebi que todos pecam contra si e os outros, mas depois de um tempo eu conheci os meus verdadeiros amigos, aqueles que se aventuram comigo e são verdadeiros. Os amigos servem na hora que você mais precisa.

Amor (19)

Sentido inexplicável, vai além do visto ou tocado, transborda de emoções. É a maior conexão entre as pessoas, seja ele para com amigos, família ou namorada, um sentimento forte e as vezes pode ser complexo, geralmente se sente quando gosta de alguém, ou com algo que se faz, gesto de nobreza e coragem, o amor é uma palavra bonita e o seu significado mais ainda.

Dizemos que amamos e não sabemos amar. Amar é respeitar e aceitar a pessoa independente dos seus defeitos ou dos defeitos que atribuímos a ela, é uma mistura de cumplicidade e companheirismo, por exemplo eu amo meu pai tão doce e minha mãe tão bruta e tão doce ao mesmo tempo.

O amor é algo sem explicação, só existe na imaginação, falamos tanto sobre isso e no final sabemos nada. Sentimento não explicado, algo que a gente sente unicamente, mas fácil de entender, no momento que sentimos o nosso corpo ativar diversos sentimentos que são incríveis e tolos.

É um sentimento que muitas vezes conforta as pessoas pelo simples fato de saber que sempre terei alguém para me confortar em algum momento da minha vida e que também estarei ali quando precisarem doo meu conforto.

Um ato de afeto que as pessoas descrevem como amor. Não se limite a sentir, as suas experiências do passado não determinam como será próxima. O amor é como um amigo, mas o amor não é amigo. É você saber que ama aquela pessoa.

O amor é dar-se ao outro e não exigir nada em troca. Um sentimento sincero que precisa ser cativado, recomeçar sempre que preciso. É uma palavra que me remete a Deus, não sei se é porque sou de vertente religiosa, eu não sei.

Amor próprio (02)

Não se trata de achar-se melhor que os outros, e sim de reconhecer sua singularidade. Se amar cada vez mais, ter em mente o seu valor, o quão importante você é. Ser você mesmo, se valorizar, priorizar, cuidar, se entender. É você se amar, não tem disso que você não ama sempre alguma coisa.

Respeito por você e seu corpo. Se colocar no lugar dos outros sem perder sua essências. Amar a si de forma incondicional, olhar para seus defeitos e vê como qualidade, como sua própria beleza, o que te faz diferente dos outros de forma

positiva. Reconhecer que você consegue ser feliz sozinho, que você é suficiente, que você é capaz, você é sua própria casa.

É admirar quem você é e o esforço que fez para se tornar aquela pessoa. Também é valorizar a si mesmo para não aceitar que qualquer tipo de pessoa entre na sua vida, quando você se ama, ama o que você faz e o que você é e o seu corpo.

Se amar mesmo sabendo que não é perfeito, erra igual a qualquer ser humano, enxergar cada traço seu, como sendo coisas boas. Ninguém precisa te amar ou gostar, pois você próprio pode se amar e ser feliz, se amar acima de tudo e não se preocupar com a opinião dos outros sobre você.

Saber suas diferenças, amar suas crises, tristezas e infelicidades. Saber que você pode tudo, não se diminuir por ninguém (nem para caber em alguém). É até complicado falar sobre isso, aos olhos de Deus somos todos bonitos e o ser humano tem isso de sentir bonita quando coloca uma roupa ou algo diferente mas no final somos os imperfeitos mais perfeitos que conheço.

Amar a si mesmo, antes de tudo, reconhecer que colocar sua saúde mental em primeiro lugar não é egoísmo. É se gostar e não ligar para o que as pessoas dizem, algo que aprendemos a moldar com o tempo. É saber se valorizar sem querer passar por cima dos outros, mas sempre buscar seu bem, ou seja, ser alguém que tem felicidade dentro de si.

Amizade (10)

Um elo entre pessoas e almas. Se resume em companheirismo, ter com quem contar, respeitar, valorizar. Um sentimento por alguém que você sente que pode se apaixonar e conhecer. Saber que a amizade é verdadeira. Não duram para sempre. Confiança, sentir-se a vontade com alguém e conversar sobre tudo.

Pessoas importantes em nossas vidas, que chegam para nos fazer bem. A amizade se constrói através da empatia. É o que você tem com seus amigos. Mesmo não estando próximo da pessoa que se ama, você queira o bem dela e se sentir bem. Compartilhar momentos, ajudar e apoiar, aconselhar, não precisa ser sempre, só precisa ser verdadeiro quando tiver que ser. Amigo que está comigo para o que der e vier. Relações que a gente escolhe construir.

Amizade é quando pessoas novas acabam fazendo parte de você, pode ser uma troca de favores, afeto, convívio, e que te leva para um lugar legal, e que as

vezes te faz mudar para melhor. É o afeto entre pessoas, é ter alguém em quem confiar e que sempre estará lá para lhe ajudar e te apoiar mesmo que o mundo vire as costas para você. Amizade não é se falar todos os dias e sim dar o ombro sempre que o outro precisar, fazer por ele o que queria que fizessem por você. Amizade o que construímos como abrigo para caminha da vida.

Angústia (03)

Aperta, machuca, desespera, dói, tira, chora, grita, rasga... Você irá entender, uma vez ou outra irá sentir bastante, mas não sentirá para sempre. Uma coisa que vem de dentro, que não conseguimos explicar, um sentimento de incomodo por não saber lidar com as situações ou até mesmo com a vida.

Um nó na garganta, uma sensação de inquietude, querer mas não poder ou saber. Medo do que estraria por vir, quando não gosta ou não se sente satisfeito com alguma coisa, um sentimento que incomoda e te faz pensar em coisas que já aconteceram, te fazendo ficar mal. É algo que vai embora e tempo depois bate na porta novamente. Um sentimento ruim, de tristeza, desengano.

Sentimento pesado de ter errado e ter passado por certo. Momentos de aperto no peito e cabeça cheia, indecisões e confusões. Sentimento de aperto no peito que incomoda a todo momento. Sentimento vazio, de medo. Se sentir angustiado, com algo ou alguém.

Ansiedade (03)

Falta de sono, ranger de dentes e pensamentos turbulentos, medo constante do que pode acontecer ou não acontecer, pensamentos que te desgasta. Sentir seu mundo desmoronar quando apenas uma coisa está errada, vontade imensa de chorar, um turbilhão de sentimentos vindo de uma vez só. Um sentimento que acaba afetando nossas vidas.

Um sentimento que te deixa desconfortável, as mãos ficam suadas, suor gelado, um sentimento desordenado que consome e controla a mente. Minha mente transmite para meu corpo me deixando mais desesperada. Me perco, tento me aliviar, acalmar, mas volta. Não quero ver, não quero sentir, mas parece ser mais forte que eu, é querer tudo para ontem e sofrer com isso.

Basta uma crise para me abalar, choro, me alivia um pouco, mas pesa. Sentimento indescritível (tudo por nada). Um sentimento que faz mal. Uma coisa desnecessária. Nunca saber se dará certo o que tanto planejamos. É um aperto no peito, é uma falta de ar, é choros e choros que parecem um mar, é não segurar um copo com as mãos, é sofrer por algo que nunca aconteceu.

Pessoas ansiosas são como uma máquina que não sai da tomada de 220V. Quando você se sente insuficiente e que quer algo logo e não ver a hora de chegar, vive sempre no futuro, sofre com falta de ar, coração acelerado, nervosismo de tudo, medo de encarar a realidade.

Coração acelerado “vai dar tudo errado” eu não sou capaz de fazer isso, insuficiência, tremores. Sofrer antes da hora, sofrer por algo que nem sabemos se vai acontecer, sofrer pelo futuro. Inquietude pelas mil e uma possibilidades.

Base (06)

Na vida, sentimentalmente, temos coisas como base, uma delas é a família que está com você desde que você abriu os olhos. Pessoas que sempre vamos precisar, tipo: amigos e familiares como base estrutural para tudo. Podemos pensar a base como um conforto para o sujeito, pode ele pode se firmar.

Para alguns a faculdade é a base de tudo. A matéria que dará início a sua jornada rumo ao futuro. Aquilo que permite conforto e confiança, que se predispõe a ficar ao seu lado, a superar os sacrifícios, que quando caímos nos levanta.

Carinho (06)

Demonstração de afeto entre pessoas. Tão simples que te faz feliz e traz alegria. Um cuidado imenso com uma pessoa que você gosta muito. Uma forma de expressar o que você sente. Estar com alguém independentemente da situação. Retribuir com amor aquilo que recebemos, olho no olho, acariciar e pensar o quão é bom ter tal pessoa.

Um sentimento simples e humilde capaz de demonstrar afeto para com o outro. É o que sinto pelos filhos do coração. Algo bom, sentimento de paz. Mesmo que afeto, algo afetuoso entre duas ou mais pessoas, cuidar do outro com apenas um gesto

simples. Uma forma de amor, tratar bem quem você ama, através das pequenas ações.

Companheirismo (02)

Esteja sempre ao lado das pessoas que te querem bem, nunca deixe de lado quem você é, valorize quem o ajudou chegar até aqui. Compreenda que o outro também tem momentos bons e ruins. Nunca mudar seu jeito ou deixar de ser feliz por conta das outras pessoas ou deixar de ser você próprio para poder ser companheiro de alguém.

Empatia, importar-se com pessoas próximas, acompanhar alguém, mas nunca deixar de ser você próprio para poder ser companheiro de alguém, nunca abandonar quem sempre esteve com você nos momentos em que você mais precisou de força. Nunca deixar de ajudar pessoas são importante para você.

Seja sempre você em qualquer consequência. É você por você e é preciso muito esforço para isso, para viver para si mesmo. Estar sempre ao lado? Um pouco difícil, mas não é impossível, principalmente quando o outro precisa de nós. O companheirismo se faz no conviver com alguém e não o abandonar, nem deixar de ser você.

Confiança (03)

Entender que somos capazes. Acreditar que tal pessoa não seria capaz de fazer coisas que te magoem. Algo difícil de se ter. Acreditar plenamente em uma pessoa. Está de bem consigo mesmo. Saber que nunca estará sozinho. Ter sempre alguém que possamos confiar é ótimo, traz paz e alívio.

Sentimento que se conquista. Entregar-se totalmente à alguém, principalmente quando o ser humano fala abertamente ou se sente confiante com a outra pessoa, algo que as vezes é difícil conquistar, algo que só se tem uma vez e depois de quebrada nada volta a ser como era antes. Confiar em uma pessoa é saber que ela não irá fazer coisas que vai magoar e ferir seus sentimentos. É você ter certeza que a pessoa vai fazer o que você pediu.

É bom ter confiança, assim podemos conversar com alguém em segurança e se sentir melhor, se sentir confortável em rir e chorar. Confiar mais em si, pois a confiança leva muito longe.

Conforto (03)

Sentir-se seguro em um lugar ou com alguém onde você pode ser você mesmo e sentir-se seguro por isso. Quando você está bem consigo mesmo. Ter um abrigo para repousar (abraço). Sentir-se bem do jeito que as coisas estão, algo como um abrigo, onde você se sente seguro em algum lugar ou com alguém, encontrar paz em abraços e carinho junto com braços que cuidam de ti, o que minha família me dar, o colo das pessoas que eu amo, minha casa.

Conhecer

Desfrutar novas experiências, onde você conhece algo novo que nunca tinha visto ou ouvido, as vezes, conhecer novas pessoas, saber os pontos fracos de alguém e no lugar de usar contra, ajudar a transformar em pontos fortes. O conhecimento é a base para dominar o mundo das ciências experimentais.

Conhecer e entender como a pessoa que está ao seu lado quando fala sobre as novas experiências tecnológicas. O conhecimento de si nos torna inovador a cada dia, instiga a aprender coisas novas, a compreender melhor o universo do outro, saber das limitações e qualidades de alguém e mesmo assim ficar. Ter paciência e aceitar as diferenças.

Convivência

Ver e estar com as mesmas pessoas todos os dias. Aprender que ninguém é igual, que cada um possui suas qualidades e defeitos. Viver em harmonia entre as pessoas que já conhecemos e aprender a conviver com novas pessoas que por diversos fatores temos que aturar para conviver em harmonia.

Aprender a lidar com as ideias e opiniões diferentes da sua, é aprender a lidar com as diferenças. Viver em um lugar com pessoas as quais se tem consenso e ao mesmo tempo pode ser desentendimento, discursões infinitas, pois sempre haverá

opiniões diferentes. A convivência entre as pessoas pode ser boa ou ruim, as pessoas que irão decidir isso, mas em geral ter uma boa convivência com todos é importante.

Coragem

Algo difícil, mas necessário. O que devemos ter para encarar as situações da vida. Ser capaz de tentar novamente. Persistir naquilo que acredita, pois o medo do fracasso não leva a lugar algum. É preciso ter coragem para correr atrás do que se quer, coragem para arriscar, correr atrás e não desistir em meio as dificuldades, enfrentar novos desafios, fazer o que é necessário, mesmo com medo. Ter força de vontade, levantar e fazer acontecer. É fazer o bem muito as vezes sem pensar em si, se der errado, o mais lindo foi sua coragem.

Corpo

As pessoas costumam preocupar-se com a aparência, muitas vezes acabam até machucando (mutilando) para se sentir bem com seu corpo, ficam doentes com um quilinho a menos ou a mais, esquecem que são uma estrutura física humana e ou animal. Sobre o corpo não podemos rotular, nem regular. Tempo e templo sagrado, extremamente individual, intransferível. Maior motivo para criar autoestima, amar-se cada vez mais. Perfeito ou imperfeito, se aceitar acima de tudo.

Criatividade

Expressar-se através da imaginação, ter facilidade para fazer alguma coisa, criando a arte do seu jeito, da sua forma como resultado de uma mente inspirada pelo encantamento de mundo. Ser criativo é fazer as coisas novas, diferente do que as pessoas estão acostumadas.

Quando se cria algo novo ou reforma algo para melhor, cria-se coisas novas. Seja criativo em tudo, até nos momentos tristes. A criatividade é algo que vem de dentro para fora, admiramos quem cria um mundo novo no mundo. Com uma mente aberta para criar com poucos recursos, se pré-dispõe a colorir e desenhar mundos diferentes dentro de cada um de nós ou numa folha em branco.

Curiosidade

Ser curioso é bom para você buscar algo que não sabe. Buscar aquilo que você ainda não conhece, é essa curiosidade que tem despertado em nós o desejo pelo saber necessário para entender o que está ao seu redor. Uma pessoa curiosa está sempre sedenta por conhecimento, quer descobrir algo misterioso, ir em busca do desconhecido. A curiosidade é fundamental para a aprendizagem, para se ter conhecimento é necessário ser curioso, saber o que está acontecendo, saber mais das coisas e da vida.

Decepção (03)

Criar expectativa e ela não ser alcançada. A grande maioria das decepções vem das pessoas que menos esperamos, depositamos muita expectativa em algo ou alguém, depositamos confiança em uma pessoa por pensar que ela não fosse capaz de fazer algo que você não imaginaria que ela pudesse fazer.

Todos nós passamos por decepções, Acontece sempre depois de grandes expectativas, isso nos permite ficar mais forte e nos ajuda a perseverar naquilo que temos em mente. A decepção é mal vista mas quando somos pessoas maduras conseguimos entender o porquê e o que fizemos para ter acontecido tal ato. Esperar demais de alguém e receber o impensável, receber um descaso de amor, de companhia. Pensar algo bom de alguém e conhecer a face contrária (a ruim).

Depressão (07)

Sentimentos que te tira o prazer da vida e te suga por dentro. Quando você deixa de viver e passa apenas a existir, tudo se torna monótono. Sentimento que te destrói por dentro e que te deixa incapaz de se sentir bem. Um sentimento de incapacidade. Momento monótono, mas jamais será eterno.

Algo que lutei contra por meses e agora posso dizer que estou quase curado, um sentimento insuficiente, incapaz de ser feliz, quando nada te motiva a viver mais, quando seu mundo fica escuro e você não vê. Estado em que o ser humano não tem vontade de realizar suas atividades diárias, sente-se deprimido, desesperançoso e incapaz.

Cuidar do que você ainda tem, você ainda sente algo, você ainda está aqui e isso importa muito. Não garanto que isso passe rápido, mas garanto que quando passar vai ser o melhor sensação do mundo. Você já sentiu isso antes e conseguiu passar. Você pode, você consegue, você é muito forte e sabe disso, tente outra vez.

Não é frescura, são momentos que não sai do seu psicológico. São sentimentos que cansam fisicamente. Destrói a vida, sensação de tristeza, apavorante, sentimentos dolorosos. Um sentimento que te tira do mundo e te leva para um mundo de escuridão no qual te deixa se sentir sozinho. Sentimento de desânimo, descontrole com a vida, se excluir do mundo, vontade de desistir.

Deus (10)

A maior curiosidade que temos em saber da tua existência. Entidade em qual as pessoas acreditam para viver e manter a ordem. Algo em que as pessoas criaram para se ter fé, ou seja, pode ser real ou fictício ou abstrato. Apesar de não vermos Ele ou sentir seu toque e ouvir sua voz, sabemos que estará lá, para nos ajudar e nos acolher quando precisar. Inteligência suprema e superior, um ser divino.

Necessário para sobreviver, Ele é tido como confiança verdadeira, prova de amor, a pessoa que nunca te abandona, sabe seus próximos passos e cuida de cada um deles. O centro das nossas vidas, aquele que nunca nos abandona, nunca solta nossas mãos, nos mostrando o melhor caminho. Nos perdoa e nos guarda, nos protege como ninguém, nos ama incondicionalmente e nunca irá nos deixar. Deus é pai e mãe.

Dificuldades

Momentos difíceis que desgastam a pessoa, por outro lado nos ensinam a ser forte. Nos torna mais forte cada dia, sempre haverá e devemos entender isso. Em toda e qualquer fase das nossas vidas passamos por alguma dificuldade e para os olhos de alguns isso é só besteira.

São necessárias para prosseguir na vida. As pedras na estrada da vida, quando não conseguimos remover ou não aprendemos algo, devemos enfrentar elas, que são necessárias nesse momento da nossa vida e que não é pra sempre, tudo passa, tanto

os momentos bons quanto os momentos difíceis. As dificuldades são barreiras a serem ultrapassadas.

Diversão

Ter a companhia das pessoas que te fazem bem nos momentos de muitas alegrias. Algo que nos relaxa e nos limpa de tudo e de todos os estresses acumulados. Está com pessoas que gostamos, em lugares legais, brincando, dar risadas até chorar. Algo que te deixa feliz, ter o que você gosta, ser alegre, esquecer dos problemas. Ser você mesmo, sem padrão social.

Momentos únicos onde esquecemos os problemas por alguns minutos. Estar bem, motivado, um momento alegre ou divertido, coisas momentâneas nem sempre acontecem, apenas temos que aproveitar. Descansar da semana integral na escola, rir das suas próprias risadas, das situações possíveis de momentos únicos.

Diversidade

Saber que no mundo não existe pessoas iguais e sim diferentes, cada uma do seu jeito, com sua compreensão de mundo, isso torna o mundo mais interessante. Cada um tem o seu jeito, seu próprio estilo, e todos merecem ser tratados de forma igualitária, pois ninguém é melhor que ninguém, as nossas diferenças nos tornam únicos. Aceitar o próximo e o que ele é, aceitar o que pensa e a opinião dele que muitas vezes é criticada por “ser diferente”.

Escola

Lugar de aprendizagens, convivências, relações, dificuldades, maturidade. Lugar público ou privado destinado a levar conhecimentos. Espaço para novas tessituras de novos saberes. A onde passamos um terço da nossa vida aprendendo sobre diversas coisas, estudando para no fim ter ótimas oportunidades de emprego.

Local onde forma-se cidadãos, onde não se aprende só as matérias, mas também a conviver em sociedade, algo pra você seguir e que te forma socialmente e psicologicamente, onde você se sente preso e mesmo assim não desiste.

Segunda cada, local de aprendizado...novas experiências, segunda família. Ambiente que nos ensina a aceitar o outro e conviver com as diferenças. É necessário para o futuro aprender para ir além. Unidos aprendemos e levamos todo o conhecimento para a vida toda.

Esperança (05)

Acreditar muito que uma coisa pode acontecer, assim como temos certeza que a vida acontece. Mostrar que somos capazes de chegar onde queremos. Esperar por aquilo que almejamos, nunca desistir, ter sempre esperança, ter fé que as coisas vão melhorar e que tudo vai melhorar, encher-se de expectativas.

Estresse (02)

Impaciência com tudo e todos, algo que tira você do sério e te deixa irritado. Várias coisas acontecendo ao mesmo tempo que te deixa exausto. Quando não temos mais controle dos nossos problemas. Momentos cansativos, exaustos, infelizmente ligado a irritação. Quando sua paciência se esgota, agimos por impulso, ficando a flor da pele. Acúmulo de problemas não resolvidos, familiares, profissionais e emocionais, conversas inacabadas acabam sobrecarregando a cabeça e o gatilho que impulsiona o estresse.

Estudos

Os estudos são visto como a garantia para um futuro profissional, preparando o sujeito para uma boa profissão. Mantém o cérebro ativado, com conhecimentos atualizados, algo necessário, transforma o sujeito de diversas formas. Uma coisa que futuramente iremos utilizar. Por vezes é cansativo, mas que no final vale a pena, é estressante, porém necessário. Através dos estudos adquirimos conhecimentos, construímos o futuro.

Evoluir (03)

Evoluir dói, mas com o tempo percebemos que é necessário, o ser humano não existe sem evoluir. Deixar de lado o orgulho, saber perdoar (pois todo mundo erra) e melhorar a cada erro. Aprender que nem sempre estamos certos, que precisamos deixar para traz o que não nos fará bem. Entender que as vezes é preciso ceder ao orgulho, entender que é preciso mudar e tudo bem, seja qual for a mudança.

Tornar-se uma pessoa melhor do que você era, evoluir algo seu ou algum sentimento, aprender com os erros do passado. Compreender que há características em você que podem ser aprimoradas. Saber que você está em constante evolução.

Exemplo

Algo que pode ser imitado. Ter alguém como inspiração, como modelo, isso não significa que devemos mudar para agradar ninguém, (algo que não pode ser cobrado). Inspirar os outros através de exemplos é dizer a eles que também são capazes. Que nós também aprendemos com o exemplo de tantos outros, que se permitiram ser multiplicadores, tomando alguém ou algo como exemplo para algo que queira fazer.

Existir (03)

Por saber que a vida não é fácil, que cada dia temos que superar tudo e todos. Saber que é um ser racional dói, as vezes. É estar vivo, sentir todas as emoções da vida, boas ou ruins, é necessário viver e não apenas existir. Saber o seu lugar no mundo, algo que não se escolhe até nascer, depois tem que decidir por existir, ser forte e corajoso para passar por todas as crises e dificuldades da vida. Não teremos nada de graça, assim como a vida, cada pessoa sabe que a dor de existir sempre vai embora. Devemos marcar nossa existência na terra pela leveza e pela capacidade de criar nossos próprios mundos, pois um dia deixaremos tudo isso.

Expectativas

Estar sempre na esperança de que algo vai acontecer. Faz a gente acreditar que vai dar “certo”. Algo criado para com as pessoas, entre outros, e muitas vezes não atingidos. Algo vago, cheio de esperanças, na maioria das vezes, é um grande

erro, pois acabamos nos frustrando com a realidade. Acreditar que as pessoas são capazes de algo, crer que algo possa ser aquilo que você acredita que possa existir, aquilo que te destrói por esperar algo que não aconteceu.

Algo que você idealiza e quer muito que aconteça. O ser humano gosta de adiantar as coisas e com isso criamos muitas expectativas, quando passamos por tudo a gente entende que nunca será como imaginamos. Depositar no outro apenas aquilo que é possível, é mais fácil (numa conversa) perguntar: “posso esperar isso de você?” para que não haja decepção.

Quando você espera determinadas atitudes das pessoas. Estar na espera de que algo aconteça. Criar expectativa nem sempre é bom, pois acabamos nos decepcionando.

Experiência (03)

Nada é por acaso, aprendemos muito com cada experiência. As questões já vividas são tidas como experiências e de tanto viver já virou hábito. Passar por algo que irá servir como um conhecimento, algo que vem com os d(anos) e que são feitas para guardar na memória e necessárias para o futuro. A experiência faz parte da nossa evolução e expectativa. Todos os momentos, as situações que vivemos, comidas que experimentamos, as músicas que ouvimos são experiências.

Família (14)

Conjunto de pessoas que compartilham laços afetivos ou de sangue, que te dá apoio e suporte quando necessário ou pelo menos deveria, é quem sempre está ali, quem liga para saber como está, quem realmente se importa com você. É a base de tudo, para deixar pior ou melhor. O primeiro contato com amor, felicidade e alegria, conjunto de pessoas que vivem juntas ou compartilham do mesmo sangue, nem sempre é seguro, às vezes são tóxicas. Pessoas que podem estar sempre ao seu lado, sendo seu abrigo ou simplesmente tóxico como a minha. Muitas pessoas se prendem a família como sendo seu alicerce, mas existem amigos que são mais família do que quem tem nosso sangue.

Fé (12)

Acreditar veementemente no que não vê, algo necessário para vivermos, que nos faz acreditar em várias coisas. Acreditar em algo ou alguém, acreditar que nada é impossível, acreditar em algo que a existência não pode ser provada, mas só importa o fato de acreditar. Acreditar que algo existe e sentir que possa acontecer, acreditar que tudo é possível. A fé nos faz acreditar em algo que existe mas que não podemos enxergar. É algo invisível, algo que não se pode ver, mas se sente, é como o vento, não vejo, mas sinto. Temos fé em coisas que acreditamos ser possível, cada uma do seu jeito, fé é crer em algo.

Felicidade (17)

Não existe ser feliz o tempo todo, existem momentos felizes. Quando alguém se sente alegre, esse sentimento faz bem. São esses pequenos momentos que marcam nossas vidas, que valem mais que qualquer tesouro, todavia a felicidade não se limita, ela acontece onde menos imaginamos, fazendo com que o coração bata cada vez mais forte nos momentos que nos marcam com maior intensidade. Saber que tem infinitas possibilidades de aprender despertou no sujeito o desejo de mudar, de reinventar-se, de ser feliz.

Futuro (03)

É algo cheio de surpresas, não sabemos o que pode acontecer, depende do que faço no presente, as escolhas que faço hoje vão ter consequências no futuro. É o resultado das ações feitas no agora, presente, aquilo que nos tornaremos, algo que não sabemos que vai acontecer, aquilo que está longe do agora. No entanto, se quer algo amanhã começa a fazer hoje. Se o futuro é o meu, nada melhor que eu para fazê-lo acontecer, muita gente vê o futuro como independência, mas nem é.

Gratidão (04)

Sentimento gerado a partir da percepção da sua vida, dos seus relacionamentos, das suas oportunidades e ser grato por tudo e todos. A gratidão vem com as cicatrizes (maturidade), por todas as experiências e por todos os

acontecimentos, por mais que passe despercebido, deve-se sempre agradecer pelo hoje, pelo que temos e pelas possibilidades de poder escolher e trilhar os caminhos da vida. A gratidão remete a ideia de agradecer algo que já passou, que superamos, que experienciarmos e pelos quais estamos aqui.

Humanidade

Um coletivo de pessoas em eternos aprendizados, um grupo de humanos que vivem no universo, no entanto percebemos uma humanidade-desumana. Acreditamos que uma pessoa pode mudar mesmo tendo errado várias vezes e isso é necessário, pois sem ela não estaríamos aqui.

Ideia

Algo que pensamos para solucionar algum problema. Algo extraordinário que te vem em mente. Resolver algum problema ou aderir outras para mudar ou refazer algo. Saber inovar a cada dia, imaginar algo novo, algo que você pensa.

Importante

Aquilo que tem um significado enorme. É uma prioridade na sua vida, algo muito interessante e valioso, pessoas que você ama. Alguém que você se importa. Algo que damos prioridade. Lembrar de viver nessa vida corrida. É importante reconhecer seus erros para evolutivamente se tornar uma pessoa melhor.

Incerteza (02)

Indecisão, dúvidas, falta de confiança em si ou no outro, algo que você não sabe se estar certo. Viver, uma grande incerteza. Somos um poço de incerteza. Da vida ser muito cruel. Não ter certeza se fez a melhor escolha. Não saber se sim ou se não. Uma dúvida se deve fazer algo ou não. Não ter certeza que quer fazer.

Intensidade

Conviver com pessoas diferentes, ser intensa ou viver a intensidade muitas vezes é algo doloroso. Algo que excede, transcende, que ultrapassa limites, que nos convida a se jogar de cabeça em algo, se entregar a situações ou momentos, sem medo de nada, se entregar por completo. Porque o mundo se acha tão intenso e ninguém faz nada? Algo forte e profundo, o modo que pode afetar as pessoas, para mim pode ter um baixo impacto, para outros não.

Irmãos (03)

De sangue ou não são pessoas que desenvolvemos afeto para com eles, brigamos mas não ficamos distantes. São pessoas que escolhemos confiar nossas derrotas, conquistas, acertos, falhas e tudo aquilo que engloba nossa vida, os melhores da família que compõem laços de sangue e que estão ao seu lado, as vezes tóxicos, mas não precisam ser de sangue.

Com quem a gente divide os pais, as vezes, o quarto e com certeza, a vida. É o amor, mais é o amor que as vezes traz uma raiva, as vezes não são aquilo que esperamos, mas não consigo ficar sem, são meus amigos.

Podem se tornar companheiros, uma amizade inexplicável acontece entre eles, ajudam-se mutuamente. Não pegaria um copo com água para ele, mas doaria um rim. Um membro da família que está sempre ao seu lado. Um ser que te estressa, te atormenta, mas, além de tudo amamos.

Juventude

A fase de experimentar, conhecer, testar e aprender sobre quem você é. Fase em que os jovens vivem momentos, algo que não aproveita como deveria. Fase pela qual todos passam e na maioria das vezes é bastante conflituosa e cheia de descobertas. Devemos aproveitar, viver intensamente.

Lágrimas (02)

Tanto pode ser boas quanto ruim, em sua maioria e gerado a partir do sentimento de tristeza. Servem para purificar os olhos. Cai mas também molha. Uma forma de liberar os sentimentos e de promover a reflexão sobre as nossas escolhas.

Pequenas gotas no mar de emoções que compõem a vida quando o coração está cheio de tantos sentimentos quando a dor não cabe mais no peito.

Lar (04)

Não exatamente a nossa casa... essa palavra pode dar sinônimo a algo, alguém... Lugar onde segurança, carinho e conforto são transmitidos, um lugar seu e que te faz bem, onde você se sente em casa, onde você se sente bem, onde o coração está confortável. Onde se vive sendo você, sua moradia. Lugar onde você sempre vai poder estar ou voltar.

Lealdade

Ser honesto consigo mesmo. Algo difícil, raro... manter-se fiel à alguém independente das dificuldades que surjam no caminho, nunca trair ou abandonar, ser verdadeiro com as pessoas. Não machucar quem você ama independente de tudo que aconteça. Alguém que podemos confiar.

Leveza

Sentimento de liberdade, ter a consciência tranquila, ter respeito pelo próximo e levar a vida sem pesos, reclamações, inutilidades. Estar sem nada afligindo seu coração, procurando sempre viver a vida leve como uma pena. Um jovem não se sente leve, sempre tem algo que o deixa inquieto e que o faz correr contra o vento. Sentir-se livre, leve e solto.

Liberdade (05)

Ausência de algumas regras, mas com aparecimento de outras. Poder ser quem quiser, expressar opiniões sem ser criticado, pensar sem ser regulado, sem medo de julgamentos, ser apenas você. Libertar-se de algo que provoca incômodo é direito de todo indivíduo.

Livros (02)

Nossa inesgotável fonte de conhecimento, um portal para mundos plurais, mundos imaginários, mundos da vida. Uma maneira de escapar da realidade do mundo, se distrair, aprender mais. Cheirosos, nos fazem viajar, viagens realizadas sem passaporte. Não tenho medo de passar horas e horas nas páginas dos livros, eles são meu refúgio.

Luz (02)

Uma chave para os caminhos escuros da vida. Algo que você acredita, tem esperança. Uma ideia. Ser uma boa pessoa na vida de quem mais precisa. Esperança de que os tempos sombrios irão passar, algo que ilumina. Brilhar, pois se sua estrela apagar foi sua culpa. O que ilumina. Iluminação, algo que ilumina, ex: o sol.

Mãe (11)

Heroína que em muitos casos assume a responsabilidade de ser pai e mãe ao mesmo tempo, tornando-se “pãe”. É a nossa primeira casa, a rainha absoluta das nossas vidas, nossa única amiga de verdade, a pessoa mais corajosa e batalhadora, um ser indescritível, maravilhoso e está ao nosso lado sempre. O maior vínculo que existe entre o ser humano é o amor materno. Ela é a razão da vida de todos os filhos.

Mágoas

Sentir-se decepcionado por algo que alguém te disse. Questões que te machucaram muito. Coisa que só afeta quem sente. Rasgos na cortina da vida que podem ser reparados, mas jamais esquecidos, quando não esquece algo que te fizeram. As atitudes de pessoas que você ama e que te machucam, não devemos guardar, faz mal.

Maturidade (02)

Entender que todos erram, inclusive você. Crescer com os d(anos), saber reconhecer seus erros. Que não somos perfeitos, somos feitos de erros e acertos e a

vida nos mostra isso todos os dias. Capacidade de crescer e aprender com seus erros, algo que se conquista com o tempo as vezes ficamos maduras e as pessoas não se dão conta, se bem que nem sempre funciona assim. Saber lidar com certas situações, saber perdoar mesmo quando a pessoa não se desculpa. Sempre resolver os problemas com diálogos. Sempre ter mente aberta e nunca questionar a vida do outro pois você não é superior a ninguém. Saber que nem sempre teremos um sim.

Momentos

Partes da vida que se forem importantes serão eternos, são coisas que acontecem na vida de cada um, únicos e especiais, devem ser guardados na memória. Alguns momentos não podem ser explicados, as vezes fazemos registros a partir deles, outras vezes eles passam despercebidos por alguns. Quando são bons passam mais rápidos, isso porque associamos os momentos com a experiência de tempo e espaço. Coisas boas e ruins que surgem em sua vida. Felizes, alegres ou tristes farão parte do seu dia.

Morte

Nunca estaremos preparados para conviver com ela, quando paramos de respirar chegamos ao fim da vida e das experiências de mundo. Uma certeza, é algo inevitável, ninguém pode impedir, o fim da vida, o futuro certo de todos. Diferente da crença popular, não o fim, mas um recomeço, fim de algo ou de alguém, percurso pra chegar aos céus. A morte não é tão ruim, se pensarmos bem iríamos para o paraíso. Descansar da vida.

Mudar (02)

Evolução constante para o homem... algo necessário. Precisamos mudar, estamos em constante evolução para ser cada dia melhor. Às vezes é bom mas tem coisas que a vida não muda. Deixar de ser quem é, mas permanecer com a mesma essência.

Música (05)

Descrevem os nossos sentimentos, acalma a alma, traz calma, um suporte que te ajuda e te acalma e te faz bem. Uma forma de arte como múltiplos estilos. Dádiva dada aos homens para que consigam expressar seus sentimentos e extravasa-los, Som produzido por instrumentos musicais e que despertam sentimentos, podem transmitir alegrias. Calmante para o estresse ou problemas pessoais.

Oportunidade

Para mostrar o que somos e o que sabemos. Novas chances de algo melhor. A chance de conquistar algo, algo que possa te ajudar em seu caminho. Mudar a vida. Não são todos que tem. São poucas, tem que correr atrás. Portas abertas em nossas vidas. Algo que surge quando você já não esperava mais. Devemos agarrar com as duas mãos. O que mudaria a sua vida para melhor.

Organização

Estar bem resolvido de tudo, se for de sentimento melhor ainda. Ser organizado pois a vida exige. Saber pôr as coisas em seu devido lugar. Manter tudo no seu devido lugar, tanto material quanto espiritual.

Paciência (03)

A capacidade de não “rodar a baiana” na cara de alguém, ter calma para tudo. Há um tempo certo para tudo, esperar. Saber que nem tudo é como quer ou nada que quer. Ter calma pois um dia você consegue. Tempo certo para tudo. Algo que depende muito de você, sé é muito ou pouca. Sempre esperar mas nunca parar de correr atrás.

Paz (11)

Estar de bem com sigo mesmo e com os outros, tranquilidade. Deitar e dormir. Música, mar e um bom livro. Disposição para enfrentar a vida. Estar sem conflitos, brigas. Leveza, alívio e sossego.

Pensar (04)

Saber o que falar. Raciocinar, o que nos diferencia dos animais. Somos capazes de chegar tão longe. Nos leva a muitas coisas. Exercitar o cérebro. Um ato de maturidade que lhe fará bem. Sair da mesmice. Mente vazia, oficina do diabo.

Perdoar (03)

Não deixar que algo te afete mais. Deixar o orgulho de lado, perdoar a quem mais ama. Ensinar o amor. Não significa esquecer, mas devemos permitir a nós mesmos uma nova chance. Todos merecem uma segunda oportunidade. Um peso que sai de si. Deve-se ter muita maturidade para perdoar uma pessoa de coração. Difícil, mas acontece. Sempre perdoar o outro, pois as vezes o orgulho pode te machucar.

Persistir (03)

Nunca desistir de nada. Insistência em algo, lutar pelo que te faz bem. É bom, mas se persistir nos erros, cancela.

Pessoa (04)

Um ser humano que erra.

Realidade

O que temos que viver e as vezes não é muito bom. As vezes não é fácil para todo mundo e que te faz mal, mas que devemos enfrentar e lutar. A realidade é bastante cruel, difícil e muito injusta, porém, tem seu lado bom, a realidade é a preparação para te fazer uma pessoa forte, que por mais quedas que você leve, você levanta e segue em frente, sem pensar em desistir. Não viver em história de crianças (contos de fadas), acordar para a vida, não ficar escondido na barra da saia da mãe, ela nem sempre vai estar contigo.

Realização (03)

O que se realiza pondo em prática. Sentir-se realizado, sentir-se bem consigo e com os demais, pois você cumpriu algo que tanto queria. O que o meu futuro vai trazer mediado pela ações do presente.

Reciprocidade (02)

Ter o caráter de fazer algo pelo próximo, o mesmo que ele faz por você, correspondência mútua. Saber doar amor e doar-se mutuamente. Quando alguém te faz as mesmas coisas. Nunca fazer para o outro o que não queremos para nós. Quando você tem sentimento por uma pessoa que sente a mesma coisa. Sentimentos correspondidos. As pessoas sentem o mesmo por ti. Recebimento do que você dá as outras pessoas, ou seja, se você dar coisas boas, irá receber coisas boas.

Recomeçar (02)

Renovar-se faz parte do processo de viver. Saber começar de novo de onde caímos, se permitir começar de novo, deixar o passado em seu devido lugar, iniciar do zero. Deixar para trás aquilo que não venha fazer bem, que te impeça de fazer a vida acontecer.

Relacionamento (02)

Capacidade de conviver bem com outra pessoa, um convite para compartilhar a vida. Algo entre duas ou mais pessoas. As vezes pode ser desgastantes, mas na maioria das vezes é top. Um amor entre duas pessoas. Coisas que as pessoas criam para poderem se sentirem completas.

Resiliência (02)

Nos permite sair das próprias dificuldades e se superar, aprender com elas. Se adaptar a mudanças. Capacidade de se adaptar a algo. Estar de bem consigo mesmo. Ter a capacidade de se adaptar a novas realidades.

Saudade (04)

Daquilo que já foi, de algo ou alguém que já passou ou não vamos ver, da pessoa que nos faz bem, que nos sentimos bem e confortáveis ao lado delas. Pode ser entendida como algo inexplicável ou pensada como um vazio deixado por alguém que você ama e que está longe.

Sentimento (05)

Uma coisa inexplicável. Algo que todos sentem e que varia. Tristeza, alegria... todos tem. Ser sentimental as vezes é um porre, mas faz parte do ser humano. Algo que as pessoas tem demais. Algo que não se explica.

Silêncio (03)

As vezes o silencio faz mais barulho que uma banda fanfara.

Sinceridade (02)

Sempre viver a verdade, ser transparente, falar abertamente. Aquele que fala o que sente de verdade é considerado como uma pessoa sincera. O que ultimamente falta nas pessoas e o que outras confundem sinceridade com falta de respeito ao próximo. Melhor ser sincero e ferir os sentimentos da pessoa do que mentir e no final das contas destruir aquela amizade. Ser você, falar a verdade na qual irá doer menos do que acarretar várias mentiras.

Sonhar (09)

Nunca desistir. Para algumas pessoas pode ser algo imaginário ou real, o sonho está associado ao que desejamos alcançar, sempre. As vezes quando fechamos os olhos, algo que ocorre enquanto dormirmos. Alguns sonhos são pesadelos.

Sorrir (04)

Mesmo que as coisa estejam ruins, demonstre a felicidade. Se sentir bem, faz bem, algo que não tenho feito muito, algo que ocorre em situações alegres e que ao meu redor está cada vez mais raro.

Superação (02)

Superar algo é seguir em frente, dar a volta por cima. Superar dificuldades e problemas. Saber evoluir.

Tempo (02)

Algo longo e que demora. Existe para todo mundo, não importa a morte. Cruel. Passa rápido. Saber que qualquer começo tem um fim, ou seja, a partir do momento em que você nasce você também morre, então aproveita tua vida agora e não deixe pra depois. A duração de algo. Saber esperar cada coisa na vida, viver o tempo presente, viver o agora.

Tranquilidade

Saber lidar com os problemas. Sentir-se despreocupado, estar em paz. Não se estressar por coisas pequenas. Saber que tudo passa.

Tristeza (06)

Momentos ruins e de dificuldades no decorrer da vida. Algo infeliz. Não ganhar o que espero, como por exemplo a caneca colorida. Nunca colocar expectativa em algo que possa te machucar.

Vazio

Nunca devemos sentir... metaforicamente um buraco negro. Lugar ou objeto que não tem nada, também se dá aos sentimentos dentro de mim. Espaço...

sentimento de vazio que machuca sempre, por vezes pensamos que nunca vai acabar mas uma hora acaba.

Verdadeiro

Alguém que fala a verdade, algo concreto. Ser sempre verdadeiro é a chave para ser uma boa pessoa. Alguém que nos faz confiar, inspira confiança. Ser você mesmo, não se tornar alguém falso para se encaixar em coletivos. Nunca mentir para as pessoas e para si mesmo.

Vida (22)

A vida é linda! Repleta de altos e baixos, sempre por acontecer, a vida tem um começo e fim, a vida é algo que se vive e que chega ao seu final, é muito mais que existência. É uma experiência que se mistura as demais sem perder a sua essência. Viver tem algo de bom, mas que também tem seu lado ruim, não devemos desperdiçar a vida com coisas fúteis. Viver intensamente é o convite que nos fazemos sem se importar com o que vão pensar de nós.

